Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de
Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**
**CASA DE OSWALDO CRUZ**

# *RENÉ GARRIDO NEVES*

**(Entrevista)**

**Ficha Técnica**

Projeto de pesquisa – Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – René Garrido Neves (RN)

Entrevistadora – Laurinda Rosa Maciel (LM), Maria Leide W. de Oliveira (ML) e Márcio da Silva Campista (MC)

Data – 21/09/2001 e 02/10/2001

Local – Rio de Janeiro/RJ e Niterói/RJ

Duração – 4h40min

Responsável pelo sumário – Angélica Estanek Lourenço

Responsável pela revisão de sumário - Monique de Jesus Assunção

Responsável pela resenha biográfica – Angélica Estanek Lourenço

Responsável pela revisão de resenha biográfica – Monique de Jesus Assunção

Responsável pela transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Responsável pela conferência de fidelidade – Mariana Santos Damasco

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

NEVES, René Garrido. *René Garrido Neves. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)*, 2001. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 144p.

## Resenha biográfica

Dr. René Garrido Neves, nasceu dia 17 de março de 1929, em Niterói, Rio de Janeiro. Sua opção inicial era pelo atletismo, por isso estava mais propenso a seguir a carreira militar, chegando mesmo a fazer prova para a Academia Militar das Agulhas Negras. Em 1948, passou no vestibular para Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói.

Aponta como responsável pelo seu interesse pela Dermatologia as aulas do professor Paulo de Figueiredo Parreiras Horta. Ao terminar a graduação, em 1953, foi contratado pelo Laboratório de Anatomia Patológica, no Instituto de Leprologia.

Tem vários títulos de pós-graduação, dentre eles o de Especialista em Leprologia, pelo Serviço Nacional de Lepra, em 1956. De Especialista em Dermatologia pela Sociedade Brasileira de Dermatologia, em 1967, e de Especialista em Hansenologia, pela Sociedade Brasileira de Hanseníase, em 1974.

Foi nomeado diretor do Instituto de Leprologia, em 1964. Entre 1969 a 1974, esteve no cargo de Chefe de Anatomia Patológica do Instituto de Leprologia. Após a transferência do Serviço Nacional de Lepra para Brasília, foi nomeado Dermatologista no Instituto do Câncer onde lutou para implantar o atendimento ao câncer de pele.

Atuou como professor titular da UFF, substituindo o professor Rubem David Azulay, por volta de 1982**.** E em 1986, assumiu a presidência da Sociedade Brasileira de Dermatologia.

## Sumário

Fita 1 – Lado A

Seu nascimento e infância em Niterói, no Rio de Janeiro; as atividades profissionais de seus pais e sua intenção de seguir a carreira militar; lembranças do Curso Científico no Liceu Nilo Peçanha, em Niterói; a opção pela Medicina e o ingresso na Faculdade Fluminense de Medicina, atual UFF, em 1948; comentários sobre professores, colegas e o fim da obrigatoriedade da tese para obtenção do diploma no curso de Medicina.

Fita 1 – Lado B

Sobre a opção pela Dermatologia e as aulas do professor Paulo de Figueiredo Parreiras Horta e seu assistente, Rubem David Azulay; o estágio no ambulatório de Dermatologia da Universidade, em 1951; a contratação para trabalhar no Laboratório de Anatomia Patológica, no Instituto de Leprologia (IL), após a formatura, em 1954; suas perspectivas de trabalho durante a graduação e a primeira experiência como professor da parte prática do Curso de lepra, oferecido pelo Ministério da Saúde, em 1954; os cursos de extensão oferecidos pela Sociedade dos Internos da Santa Casa do Rio de Janeiro, tais como o Curso de Dermatologia, em 1952; comentários sobre o curso de Histopatologia da Pele com o professor Hildebrando Portugal, na Universidade do Brasil, em 1962, a impossibilidade de fazer o curso de Micologia e o pouco valor dados à qualificação profissional no país; o concurso para auxiliar médico da Secretaria de Saúde e Assistência do Distrito Federal, de 1953 a 1954; a transferência do IL para a fundação Oswaldo Cruz, na década de 1970; sobre a Campanha Nacional contra a Lepra e o Dr. Orestes Diniz, diretor do Serviço Nacional da Lepra à época, comentários sobre Ernani Agrícola.

Fita 2 - Lado A

Comentários sobre a política de isolamento compulsório; o funcionamento do Hospital Frei Antônio, em São Cristóvão/RJ; o Curso de Leprologia, do Serviço Nacional de Lepra, em 1956, cujos professores eram Rubem David Azulay e Avelino Miguez Alonso, entre outros; as mudanças na estrutura do curso, como enviar os professores para os estados para realizar cursos intensivos; as atividades do IL; a pesquisa para a implantação da Sulfona no Brasil; comentários sobre o Dr. Diltor Vladimir Araújo Opromolla, médico do Instituto Lauro de Souza Lima, em Bauru (SP); as pesquisas do Dr. Inálio de Castro; o curso de Especialização em Lepra, do Departamento Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, em 1957.

Fita 2 – Lado B

As atividades do IL no combate a hanseníase após a descentralização; os critérios das comissões de alta; relato de um estudo de caso em paciente. Seu trabalho como diretor do IL, em 1964; o projeto com a Organização Mundial de Saúde, para tornar o instituto um centro de referência em pesquisa de Sulfona; algumas dificuldades; a produção da Lepromina. O trabalho como Chefe de Anatomia Patológica do IL, em 1969. Comentários sobre os vínculos empregatícios e os salários dos funcionários públicos que trabalham na área da saúde.

Fita 3 – Lado A

Outras observações sobre a incorporação do Instituto de Leprologia a Fundação Oswaldo Cruz, na década de 1970; a biblioteca do IL especializada em hanseníase; relato sobre a transferência da área do IL para a Irmandade da Candelária, em 1976; e a transferência do Serviço Nacional de Lepra para Brasília; as tentativas de resistência; sua ida para o Instituto do Câncer; as dificuldades de implantação do serviço de atendimento ao câncer de pele; o curso de Dermatologia, de 1952.

Fita 3 – Lado B

Os estágios oferecidos pelo IL; a assessoria dada pelo Instituto para diagnóstico de lepra de outros estados e até de outros países, como a Guiana Holandesa; sobre o Dr. Lauro de Souza Lima e suas atividades com a hanseníase; sua carreira de docente como professor titular da Universidade Federal Fluminense, em 1986; as atividades do Dr. Rubem David Azulay; sobre as técnicas de laboratório para diagnóstico de lepra; o trabalho como Assistente do Serviço de Dermatologia, em 1958.

Fita 4 – Lado A

As atividades como presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia, em 1986; sobre a Associação Brasileira de Leprologia e o simpósio acerca da utilização da vacina BCG contra a lepra, em ??; o primeiro Curso de Dermatologia Tropical realizado em 1979, na cidade de Manaus, Amazonas e as circunstâncias da realização do curso em Porto Velho, Rondônia; comentários sobre o médico Abraão Rotberg; o ensino da Dermatologia no Brasil; observações sobre a catalogação de seus artigos publicados; as circunstâncias de sua aposentadoria, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1979; como se deu a organização da pós-graduação na UFF, durante o período em que trabalhou como Coordenador, sendo, ao mesmo tempo, aluno.

Fita 4 – Lado B

Lembranças de situações vivenciadas durante o curso de pós-graduação; seu trabalho como avaliador da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) nos cursos de pós-graduação; as circunstâncias de sua ida para a UFRJ, como professor titular em Dermatologia, em 1992 e como foi realizado o concurso; os títulos de Especialista em Dermatologia pela Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD), em 1967, e de Especialista em Hansenologia, pela Sociedade Brasileira de Hanseníase (SBH), em 1974; o concurso para médico dermatologista do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), em 1973; sua formação musical em teoria e solfejo pelo Teatro Municipal de Niterói, em 1939.

Fita 5 – Lado A

O Curso de Pós-Graduação Médica Carlos Chagas, realizado em 1985, no Instituto de Pós-Graduação Carlos Chagas; a diminuição da carga horária da disciplina Dermatologia na graduação, atualmente e o maior interesse dos professores e alunos na área de estética; sua participação em congressos; a meta de eliminação da hanseníase no Brasil e o alto índice dos casos da doença; a importância da mudança do nome lepra para hanseníase.

Fita 5 – Lado B

O estigma que envolve a doença; comentários sobre a proposta de Abraão Rotberg para a adesão internacional do termo hanseníase e o embate deste com Luís Marino Bechelli devido a isto.

Data: 21/09/2001
Local: Rio de Janeiro/RJ

**Fita 1 – Lado A***

LM: Projeto Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes, entrevista com o doutor René Garrido Neves, primeira entrevista, fita número um, hoje é dia vinte e um de setembro de dois mil e um e as entrevistadoras são Laurinda Rosa Maciel e Maria Leide W. Del Rey1. Bom Dr. René então eu já falei para caramba agora é hora do senhor falar para gente, não é? Então a gente queria começar...

RN: Você pode... vai seguir um roteiro não é?

LM: Pelo começo mesmo, é.

ML: É um roteiro a partir do seu currículo...

LM: É a partir do seu currículo.

RN: Sei. Está muito bem.

ML: E a partir de um roteiro que a gente tem.

LM: Não é uma coisa assim de pergunta e resposta...

RN: Sei.

LM: Não é um bate bola.

RN: Está muito bem, está bem.

LM: Mas, enfim, a gente queria...

RN: Mas seguindo pelo menos um roteiro.

LM: Isso. Então a gente queria começar e gostaríamos que o senhor falasse pra gente primeiro, seu nome todo, onde o senhor nasceu, quando foi que o senhor nasceu, o nome dos seus pais, se o senhor tem irmãos, de onde é a sua família... enfim contasse um

---

* LEGENDA:
Palavra sublinhada – demonstra ênfase na fala.
Palavra em *itálico* – não pertence à Língua Portuguesa.
Palavra em **negrito com um ponto de interrogação junto** - é porque não se tem certeza dos fonemas ou da grafia.
(...) - é para demonstrar silêncios ou pausas na fala, como se o orador estivesse pensado, ou tiver sido interrompido pela fala do outro, ou qualquer coisa equivalente.
Palavras em **(negrito e entre parênteses) -** necessidade de explicar algo ocorrido e estranho à fala, como tosse, riso, pigarro, batidas de marcação da fala, toque de telefones etc.,
(inaudível) – palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.
1 Por falha da entrevistadora, foi omitido nesta apresentação o nome de Márcio Campista que também estava presente à entrevista.

pouquinho pra gente resumidamente ou de uma forma mais extensa aí é com o senhor, um pouco sobre a sua infância... entendeu?

RN: Está bem.

LM: Sobre sua família um pouquinho...

RN: Está bem.

LM: Tá?

RN: Não omitindo nada. (**risos**)

LM: (**risos**) Aí é com o senhor, o senhor é quem sabe.

ML: (**risos**) É seu julgamento.

LM: (**risos**) Aí o senhor é quem sabe.

RN: Muito bem, quando você der a partida eu começo.

LM: Não, o senhor já pode começar já está gravando.

RN: Bom, eu nasci em Niterói num dia de domingo.

LM: Olha!

RN: Parto em casa e tenho a impressão que a parteira usou até fórceps.

ML: É mesmo? (**risos**)

RN: Não vai entrar isso, é claro (**risos**) porque dá... dá-me sua mãozinha aqui...

LM: Sim. (**Pausa**) olha!

RN: Esses caroços aqui no coro cabeludo...

LM: É capaz.

RN: Que eu nunca mostrei nem à Maria Leide... (**risos**) isso é brincadeira, isso é porque eu sou brincalhão.

LM: Que bom!

RN: Mas então eu nasci no dia 17 de março de 1929, eu tenho, portanto 72 anos a minha mãe era professora primária estadual e o meu pai trabalhava na imprensa nacional. Eu convivi na minha infância... Morei ao lado do colégio da minha mãe...

LM: Sim.

RN: Então eu participava...

LM: Do colégio que ela dava aula?

RN: Do lado do colégio que ela dava aula, então eu tinha dentro dos meus ouvidos e com uma memória assim... ruídos sempre de crianças estudando e ruídos das brincadeiras da época do recreio chamado, não é? E essa minha convivência e com a minha mãe que dedicava... ela foi professora e trabalhava de manhã, a tarde é a noite.

LM: Nossa!

RN: Essa dedicação um tanto exagerada, talvez, sempre que tinha oportunidade de eu ganhar.... ter algum..... dando aula. eu não queria eu não queria ser aquilo que depois eu fui descobrir talvez mais tarde de gostar de dar aula mas no início não. A minha primeira aluna foi arranjada até por minha mãe, era uma moça que ia fazer um concurso público e eu acabei aceitando dar umas aulas de matemática.

LM: Certo.

RN: E surpreendentemente essa moça passou em primeiro lugar e a minha primeira remuneração foi um presente que ela me deu.

LM: E o senhor tinha que idade nessa época? Estava no segundo grau por aí?

RN: Não eu estava no ginásio não é?

LM: No ginásio.

RN: Estava no ginásio não é? Bom, que mais que você queria saber? Meu pai...meu pai era um homem ligado a Imprensa Nacional, conhecia tudo sobre jornais, sobre... foi amigo de Paulo Aquiles que foi diretor do Museu Nacional, foi amigo de... amigo como funcionário do Museu Nacional onde trabalhou... como é aquele do Museu Nacional? Era o... esqueci agora no momento depois a gente volta.

LM: É, depois o senhor lembra.

ML: Seu pai trabalhava lá no Museu Nacional?

RN: Chegou a trabalhar no Museu nacional e para chegar no Museu Nacional, nós que morávamos em Neves, em São Gonçalo...

LM: Neves é São Gonçalo não é? Onde o senhor...

RN: São Gonçalo.

MO: O senhor é Neves de Neves? (**risos**)

RN: Neves de Neves.

LM: É pois é.

RN: Então ele para chegar no seu trabalho que era em São Cristóvão ele pegava um bonde, pegava uma barca, pegava outro bonde...

LM: Bonde, é.

RN: Bonde não, ele pegava um trem para chegar em São Cristóvão.

LM: Nossa! Que viagem, hein?

RN: Por isso... é era uma viagem. Por isso ele saía de casa bem cedo e chegava muito tarde.

LM: Muito tarde!

RN: Eu só via o meu pai aos domingos praticamente porque cedo eu estava dormindo, quando ele chegava eu estava dormindo.

LM: É....

RN: De modo que...

LM: E o senhor tem irmãos Dr. René?

RN: Não, não tenho irmão.

LM: É filho único?

RN: Filho único, filho único.

LM: Hum, hum. E me diga uma coisa quando que começou a aparecer o interesse pela medicina na sua vida isso foi...?

RN: Foi tardio.

LM: Ah sim.

RN: Eu apesar de ser... ter esse físico magrinho e tal coisa eu praticava todo tipo de esporte. Gostava de futebol, andava com o pessoal que jogava basquete... que jogava... eles jogavam bem, eu era sempre para substituir ou qualquer coisa assim então eu gostava de atletismo. E a carreira militar oferecia uma coisa, é que você entrava muito jovem e poderia fazer uma carreira, para quem estava..... era jovem podia... a atração pelas facilidades de exercícios e tudo o mais eu como andava com o grupo que praticava esporte eu achava que seria interessante eu entrar para a carreira militar. Cheguei a fazer concurso na Escola Militar de Resende e felizmente eu passei na prova mais difícil e perdi na mais fácil, eu passei em trigonometria que era um bicho de sete cabeças, fiz o exame lá em Resende e perdi em geometria.

LM: Olha!

RN: Mas eu era muito novo aí pensei vou tentar no ano seguinte.

LM: Foi AMAN não é?

RN: Não  AMAN é...

LM: Academia Militar das Agulhas Negras é.

RN: Militar das Agulhas Negras aí eu voltei, voltei... felizmente eles nos liberavam aqueles que não passaram na prova me liberaram na véspera do carnaval, eu gostava de carnaval.

LM: Ah, é mesmo?

RN: Muito, muito (**risos**).

LM: Ah, que beleza!

RN: (**risos**) Aí eu cheguei e me preparei no ano seguinte para fazer o concurso tendo em vista que daqueles amigos meus Geraldo Miranda Graça e Nilton Lima Rocha eles haviam passado.

LM: E esses eram seus colegas de segundo grau?

RN: Colegas de ginásio, de ginásio...

LM: De ginásio...

RN: De ginásio, da mesma turma e tal todos entraram...

LM: Então essa prova, Dr. René ela era quando o senhor saía do ginásio e ia para o segundo grau?

RN: Ia para segundo grau.

LM: Ah!

RN: Podia fazer...

LM: Então o senhor era menino, tinha 15...

RN: Não, não, não. Isso não entra na gravação mas eles abriram a exceção naquela época... para a pessoa fazer o exame direto... não era depois do científico já os amigos...

LM: Era depois do científico é.

RN: É mas eles abriram a facilidade quando estava... eu fiz esse concurso no primeiro ano científico porque eles abriram uma exceção porque tinha o filho de algum Marechal, General, sei lá o quê que estava nessa situação...

ML: Aí ele entrou junto.

RN: Para ele entrar já direto.

LM: Ah entendi.

RN: Então eu teria que ficar mais um ano para terminar o científico e fiz...

LM: Entendi.

RN: Foi uma tentativa de fazer não é?

LM: Certo.

RN: E quando eu terminei realmente cheguei a me inscrever para fazer o concurso no ano seguinte. Aí é que foi a definição, fiz a matrícula e tudo eu disse assim....

LM: Será que é isso que eu quero?

RN: É, mas não é isso que eu quero.

LM: É pois é (**risos**).

RN: Não é isso que eu quero, não fui lá e resolvi fazer concurso para a faculdade de medicina.

ML: O senhor tinha que idade?

RN: Que idade eu tinha...? Eu.....11, 12, 13, 14...

LM: Em 48? O senhor tinha 19 anos.

RN: Não, não.

LM: Não?

RN: 19?

LM: É o senhor entrou na faculdade em 1948.

RN: Ah, sim! Deve ser isso, deve ser isso.

LM: 18 para 19 anos não é?

RN: Aí aconteceu um fato surpreendente para mim porque naquela época não havia cursinhos.

LM: Certo.

RN: Eu fiz o curso no Liceu..... Nilo Peçanha em Niterói...

LM: O Segundo grau é. stop

RN: Que era um colégio excelente! Nós tínhamos um professor de física que nós estudávamos desesperadamente no máximo conseguíamos tirar seis ou sete porque ele dava umas provas terríveis, ele era professor de física. Então eu era bom aluno em tudo, biologia, nisso, isso e aquilo quando chegava em física era a turma toda um ou outro que tirava uma nota acima de sete. Até o dia em que veio um rapaz transferido e ele descobriu de onde o professor Werneck tirava as questões de física.

LM: Ih, nossa mãe!

RN: Então ele descobriu isso e aconteceu um fato interessante ele dava assim nas questões teóricas ele dava, três como é que é? Três, três, dois e dois. Então se a gente acertava as outras questões dois e dois, mais um era uma África porque ele dava um problema, o problema é que derrubava todo mundo.

LM: Entendi.

RN: Naquele.....na segunda ou terceira prova parcial quando descobriu-se da onde ele tirava as questões nós resolvemos as questões todas com auxílio e coisa. Quando chegou lá foi uma surpresa para ele nós acertamos o problema e coisa ele aí mudou o critério...

LM: (**risos**) Aí ele foi e tirou de outro livro.

RN: Tirou de outro (**risos**) Rapaz! Era filho da mãe! (**risos**) Mas houve o diabo.

LM: Quem era esse professor o senhor lembra o nome?

RN: Werneck.

ML: Professor Werneck.

LM: Ah, professor Werneck!

ML: Deve ser dessa família Werneck não é?

LM: É.

RN: Era um... depois eu fui... eu estou contando essa história porque eu filei... então eu tinha a sensação de que eu era um camarada ruim de matemática e sou até hoje, em física então nem se fala e fiz concurso direito para Faculdade Fluminense de Medicina, que não era federalizada ainda e eu tirei 8,3 foi a segunda nota de todo o vestibular.

ML: Ela era estadual? Ela era estadual na época?

RN: Então o primeiro lugar tirou 8,4 e eu tirei 8,3...

LM: 8,3.

RN: Sem ter feito cursinho, sem coisa nenhuma.

LM: Mas me diz uma coisa...

RN: E tirei... adivinha quanto é que eu tirei em física?

LM: Não sei!

RN: Dez.

LM: Dez! Olha! (**risos**) De onde será que os problemas foram tirados doutor René? (**risos**)

RN: De um livro... era um livro de problema de física em espanhol.

LM: Olha!

RN: Eu acho que ele achou... como ele achou que o livrinho... era um fininho assim.

ML: Ninguém falava espanhol...

RN: É, ele aí mandava....e aí nós fomos ver, ele copiava todo aqueles negócios lá... (**risos**)

LM: Que coisa!

RN: Ele deve ter feito... ficado com uma raiva desgraçada.

LM: Mas o que eu queria saber também Dr. René é uma coisa assim...

RN: Vamos lá.

LM: Por que o senhor resolveu fazer medicina por exemplo e não de repente... sei lá, alguma outra carreira? Quer dizer tinha algum apelo...

RN: Não, Olha...

LM: Em ser médico ou na medicina que o chamasse?

RN: Não, não, não. Nada, nada, nada.

LM: Não?

RN: Nada, nada.

LM: Por exemplo porque que o senhor foi medicina e não direito não é?

RN: Eu...não talvez.... talvez.....não, talvez não.

LM: Talvez.

RN: É, deixe eu lhe contar uma coisa a minha mãe que como eu já disse era professora.

LM: Isso.

RN: Teve um... tinha um casal de filhos morava aqui no Rio de Janeiro, ele era muito estudioso, o Ênio, foi um dos grandes dentistas aqui de Niterói... e ele quando foi fazer o...

LM: Ela tinha um casal de filhos?

RN: Não.

ML: Não...ela devia ter relação com a mãe.

RN: Amiga da minha mãe...

LM: Ah! amiga da sua mãe tá.

RN: Que morava no Rio.

LM: Entendi.

RN: E o Ênio e a irmã dele chamava-se Eni, uma moça muito bonita diga-se de passagem e eram muito amigos a família do meu pai.... porque ela foi professora junto com a minha mãe, aquela história e o Ênio quando chegou na época do científico dele, sei lá era aquilo que o governo inventou você tinha que fazer ou CPOR ou NPOR então ele foi fazer o CPOR aonde? Em Niterói, mas ele morava no Rio então ele ficou morando na nossa casa porque nós morávamos numa casa grande e ele ficou lá coisa... e eu o via estudando até tarde da noite porque ele estava no curso de odontologia.

LM: Certo.

RN: Talvez isso tivesse alguma influência.

LM: É talvez tenha alguma influência.

RN: Talvez tivesse influência.

ML: Na área de Biologia... de bio...

RN: Porque eu o via estudando muito, via os livros que ele deixava lá eu folheava às vezes e tudo mais.

LM: Dr. René e por que a Faculdade de Niterói e não a Universidade do Brasil?

RN: Não porque a faculdade de Niterói...

LM: Por que era mais perto?

RN: Era mais perto e era uma faculdade que tinha um nome importante também, eu não a escolhi... naquele momento.....

ML: Naquela época podia tentar em dois lugares ao mesmo tempo?

RN: Não, acho que não acho que não, não tenho certeza, não sei disso eu fiz porque eu sabia que era uma boa faculdade.

ML: E era perto de casa.

RN: Era uma faculdade que tinha nome não é?

LM: Isso.

RN: E... também uma outra coisa que talvez tenha tido influência, um aluno da minha mãe que a estimava muito Sidney, Sidney de Almeida que hoje em dia está em Americana, havia passado para a Faculdade de medicina a Fluminense de Medicina. E eu fiz no ano seguinte e ele foi então contemporâneo meu a turma na frente, Sidney Almeida era muito estudioso e talvez tenha tido uma influência. Ele estimava muito a minha mãe e tal talvez tenha sido isso.

LM: E aí o senhor chega na faculdade.

RN: Sim.

LM: Como é que foi se defrontar com aquelas disciplinas, aqueles professores, os colegas?

RN: Olhe eu...

LM: O senhor passou em segundo lugar (**risos**).

RN: É, eu entrei... em primeiro lugar fui conhecer...

LM: Como é que foi...

RN: Quem tinha passado em primeiro lugar.

LM: É puxa bonito (**risos**).

RN: Geraldo **Chine** que foi...

LM: Geraldo **Chine**?

RN: Geraldo **Chine**, um grande clínico de Niterói e... muito estudioso está vivo ainda e foi ser professor da faculdade também. Eu nunca pensei em ser professor da faculdade, nunca passou pela minha cabeça isso na vida. Então eu cheguei na faculdade um poeta sabe? Eu achava que a medicina era uma coisa talvez interessante, que eu ia cuidar dos outros não é? Das doenças mas não tinha uma definição e eu achei curioso uma coisa que aconteceu no dia do trote.

LM: Ah.

RN: Então nós estávamos...

LM: Conta para gente.

RN: Era um trote com música e carro de boi todo o... como é que chama o que entra?... Todo calouro é burro...

LM: Calouro é.

RN: Davam para gente, o acadêmico...

ML: Orelha?

RN: Um desenho de burro, não sei o que...

LM: Ah meu Deus do céu.
RN: E, então eu no dia do trote viu? Eu achei curioso que um daqueles ele era meio baixinho batendo uma latinha vazia de cerveja parece já dizia o seguinte eu vou ser cirurgião, eu achei estranho como é que no primeiro dia em que a gente estava entrando... como é que o sujeito ia ser cirurgião?

LM: Já tinha definido não é?

RN: É então...é.

LM: É.

RN: E depois... eu vim saber isso mais tarde, anos mais tarde é que ele era filho de fazendeiro tinha muitos irmãos e ele embora fosse filho de fazendeiro de Minas Gerais ele achava o seguinte, que quem ganhava dinheiro na medicina era o cirurgião e ele no primeiro dia que ele botou o pé na faculdade no dia do trote de calouro ele já dizia que ia...

LM: Opa! Vou ser cirurgião.

RN: Fazer cirurgia (**risos**). E eu achava assim eu sei lá o que é que vou fazer (**risos**). Eu não sabia, eu gostava de muita coisa não é?

LM: Certo.

RN: Então isso foi uma coisa.

LM: A sua turma era grande Dr. René?

RN: Era uma turma de...

LM: Quantos alunos?

RN: Quase 100 alunos, quase 100.

LM: Nossa!

RN: Porque nós recebemos um retardatariozinho, deu 90 alunos por aí assim...

LM: Nossa!

RN: Era uma turma grande.

LM: Enorme.

RN: É era boa a turma.

LM: É e alguém assim de quem o senhor se lembra?

RN: Muitos eu lembro porque eu tive também... primeiro eu fui um dos primeiros alunos da turma, naquela época existia um negócio.... parece que a faculdade dava uma medalha de ouro para quem tinha sido o primeiro lugar sabe? Durante todo o curso e eu cheguei até o último ano como candidato à medalha de ouro no sexto ano eu fiquei doente.

LM: Hum!

RN: Aí eu tive uma sensação... eu tinha **cinetose** eu ficava tonto, eu largava... provas que eu sabia eu deixava a prova no meio largava então aquilo a minha média caiu. E surpreendentemente um dos rapazes, um dos colegas de turma que não era um aluno tão bom ou que a gente... ele deixava tudo para fazer em segunda época na segunda época ele tirava notas altas, então o que aconteceu ele pegou... os seis anos foi ele que... mas não tinha tradição entre nós de um sujeito estudioso nem nada.

LM: Entendi.

ML: Que estudava para prova.

RN: Vê que o critério... é ele tirava porque fazia...

LM: Dr. René...

ML: Naquela época era por ano não é? Primeiro, segundo, terceiro, quarto...

RN: Por ano quinto, sexto ano era assim.

LM: Eram seis anos não é?

RN: Seis anos é.

LM: E me diz uma coisa Dr. René como é que era o ensino assim teórico e prático das disciplinas? Quais as disciplinas que o senhor gostava mais, quais os professores que lhe chamavam a atenção? Fala um pouquinho da graduação para gente.

RN: Olha aqui isso foi... essa sua pergunta é interessante com essa reforma do ensino que houve que eu sou contra.

LM: A qual reforma o senhor se refere?

RN: Essa reforma que houve...

LM: Em 71?

ML: De fazer período...

RN: Essa reforma que acabou com a...

ML: Com a turma, com o ano, essa coisa.

RN: E acabou com os catedráticos e tudo o mais.

LM: Isso.

RN: Então uma das coisas que diziam era o seguinte, que os catedráticos tinham como um filtro à disciplina e muitas vezes os parentes é que depois iriam substitui-los e depois que ele conseguia a cátedra ele se desinteressava, ele sabia que ninguém ia tirá-lo daquele posto aí eu dei um balanço na minha carreira um dia de tanto escutar isso sabe eu....porque... depois eu posso até fazer um comentário...

LM: Claro pode.

RN: Sobre essa Reforma do Ensino, as coisas que vieram favoráveis e outras que eu considero desfavoráveis então eu dei um balanço de todo o meu curso médico, só uns quatro ou cinco professores é que eu poderia fazer alguma crítica os outros foram ótimos eu tive oportunidade de ter sido aluno de indivíduos fantásticos, professor ruim foi um de farmacologia que deixava colar e... essas coisas não vão sair não é? (**risos**) É claro? E abria o jornal e coisa... e eu fiquei pau da vida pelo seguinte eu comecei a me habituar mal porque eu só tirava 8, 9 e 10 e tirei um 7 em farmacologia com aquele professor que era irresponsável...

LM: Que era do jornal.

RN: E eu fui saber da secretária como é que ele corrigia as provas, ele pegava um bolo de provas botava assim: 7, 8, 9, 10; 7, 8, 9, 10; (**marcando com as mãos na mesa**) 7, 8, 9, 10; 7, 8... eu tirei 7.

LM: Eu não acredito Dr. René!

RN: (**risos**)

LM: Puxa! Se o senhor tivesse pelo menos ficado no bolinho do dez (**risos**).

RN: É eu fiquei furioso quando a secretária...

LM: Não mas é um absurdo corrigir prova dessa forma.

RN: Eu tenho... deixe-me te contar um outro episódio engraçado.

LM: Pode, pode contar.

RN: O professor de micro biologia era ótimo.

LM: Quem que era ele, o senhor lembra o nome não?

RN: É deixa ver.

LM: Se não lembrar não tem problema não.

RN: Não era Monteiro, a gente o chamava de Monteirinho não sei ele era piauiense e era um ótimo professor e eu já tinha arranjado um bico no laboratório que eu sempre gostei... isso é uma das coisas que me atraiu sempre na carreira, foi o laboratório que naquela época se chamava laboratório de análise eu estava parece no terceiro ano médico.

LM: De análises...

RN: Clínicas.

LM: É o senhor até fez curso não é?

RN: É, aí o que aconteceu? Eu fui à primeira aula dele comecei a copiar eu disse mas eu já fazia aquelas colorações já preparava meio de cultura já sabia fazer aquela coisa toda eu não vou assistir as aulas dele não.

ML: (**risos**)

RN: Comprei o livro do **Otto Bier** e ia estudar pelo **Otto Bier**, fui fazer a prova primeira prova parcial cheguei, fui fazer a prova então eu só tirava 8, 9 e 10 aí dona Conceição, era a secretária, eu era conhecido porque era do grupo de bons alunos. Aí vou ver a nota de micro biologia Conceição? Ah já saiu ele já entregou as provas e vai ser... eu vou fazer a relação e vou afixar aí do lado de fora eu disse quer ver minha prova Conceição? Ela procurou e disse assim é dessa vez o senhor tirou 4.

LM: Ih!

RN: Eu disse o quê? Ela de lá eu da bancada e ela de lá falando 4 Conceição? Não olha, eu queria ver... não mas você não pode, você tem que pedir revisão de prova eu não posso mostrar ao senhor não.

LM: Ah não pode mostrar na prova?

RN: Não podia naquela época.

LM: Ah sei!

RN: Então leia daí a primeira questão? 2, segunda? 1, terceira questão? 1 dá quatro mas tem alguma coisa riscada, alguma coisa assim? Não, não tem então eu quero pedir revisão de prova, a faculdade... não sei se... ela foi federalizada no quarto ano do meu curso eu fiz o primeiro, segundo terceiro ainda foi...

LM: No início da década de 50 não é?

RN: É, aí eu pedi revisão de prova, ele era baixinho sentou assim quer dizer que o senhor pediu... não ficou satisfeito com nota? Eu disse não professor, eu estudo, sou bom aluno e tal e dei a definição. O senhor perguntou bacteriófago eu dei a definição do **Otto Bier**, ele disse é mas o senhor é aluno do **Otto Bier** ou é meu aluno (**risos**)? Eu não aceito essa definição de bacteriófago e por aí foi. Aí ele me levou a exame oral fui fazer 13 pontos isso foi um concurso porque o sujeito quando fica meio convencido que é estudioso e eu era, então o exame oral.... o exame oral eu fui por causa de um ponto eu tirei 9 na segunda prova, fiz treze pontos, fiz exame oral olha você tinha que fazer coloração, fazer tudo... para mim caiu meio de cultura, pô tá para mim eu preparava meio de cultura no laboratório que eu estagiava aí botei caldo de carne botei aquele negócio todo e tal... a panela, a panela fervendo e coisa e tal... aí quando eu fui acertar o PH nada que girava, não havia giragem com o indicador.

LM: Hum!

RN: E eu coisa vendo os outros que saíam indo embora e via o micrinha lá que era como a gente o chamava (**risos**). Até que o senhor não acabou? Eu suava frio sabe? Eu esqueci de botar o indicador.

RN: (**risos**) Eu acertava... queria acertar o PH e não conseguia (**risos**) mas isso é um acontecimento bom que mais? Aonde é que nós...

LM: É.

RN: Eu me perco também, eu gosto de contar história.

LM: Não, eu sei não pode deixar que a gente...

ML: O senhor é um contador de história.

LM: É mas é assim mesmo.

RN: Não, mas me deixe contar um outro.

LM: Pode contar.

RN: Como eu passei em segundo lugar, vou voltar... isso não é para entrar hein?

LM: Claro!

ML: (**risos**).

RN: Por isso eu só digo essas coisas, essas intimidades se vocês jurarem que eu vou ver esse coisa.

LM: Tá(**risos**)

RN: Eu estava assim... na primeira semana veio um camarada do diretório sabe?

LM: Diretório acadêmico?

RN: Diretório acadêmico. Entrou na sala quem é René Garrido? Sou eu é o seguinte o diretório acadêmico oferece... porque a faculdade era paga....oferece duas anuidades para quem tirou em primeiro e segundo lugar, de modo que depois você passa lá no diretório pra conversar com a gente. Eu cheguei fui lá, cheguei em casa disse a meu pai não é? Você já imaginou minha mãe funcionária.... professora pública e estadual, meu pai funcionário da imprensa nacional eles não nasceram em berço de ouro como a minha prezada amiga.

ML: Eu? Berço de ouro não.

LM: A Maria Leide nasceu em berço de ouro **(risos)**?

RN: Uh!

LM: Olha! Eu nem sabia.

ML: Eu nasci na roça.

RN: Mas ela esconde o jogo.

LM: Eu nem sabia Dr. René.

RN: Ih! Fazendeira...

ML: Que nada! Eu nasci na roça.

RN: Isso tem muitas cabeças de gado aí.

LM: Ih! Olha.

ML: Que nada, nasci na roça.

LM: Oh o MST em Maria Leide (**risos**).

RN: É (**risos**).

LM: Eu nasci na roça.

RN: Aí eu fui lá rapaz no diretório o sujeito me deu essa notícia....e a partir desse mês o senhor não vai pagar aí cheguei em casa e dei e a notícia a meu pai disse olha por eu ter passado em segundo lugar o senhor não vai ter despesa comigo nenhuma esse ano isso

num dia, no dia seguinte eu estou em sala vem um camarada baixinho, tinha o apelido de Piauí falar comigo o René você não me conhece eu sou fulano de tal, eu sou casado, tenho três filhos. Eu sou do Nordeste e não sei o que, se você abrir mão da coisa eu fiquei com pena dele puxa! Eu nem tinha... eu tinha namorada mas as namoradas que eu tinha duravam uma semana. Eram namoradas de bailes não é?

LM: Ah ih!

ML: O senhor ficava, na época tinha essa história de ficar.

RN: É.

LM: (**risos**)

RN: E aí (**risos**). Aí eu fui... disse olha está bem eu concordo.

LM: Não acredito Dr. René.

RN: Aí cheguei em casa e disse a meu pai olha eu conheci um colega de turma, casado que disse que já tem três filhos é do nordeste não sei o que e coisa e tá está bem, fiz uma ação meritória e tal. Bom, quando chegou no meu quinto ano médico o José (**risos**) que era esse coisa entregando convite de casamento para os colegas.

LM: Ah!

RN: Eu disse que diabo é isso! Você vai casa de novo? Ele aí riu à beça porque ele era um... (**risos**)

LM: Ah!

RN: É escuta aqui e aquele negócio do primeiro ano que eu abri mão daquela anuidade para você? Não você era menino rico filho de... (**risos**) Eu disse olha, não era nada disso não.

LM: Eu não acredito Dr. René! Olha que coisa! (**risos**)

RN: É, mas tem disso aí mas não... isso é outra história é outra coisa não é pra entrar na história.

LM: E me diz uma coisa Dr. René nesse período da graduação.....

RN: Ah.

LM: Em que momento que o estudo da hanseníase, da lepra chamou a sua atenção?

RN: Então eu vou te contar.

LM: Tinha alguma disciplina, claro que tinha dermato...

RN: Tinha é.

ML: Deixa só eu ver uma coisa, o senhor pegou aquela época das teses que para se formar tinha que fazer uma tese na área...

RN: Não, não, não já não existia isso, já não existia isso.

LM: Já não pegou mais?

RN: Já não peguei, vocês talvez não saibam bem a história disso como é que era.

ML: Eu sei porque tive que fazer minha tese.

RN: É então... oh eu conheci...

LM: O senhor não quer contar então para gente essa história?

RN: Posso contar.

ML: Da tese?

LM: É eu não sei.

RN: O negócio era o seguinte, todo mundo que terminava o curso médico tinha que fazer uma tese, a tese não era bem uma tese.

LM: Não!

RN: Foi uma... porque a nossa influência da cultura francesa foi muito grande, eu posso te dizer, 51 ou 52, 53...

LM: O senhor se formou em 53.

RN: 53. 49...em 1949 começou a influência inglesa.

LM: Certo.

RN: Até 19?... Não eu formei em 53.

LM: Isso o senhor entrou em 48, em 1950.

RN: 52, 51 em 1950 começou a influência inglesa, da língua inglesa porque até..... até 1950 os livros a maioria era tudo em francês.

LM: Era tudo em Francês?

ML: Era.

RN: Tudo em Francês, mas era tudo.....

LM: Ah.

ML: Música, roupa, tudo.

RN: Estudo era em Francês, Anatomia, tudo, tudo, tudo era em Francês então começou nesse período aqui mas eu queria falar...

LM: Logo depois da Segunda Guerra não é?

RN: Logo depois da Segunda Guerra.

LM: É.

RN: Mas então o curso médio, por imitação da cultura francesa. Lá quando o médico na Europa terminava o seu curso médio, ele tinha que tinha que escrever um *mémoire*.

LM: Um *mémoire*, isso.

RN: *Mémoire* é um trabalho científico, não é nada não é tese. Nós aqui... e também era igualzinho ao que se fazia na Forneça, o sujeito escrevia um trabalho, mas não tinha que defender isso escrevia o trabalho.

LM: Isso.

RN: E ia para Europa quem é que ia pra Europa? Quem é que ia pra Europa? Quem tinha dinheiro e a maioria das pessoas que estudavam medicina tinham dinheiro então formar em medicina, escrever um trabalho e ir para a Europa era uma coisa que as pessoas faziam para ser um bom médico então eu conheci um...

ML: (**risos**)

LM: Iam à Europa fazer o que na Europa? Faziam o quê?

RN: Ia à Europa, tinha que ir par Europa assim como... hoje em dia todo mundo não vai...

LM: Sim mas...

RN: Para a Disney World?

LM: É.

RN: Então naquela época era isso médico tinha que ser.

LM: Não ia visitar serviço nenhum nada?

RN: Nada.

LM: Ia conhecer só o Louvre.....

RN: Então um médico de uma família ilustre de Juiz de Fora.....

LM: Ia andar em *Saint German*. (**risos**).

RN: Que eu tenho no meu consultório um armário que ele me deu, ele morreu quase com 90 anos, comprou aquele coisa... bom o que ele fez? Ele me contou, ele chegava de carruagem de coisa e tal na Santa Casa procurava... ia de gravata de coisa... e procurava saltar na Santa Casa da Misericórdia de lá do Rio de Janeiro para passar pelo lado que fedia menos a enfermaria.

LM: Hum.

RN: As condições de higiene, a promiscuidade aquela coisa eram precárias então este homem que era muito inteligente, José Mariano Borges de Moraes, da família Borges de Moraes, uma família importante de tradição de Minas e tudo, ele fez isso ele chegava entrava na coisa e quando formou foi isso foi para França ia para passear, conhecer uns *night club*, conhecer o (**inaudível**) ou qualquer coisa assim também fazia pacto. Olha por favor eu estou falando demais coisa assim, mas é pra vocês terem uma panorâmica.

LM: Não...

ML: Não, pode ficar à vontade.

LM: Mas tudo isso é importante Dr. René.

RN: Então quando nós formamos não havia mais...

LM: Essa tese.

RN: Nenhuma exigência de fazer um trabalho, ou defender uma tese e coisa e tal. Isso foi ruim? Não muita gente boa que apresentou trabalhos bons naquilo que fez...

LM: Certo.

RN: Porque levava aquilo a sério mesmo outras vezes saíram trabalhos relativamente sem uma estrutura, sem uma elaboração de pesquisa.

LM: Entendi.

RN: Se você pegar trabalhos, como mais tarde eu fui ver de gente que fez trabalho logo assim que se formou você vê que a metodologia científica não existia também naquela época mas eles registraram fatos importantes (**marcando a fala com batidas de mão na mesa**).

ML: Muita clínica não é René? Era bem... não era professor era bem...

RN: Era eu agora estou procurando um trabalho que eu pensei que tivesse sido Leonidio Ribeiro que fez a...

ML: A monografia?

RN: Que fez a primeira vez as alterações.....as alterações... as impressões digitais na lepra que ele é conhecido no mundo inteiro, mas no trabalho dele ele cita um cubano que escreveu em 1923...

**Fita 1 – Lado B**

RN: E o nome do indivíduo eu não tenho aqui mas mil vezes eu sei o nome da Revista...

LM: Tá depois a gente faz uma referência hum, hum.

RN: Então para você ver, as pessoas descobriam fatos interessantes mas eles não estavam preocupados em se o método correspondia a uma coisa já...

LM: Entendi.

RN: Essa estruturação para facilidade depois de intercâmbio internacional foi surgindo muito depois.

ML: O senhor viu paciente de hanseníase no seu curso de medicina?

RN: Ah isso....a pergunta é sua ou dela? (**risos**) Você... eu posso...?

LM: Não na minha...

ML: É que ela perguntou...

LM: Na minha... o senhor...

RN: É como é que nasceu o interesse?

LM: É.

RN: Aí eu vou dizer para você.

LM: E se tinha alguma disciplina específica sobre isso.

RN: Não, não, não tinha disciplina específica....existia só uma no Brasil.

ML: Que era a UERJ.

RN: Não do Souza Araújo.

ML: Pois é que era a UERJ não é?

RN: Pois é .

LM: Depois a UERJ.

RN: Então o curso de dermatologia era muito bem dado, o catedrático da minha época se chamava Parreiras Horta ...era o Parreiras Horta e Azulay era assistente seu, tinha um outro Azulay que se chamava Mesquita o curso de dermatologia era dado em um ano, três vezes por semana.

LM/MO: Um ano?

RN: Três vezes por semana.

LM: Puxa!

RN: Três vezes por semana de 8 às 9, de 8 às 9 das manhã. Era sempre antes do início da aula teórica era apresentado um doente.

LM: Ah que interessante!

RN: E que era o doente do ambulatório...

LM: Com problemas de pele diversos?

RN: Que chegavam dos laboratórios.

LM: Problemas diversos dermatológicos?

RN: Da pele.

LM: Da pele.

RN: E os doentes eram catados na hora que apareciam. Quase sempre um, dois doentes e os casos que mais eram apresentados eram de doença venérea e lepra.

LM: E lepra... interessante!

RN: Então o que eu vi de sífilis, cancro duro, cancro mole, a venereologia toda e hanseníase era muito grande.

LM: Hum está certo!

RN: Aí você quer saber o meu interesse então do quarto ano médico, aquele curso de dermatologia foi que o chamou a atenção para mim, bom e eu então quando chegou no período das férias, no período das férias como eu gostava e gosto de pescar e de praia e tudo o mais....primeira semana de férias eu disse vou tirar esses dois meses de férias, dois ou quase três, vou descontar o que eu andei estudando e tudo mais...

LM: (risos) Vou relaxar.

RN: Vou para praia e tudo mais, peguei a primeira semana, peguei um sol violento, descasquei aí fiquei pensando em casa mas vou ficar sem fazer nada essas férias? Só pescando e...

ML: Já gostava de pescar desde aquela época é?

RN: Já pescava cada... muito aí fui ao ambulatório.

LM: Ambulatório...

RN: Ambulatório de dermatologia.

LM: De dermatologia que é já do Antônio Pedro?

RN: E falei era o Parreiras... não, não era no Antônio Pedro não é onde hoje é o... funciona o instituto de Matemática... não, não era no Instituto de Matemática não era num prédio ao lado ali. Então ali tinha.....era onde tinha os ambulatórios ali assim, tinha um ambulatório muito bom um espaço da dermatologia e eu cheguei lá pra falar com o professor que era o professor Parreiras Horta.

LM: Sim.

RN: Ele já estava idoso, falava baixinho e eu cheguei queimadão da praia não é? E tal e disse eu queria falar com o senhor porque eu gostei muito da dermatologia eu queria saber se eu podia estagiar no período de férias.

LM: Olha!

RN: Olha a voz dele aumentou de volume ele contou a vida dele toda pra mim, ficou num bate bato quase uma hora e pouco.

LM: Ah que graça!

RN: Chamou o professor Mesquita e disse olha esse jovem aí quer estagiar...

LM: Aquele Mesquita que eu conheci? Não, não é?

RN: Não, não é o Augusto Mesquita um que tinha o rosto cheio de cicatriz de varíola, não é o André Petrarca de Mesquita não é?

LM: Não, não, não é.

RN: É o Augusto Mesquita e eu aí comecei a estagiar no ambulatório de dermatologia, por causa disso pela influência do curso que foi muito bom...

LM: Isso foi no quarto ano?

RN: No quarto ano médico, quarto ano médico.

LM: Em 1951?

RN: É, então ali da mesma forma que nas aulas a gente via muitos casos e variados e tinha muitos casos de doenças venéreas e de lepra também, o ambulatório quando eu passei a freqüentar todo o dia então essa visão se foi consubstanciando não é? E esse professor Mesquita com quem eu fiquei grudado com ele, tinha uma característica ele utilizava muito o formu.... receituário com fórmulas para mandar preparar. Tinha uma letra horrorosa e o meu esforço de traduzir a letra dele.

ML: (**risos**)

RN: Fez com que eu fosse aprendendo algumas fórmulas que eu uso até hoje, algumas delas.

LM: Até hoje.

ML: O Azulay foi seu professor?

RN: Foi, foi meu professor foi professor do... eu lembro da aula dele que... a primeira aula que eu assisti do Azulay foi uma aula de eczema e ele pronúncia eczema até hoje, como ninguém pronuncia 'enguizema'.

LM: É aquela coisa paraense assim, sotaque paraense.

RN: Sai um z, um negócio assim.

LM: 'Enguizema' ?

RN: É.

LM: É uma questão paraense é.

RN: Depois ele foi o meu grande exemplo como professor.

LM: Certo.

RN: Aí eu vou te contar como é que aconteceu esta história. Quando eu me formei em 53 você...não havia concurso então o Azulay... como é que foi a coisa do Azulay? (**pensando**.) Eu falei com o Azulay que ia me casar ele disse você tem algum emprego? Eu aqui na Policlínica do Rio de Janeiro tinha um bico em laboratório. E tinha coisa... estava começando consultório e disse, ele mas você vai casar assim e coisa olha aqui vai lá em São Cristóvão, no Instituto de Leprologia que tem uma vaga lá desde o princípio do ano que eles não ocuparam e eu acho que acaba em dezembro. Eu me casei no dia 11 de novembro. Então eu fui lá em São Cristóvão e fui contratado por uma verba de material que era chamada verba três.

LM: Verba três.

ML: Lá era Ministério da Saúde já ou era Fiocruz?

RN: Não era Ministério...

LM: Não Ministério.

RN: Não, nada Fiocruz, Fiocruz foi muito depois.

LM: É lá era Ministério da Saúde.

RN: Ministério da Saúde então tinha uma verba três, vocês precisavam saber o que era essa verba três, a gente vai compreendendo as coisas e a ação dos políticos de primeira linha que a gente tem nesse país há muitos anos é a seguinte existia uma verba X para

pagar médico, pagar médico com salário decente X. Eles estão descobriram para ficar preso politicamente em vez de nomear um por que não nomeia dois?

LM: Dois com o mesmo salário...

RN: Por que não nomeia três com a mesma verba?

LM: Três ou quatro.

RN: Então, então o médico ganhava efetivo ganhava 12 mil então eles contrataram o médico por R$ 4.310,00 contratavam três. E uns ficavam devendo favores a eles eu não fiquei porque pra trabalhar em lepra querida, ninguém queria naquela época.

LM: Ninguém queria é.

RN: Por isso aquela vaga até... e ia se extinguir em dezembro.

LM: Entendi.

RN: Está entendendo? Então R$ 4.310,00 e essa verba atrasava três, quatro meses no início do ano.

LM: Caramba!

RN: Então eu casei, fui para a lua de mel, voltei e fiquei quatro meses sem receber um tostão.

LM/ML: (**risos**)

RN: A minha mulher mas que titica de emprego você arranjou que está a quatro meses sem ganhar nada.

ML: (**risos**) Foi um começo de vida terrível.

RN: É e quando chegava todo o final do ano que eu queria tirar férias, o diretor que eu tinha, tinha grandes qualidades mas tinha um defeito rapaz ele dizia sempre pra mim você vai tirar essas férias, você tem direito a 20 dias e assim mesmo por uma concessão especial porque é você... na realidade você está no grupo de material de consumo disso e coisa e tal...

LM: **(risos**).

RN: Isso eu aturei ele dizer isso um ano, dois, no terceiro ano eu disse olha o senhor faz favor eu já sou pai de família...já tinha filho nessa época não é? E não gosto de ouvir isso.

LM: É.

RN: Aí fiquei cinco anos nessa vida.

ML: Então o senhor, o primeiro emprego do senhor foi no Instituto de Leprologia?

RN: (pausa) Não, não, não, não...

ML: Não era Instituto de Leprologia, era em São Cristóvão.

LM: Não porque...

RN: Não, porque eu fui médico da emergência no Distrito Federal entendeu?

LM: É.

ML: Mas depois de formado?

RN: Não, você entrava no sexto ano médico.

ML: Ah, tá

LM: Foi em 52, ele estava no quinto ano.

RN: Você fazia concurso era um concurso duríssimo e pagava bem.

LM: Pois é.

RN: Aí é que é o negócio, você para ter uma idéia, um médico... eu era doutorando, estava no sexto ano médico então era Serviço de Emergência da antiga prefeitura do Distrito Federal.

ML: Aqui era emergência?

RN: Era emergência.

ML: Era emergência aqui não é?

RN: Era emergência, Distrito Federal era um concurso duríssimo e os alunos da Fluminense tinham uma tradição de que tirava sempre os primeiros lugares.

LM: Certo.

RN: Para você ver como a Fluminense tinha uma tradição de ensino muito grande, pelos professores que lá davam aula então foi no serviço de emergência que eu trabalhei um ano e três meses, mas trabalhei também antes disso na emergência do hospital de Niterói de emergência. Que mais que vocês querem?

LM: Doutor eu queria só voltar um pouquinho...

RN: Volte.

LM: Durante o seu período de graduação é... hoje a gente tem muito essa coisa de Bolsa de Iniciação Científica...

RN: Sei.

LM: Estágio e tal o senhor teve alguma, existe...

RN: Nada.

LM: Alguma monitoria alguma coisa?

RN: Nada, nada.

LM: Nada, não é?

RN: Nada e não havia... sabe o que acontece?

LM: Ah.

RN: Primeiro que eu não pensava nunca fazer carreira universitária nunca, nunca me passou pela cabeça de...

LM: O senhor sempre achou que fosse ser só de consultório...

RN: Não, não eu pensava que eu ia estudar isso sim, eu ia estudar sempre e ia ter o consultório mas não pensava assim...

LM: Certo.

RN: Em ser professor universitário ainda mais com aquela característica que eu achava que eu não queria ser professor pelo exemplo da minha mãe que dedicou... a minha mãe teve duas licenças na vida uma que ela teve uma angina e outra quando eu nasci.

LM: (**risos**)

RN: Quer dizer, na segunda não valia a pena ela ter nem tirar essa...

LM/MO: (**risos**)

RN: (**risos**)

LM: Tá mas aí fale.

RN: Aí como é que aconteceu a história? Aí eu peguei esse emprego dessa verba três no Instituto de Leprologia.

LM: Hum.

RN: Logo no mês seguinte o Azulay era chefe, eu fui trabalhar lá ele sabia do negócio da... do meu gosto por laboratório essa coisa... não ele era o chefe lá do Laboratório de Anatomia Patológica.

LM: Ah!

RN: Quando eu fui contratado eu fui trabalhar lá no Laboratório de Anatomia Patológica.

ML: A mesma relação que eu tive com o senhor então não é? Em 74.

RN: É, exatamente. Aí chegou lá no primeiro dia ele disse olha você vai me acompanhar porque aqui eu dou os laudos de lepra, eu disse não, não quero isso não, eu quero ver todo o processamento de material isso nasceu comigo e isso adotei nas minhas teses que eu orientei sempre uma pessoa que não entende uma técnica eu digo o seguinte você como dona de casa se quer prender e oferecer uma feijoada, você tem que saber fazer a feijoada não pode deixar por conta da empregada. Porque a orelha de porco entra numa hora, rabinho de porco entra em uma hora e mole o paio é mais duro entra... então se você não souber isso minha querida você não vai oferecer feijoada, você vai oferecer um mistura de ingredientes.

LM: Feijão... é.

RN: Então sempre que eu passei, eu tive oportunidade de orientar algumas teses alguma coisa, eu sempre dizia você tem que ir para o laboratório ver o técnico fazer aquilo, aprender a fazer aquilo. Foi como eu achava que tinha que prender então eu comecei incluindo material, fazendo **hematoxilina euzina** aquelas coisas todas.

LM: Tá.

RN: Então eu tive essa.....entrei para o instituto nessa... bom mas aí eu estava lá há uns dois meses mais ou menos ou três e aí o Azulay chega um dia pra mim e disse assim olha você vai dar a aula, a parte prática do curso... que vai ter do curso de lepra era um curso que o Ministério da Saúde dava.

LM: Isso.

RN: Ali na... era aquele serviço da rua do Resende.

LM: Isso.

RN: O senhor Lincoln de Freitas.

LM: Certo.

RN: E você vai dar... são três meses o curso você vai ganhar algum...e depois você me conta desse dinheiro que eu ganhei.

LM/ML: Tá. (**risos**)

RN: Aí você vai ganhar algum e você vai ficar encarregado da parte prática, eu disse mas eu não sei dar aula não eu também foi assim...não ele é diferente de mim, ele é um professor nato, eu fiz esforço para me tornar para conseguir transmitir o que eu aprendi. Então eu assisti a aula dele, assisti do Periassu, o Periassu aqui desse serviço, aquele ali foi um dos maiores professores que eu já conheci, o pai do... o filho dele é o que dirige aqui.

LM: O Periassu eu conheço.

RN: Um dos maiores professores que eu já conheci.

LM: Periassu?

RN: É Demétrio Bezerra Periassu.

LM: Ah tá.

RN: Então eu passei a assistir aulas dessa gente procurando os meus defeitos, eu estudava à beça e a aula era de 50 minutos em 15 eu terminava esquecia tudo o que tinha quase pra dizer e ninguém conseguia e coisa... e não prendia a atenção e não... então essa gente foi importante mas aquilo foi um sacrifício muito grande.

LM: Certo?

RN: Para eu poder... quer dizer, eu era estudioso coisa e tal mas não sabia transmitir, não sabia... aí comecei a me interessar por técnica de ensino aí não foi assim não... aí, naquela época surgiu um camarada que era oficial de Marinha, tenente Rui Santos Figueiredo. E era um tenente da Marinha da Escola Naval, mas se interessou por metodologia do ensino e escreveu um livro que deve se vocês descobriram ainda vale a pena comprar, Técnica de Ensino e foi aquele oficialzinho primeiro tenente da Marinha que era professor que se interessou por essa técnica, ele foi uma estrela que surgiu e começou a dar aula convidado pela universidades e eu levei o Rui pra lá o maior interessado era eu quer dizer eu passei a observar os cacoetes, as técnicas dos mestres da época o Ramos e Silva, Periassu, Azulay para tentar chegar aos pés deles.

ML: Aí o senhor não era professor ainda?

RN: Não, era professor não.

LM: Dr. René me diga uma coisa, nós achamos uma referência no seu currículo **(Tosse)**

RN: Ah?

LM: Que em 1951 o senhor fez um curso de dermatologia na Sociedade dos Internos da Santa Casa do Rio de Janeiro.

RN: Ah, sim! Agora é uma coisa...

LM: Aí eu queria perguntar ao senhor se isso já tinha a ver com esse seu interesse...

RN: Já não começou...

LM: Já tinha a ver não é?

RN: É deixe-me te explicar... não, não era...

LM: Com esse...

RN: Não era bem assim.

LM: Ah.

RN: Era um pouco de nebulosa ainda.

ML: (**risos**)

RN: Deixe-me te explicar, a Sociedade dos Internos da Santa Casa do Rio de Janeiro...

LM: Isso.

ML: O que era isso?

RN: Era uma, era uma... os internos da Santa Casa do Rio de Janeiro eles eram muito unidos e faziam cursos de extensão. Durante todo o ano e à noite e os cursos mais incríveis.....eu fiz um curso não sei se foi lá ou se foi aqui na Policlínica do Rio de Janeiro, um curso que eu nunca entendi como é que eu entrei naquele curso, era um curso que começava 9 horas da noite ia até 11 horas chegava em casa meia noite. Como era o nome desse curso? Fisiopatologia Pleuropulmonar eu não...

ML: (**risos**)

RN: Curso (**risos**) duro e demorado mas é que você ainda está cristalizando as suas idéias.

LM: É tem essa referência.

RN: Então esse curso que eu fiz e foi muito bom, neste curso eu lembro até uma das coisas que foi dada que eu nunca esqueci...eu sei... essa aula foi dada se não me engano pelo Azulay, úlceras de perna, então tinha uma classificação das úlceras de perna, abordagem terapêutica toda a estratégia num quadro só então existiam cursos muitos bons. E um dos que estava na frente naquela época, era um contemporâneo meu da turma de 52, Rômulo Macambira.

LM: Macambira?

RN: Macambira, Rômulo Macambira, era presidente dessa Sociedade dos Internos da Santa Casa e foi dinâmico não é? E foi um aluno brilhante e então havia esses cursos de extensão você tinha durante o ano todo, todo, todo. Não havia especialização, não havia pós-graduação, não havia isso não é?

LM: É, não tinha ainda essa coisa...

RN: Então aí eu vou dizer como é que você... quando eu acabei de me formar eu já tinha feito o quê? Um estágio na dermatologia.

LM: Isso.

RN: Tinha feito curso de extensão...

LM: Estágio...

RN: Tinha feito curso de extensão de algum tema que eu achava que estava ligado à dermatologia, mas eu queria ser um bom dermatologista então eu lembro que eu consultei algumas pessoas e perguntei escuta para eu ser bom dermatologista, o que você acha que eu tenho que fazer? Você tem que ver histopatologia.

LM: Histopatologia?

RN: Histopatologia.

ML: É o senhor foi para o Idelbrando Portugal...

RN: Aí eu fui estagiar com o Idelbrando Portugal.

LM: É.

RN: Você tem que fazer alergia, eu vim para o Rio de Janeiro aqui...

LM: Isso.

RN: Para fazer um curso de alergia com o...

ML: Agora aquela era a universidade do Brasil não era?

RN: Aonde?

ML: O Hildebrando Portugal no Pavilhão (**inaudível**) era universidade de Brasil? Era não é?

RN: Era... não sei se tinha esse nome não sei, eu sei se já pertencia...

ML: Era... não porque a Santa Casa era.

RN: Porque depois o Idelbrando foi para a Unirio não é?

ML: É.

LM: Ah bom.

RN: Eu não sei como é que era isso, eu sei que eu fiquei... fiquei uns seis meses fazendo um curso de histopatologia então você é que tinha que se virar você é que tinha que ter iniciativa.....

LM: Isso que correr atrás.

RN: Você não era passivo como são os alunos da pós-graduação...

LM: Você não tinha... você não tinha um curso pronto.

RN: Não você tinha...

LM: Você tinha que ficar um pedaço com um, um pedaço com outro, Micrologia com fulano patologia com fulano.

RN: É você... e você é que fazia.

LM: Certo.

RN: Tanto que um curso que eu nunca consegui fazer a altura como eu queria foi o de micologia.

LM: Micologia?

RN: É por quê? Quando surgiu um curso em Manguinhos dado pelo Areia Leão eu já estava lá no Instituto de Leprologia e fui falar com o diretor da época, ele tinha inúmeras qualidades mas era um burocrata ele tinha antolhos, ele só via assim nesse sentido, ele disse assim o curso dura quanto tempo? Três meses ele disse assim mas que horário é? Eu disse é de uma às quatro ué mais de uma às quatro você está aqui como é que você vai fazer esse curso?

LM: Ai.

RN: Essa elasticidade... eu ainda tentei dizer mas eu não vou assistir todas as aulas, não mas você é funcionário daqui.

LM: Aí!

RN: Então ganhando aquela miséria.

LM: Verba três.

RN: Que era quatro mil trezentos e dez...

LM: Ah!

RN: Não me deixou fazer o curso.

LM: Puxa!

RN: Então eu fui prender um pouco da micologia que eu precisava com a Antar Padilha Gonçalves que foi daqui dessa instituição.

LM: Como era o nome?

ML: Antar Padilha Gonçalves.

LM: Ah tá.

RN: E com o professor Olímpio da Fonseca.

ML: Ele estava lá no Congresso, achei ele tão bem o Antar Padilha há muito tempo eu não via.

RN: Tá ele é o mais idoso e o Olímpio da Fonseca...

LM: Olímpio da Fonseca lá de Manguinhos não é?

RN: Que já estava meio doentinho e aprendi alguma... o mínimo que eu precisava.

LM: Certo.

RN: Então você é que tinha que ter a iniciativa, você não era passivo para receber um curso já tudo mastigado, foi uma das coisas boas da reforma do ensino.

LM: É.

RN: Coisa ruim da Reforma do Ensino foi o seguinte, você estuda, faz os concursos, faz... vai professor auxiliar, professor assistente, professor adjunto, faz uma tese, faz um concurso para professor titular na hora em que você recebe o certificado de que passou no concurso mais difícil da sua vida uma banca de cinco de pessoas quase sempre de fora você se torna uma pessoa inidônea. Você não é mais uma pessoa idônea, então você não chefia mas o serviço quem vai chefiar o serviço pode ser o menos qualificado sem titulação nenhuma, é escolhido pelos seus pares então isso...isso eu disse na França quando eu estive lá e eles acharam um absurdo acharam que isso é impossível.

LM: É, mas o pior é que o que acontece.

RN: O professor **Sinvati** ele chegou pra mim... e eu perguntei pra ele, ele estava dando uma recepção para os Sul americanos na casa dele Professor **Sinvati** o que o senhor acha disso? Primeiro ele achou que era impossível eu falo mal o Francês, falo mal inglês, falo mais ou menos o Castelhano e tal e coisa, ele achou que não estava certo, aí o Zé Eduardo Marinho que é um ex-aluno nosso que está lá na França ele perguntou mas é isso que o René está dizendo? Ele já me conhecia, eu tinha trazido ele quando eu fui presidente de um Congresso... Trouxe como convidado de honra aqui não é? É isso aí professor aí eu perguntei o que o senhor acha disso? Ele achou um absurdo tão grande que ele resolveu... ele saiu isso foi antes do jantar estava servindo... foi lá trouxe um vinho bordô aí discorreu sobre o vinho bordô, era uma garrafa, o tipo de uva, como é que é aquela coisa toda e tal, e eu fiquei esperando ele procurou um jeito... mas professor **Sinvati** o quê que o senhor acha disso? Ele disse olha isso eu acho um absurdo, o indivíduo se preparar e quando chega o coisa... não é ele que é a pessoa mais pelo menos vivida e responsável pelo...ainda disse... aí ele... uma coisa que os europeus geralmente são muito cuidadosos em emitir opinião ainda mais para um estrangeiro, ele disse assim é como se na sua casa o filho mais novo seu chegasse um dia e dissesse assim olha papai o senhor... não é mais o senhor que toma mais conta da casa sou eu é isso.

LM: É a analogia dele foi perfeita não é?

RN: Foi não é? Então tem umas coisas aí, mas não sei porque eu falei esta coisa.

LM: Não, porque essas coisas acabam fazendo... parte

ML: Por causa da reforma, reforma.

LM: Dr. René me diz uma coisa, esse concurso que o senhor falou que fez para médico da antiga prefeitura, do Distrito Federal e tal o senhor fez o concurso em 52 e começou no ano seguinte é isso?

RN: É, eu acho que...

LM: Como auxiliar médico da Secretaria de Saúde?

RN: É a gente trabalhava um ano e pouco não é?

LM: Ah!

RN: Um ano e dois ou três meses.

LM: Então era tipo um estágio não, não é?

RN: Não, não.

LM: Porque era depois de formado.

RN: Não! Você tinha função de médico não.

LM: Ah!

RN: Você fazia...

LM: Mas então era um tempo determinado?

RN: Você fazia no sexto ano médico, sexto para primeiro ano.

LM: É.

RN: Tanto que... como está um emprego que pegava todo muito bem...

LM: Era super concorrido.

RN: Todo mundo fazia uma força política pra ser mantido. Alguns conseguiam a maioria era dispensada.

LM: É, porque foi no mesmo período que o senhor fez o estágio com o Dr. Azulay e o Parreiras Horta não é?

RN: Não o estágio...

LM: Foi um pouco antes?

RN: O estágio começou no quarto ano médico.

LM: Ah!

RN: Depois eu ficava sempre ligado lá a coisa não é?

LM: Tá está certo.

RN: Que mais? Acabou a minha vida não tem...

LM: Não que acabou!

ML: Nada! Acabou não a gente está começando.

LM: Não estamos nem começando (**risos**).

LM: Vou pegar uma água pra o senhor.

RN: Então vamos lá.

LM: Pode continuar aí eu vou pegar uma água.

LM: Não a gente.... (**o gravador é desligado**)

RN: Me diga uma coisa Dr. René, então o senhor começou lá no Instituto de Leprologia...

RN: Depois de formado, como emprego oficial.

LM: Isso tá.

RN: Emprego oficial não é?

LM: E aí o senhor ficou lá durante todo esse período até a década 70 mais ou menos?

RN: Fiquei até eles acabarem com o Instituto de Leprologia.

LM: E passar para Fundação não é? Oswaldo Cruz.....ser transferido...?

RN: É, exatamente até esse período.

LM: Tá.

RN: Não, não, não.

LM: Não?

RN: Não é assim não nós já tínhamos sido a... o Instituto de Leprologia de repente ele ficou sobre a orientação da Fiocruz, mas a Fiocruz não dava nada só tinha aquela ligação de pertencer a Fiocruz...

LM: É tá, porque era tudo Ministério.

RN: Mas depois eles resolveram acabar e incorporar, não ter um órgão localizado lá e incorporar na Fiocruz, mas começou antes.

LM: Mas então a sua entrada lá no instituto é desde desse período não é?

RN: Desde antes, desde... ele não tinha nada com a Fiocruz, ninguém pensava...

LM: Certo? É claro.

ML: É em 1951.

RN: É porque ninguém pensava que a Fiocruz fosse depois incorporar aquilo.

ML: Agora já... a Divisão Nacional, a Campanha Nacional da Lepra funcionava ali também naquele prédio que eu conheci do lado do instituto? Ou não? Não era ali não?

RN: Não, a campanha começou com Orestes Diniz.

ML: É ou Divisão, o senhor já pegou a divisão não é?

RN: Serviço Nacional de Lepra e o Orestes Diniz implantou a Campanha no nível nacional, o Orestes Diniz era amigo do Juscelino.....

LM: Era, era mineiro não é?

RN: O Juscelino trouxe a turma de Minas Gerais para o Serviço Nacional de Lepra. E ele era uma pessoa muito bem relacionada, primeiro com o governo, segundo que ele tinha umas idéias interessantes, o combate à hanseníase era baseado em leprosário, preventório e dispensário a nível ambulatorial, a nível de internação no...

LM: O tripé.

RN: Era o famoso tripé.

LM: Isso.

RN: E ele, o Orestes Diniz, a gente deve isso a ele também, ele tinha uma visão, ele achava que preventório estava errado e que dispensário estático, de ficar esperando o doente procurar... depois que fazia o diagnóstico ele ia interná-lo a força, mas não ia procurar. Então os médicos alegavam muitas coisas não havia verba suficiente, os doentes eram... moravam distante e tudo mais então ele conseguiu de uma organização internacional a doação se eu não me engano de uns 200 jipes.

ML: É, tinha um negócio de um jipe é.

RN: Da **Fizi**... é uma... era um organismo internacional que deu 200 jipes ele então mudou a campanha, quer dizer, do médico ir procurar o doente então já tinha o veículo. É claro que no fim de um certo tempo isso não teve manutenção suficiente isso viria acabar.

LM: É.

RN: Mas a idéia de uma campanha, surgiu com Orestes Diniz.

LM: Hum, hum certo.

ML: E foi a...

RN: Deve-se a ele. Bom, escreveu até um livro interessante.

ML: O senhor pegou Orestes Diniz então não é?

LM: "Nós também somos gente".

RN: Peguei o Orestes Diniz e era um... e ele era um sujeito puro...

LM: Pois é, mas o quartel general deles eras ali em São Cristóvão naquele prédio?

RN: São Cristóvão.

LM: Era naquele prédio?

RN: Ele veio de Minas para ficar ali.

LM: Ali naquele prédio.

RN: Ele já tinha uma experiência de leprosário, de diretor de leprosário também. Escreveu um livro interessante: "Nós também somos gente2".

LM: "Nós também somos gente" eu conheço.

RN: É, esse livro é interessante ele contando a vivência que ele teve, as experiências e tudo o mais.

LM: E interessante sim.

RN: E eu lembro dele, estou falando dele, estou lembrando dele ele no meu gabinete eu fui diretor do Instituto num determinado momento, ele já não era mais diretor, ele foi ao instituto no serviço lá por algum motivo e foi lá falar comigo, no Instituto de Leprologia e estava um dia de sol então... ele estava com câncer, ele sabia que estava com câncer, já estava fazendo quimioterapia tanto que....a quimioterapia mata qualquer um de um modo geral, cai cabelo, cai isso, é um distúrbio de toda a natureza então ele já sabia que estava fazendo aquela quimioterapia, ele já estava mais magro, e ele em pé eu estava sentado na poltrona, ele estava em pé e tinha um raio de sol assim batendo inclusive no rosto dele ele transpirando e suando e ele dizendo para mim não sei em que momento lá em que a gente estava conversando, ele disse assim é eu sempre passei pra frente, para cima e pro alto" olhando assim disse essa frase, eu estou contando isso para vocês estou vindo ele pé com aquele raio de coisa...

LM: Falando isso.

2 DINIZ, Orestes. **Nós também somos gente – 30 anos entre os leprosos.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1961.

RN: Ele era um sujeito puro. Era um sujeito... e acreditou... o importante... eu conheci, eu era muito jovem, quando a gente é muito jovem tem uma canção aí que diz desconfie do homem de mais de 40 anos não tem uma música popular que diz isso?

LM: Não confie em ninguém com mais de 30!

RN: Ah é de 30?

ML: É de mais de 30 anos.

RN: Eu pensei que fosse 40.

LM: Ah ih...! (**risos**)

RN: De 72 como eu nem se fala (**risos**) já morreu e não sabe é a voz do além, mas então quando entrei para o serviço conheci um homem que se chamava Ernani Agrícola.

LM: Ernani Agrícola.

ML: Ah é o Ernani Agrícola.

RN: O Ernani Agrícola só andava de gravata, bem vestido...

ML: Mas o Ernani foi antes do...

RN: Foi antes do Risi foi... o Ernani Agrícola ...

ML: Antes do Orestes.

RN: O Ernani Agrícola foi diretor do Serviço Nacional de Lepra, foi o que deu estrutura no Brasil e todo...

ML: Mas já era ali em São Cristóvão quando  o Ernani foi?

LM: Já.

RN: Não, não foi para São Cristóvão foi na época do outro diretor foi o...

ML: O que veio depois do Ernani Agrícola?

RN: Depois do Ernani Agrícola foi quem? Foi aquele mineiro não foi? O... esqueci agora quem foi.

ML: Eu também tenho que ver porque na minha cabeça está vindo o Orestes Diniz.

LM: Pois é.

RN: Agora ele...o serviço de... não, não foi o Orestes Diniz não.

LM: Não? Tá.

ML: Teve um intervalo que...

RN: Teve um intervalo depois... então...

ML: O Risi não ficou substituindo uma época?

RN: Foi, o Risi foi substituir foi o Fausto Gaioso.

LM: Ah!

RN: Castelo Branco já foi bem depois, mas então o Ernani Agrícola foi que deu a estrutura daquilo que se acreditava, quer dizer, foi um homem puro nos seus ideais...

ML: Foi Getúlio Vargas...

RN: Ele construiu leprosário no Brasil inteiro tem vários com o nome dele. Ele acreditava não só o leprosário, o dispensário e ambulatório.

**Fita 2 – Lado A**

LM: Fita número dois.

ML: Mas o senhor já pegou a fase do.... da ...final do isolamento compulsório não é? O senhor já pegou..... o isolamento compulsório já sendo questionado.

RN: É.

ML: Porque o Orestes Diniz já começou...

RN: Com o Orestes Diniz já se começava também, assim como ele institui a campanha, ele questionava o problema do dispensário que a gente achava que coisa... e preventório.

ML: Do preventório é.

RN: É e do dispensário que tinha que ser diferente, quer dizer essas idéias foram se cristalizando, amadurecendo, não nasce da noite para o dia não é?

ML: O senhor... é porque tinha um grupo é..... o Abrahão Rotberg, ele coloca que São Paulo era mais rigoroso com o isolamento compulsório do que o Rio, o Rio era considerado assim.... porque o Rabelo ele questionava, sempre questionou o isolamento compulsório, então o Rio de Janeiro era considerado mais.... uma política mais branda como é isso, como é que o senhor se posicionou com relação a isso?

RN: Não, eu não vejo diferença eu vejo o seguinte São Paulo continua sendo o estado da federação com maior recurso financeiro.

ML: O primeiro que implantou o isolamento .....

RN: Então eu cheguei a conhecer um daqueles leprosários lá em São Paulo, eu conheci vários deles não é? Era um enorme que eu fui com o Lauro de Souza Lima e o paciente,

o doente quando chegava no primeiro dia pesava, via a cintura, a camisa, sapatos, tudo o mais eu fui ao refeitório deles, era um mundo eu não sei se foi em Mogi das Cruzes é um daqueles leprosários grandes, enormes que tinha...quando cheguei... no salão do refeitório tinha uma geladeira tinha ovos, frutas e tudo o mais que o doente se não agradasse aquilo que estava comendo mandava pra fazer... outro ovo coisa e tal. Quando chegava na época do Natal eles recebiam doações e ele tinha uma estrutura... todo o leprosário tinha uma estrutura montada com catálogo de telefone do Brasil inteiro para pedir auxílio que eles eram leprosos e não sei o quê e coisa e tal e recebiam doação não só em dinheiro como de tudo e quando chegava já sabia, fulano de tal calça 42, fulano... tinha tudo. Ele tinha uma estruturação dentro daquilo, por isso, a leprofobia é uma realidade mas quando não tinha tratamento ainda a leprofilia..... querer ter a doença e cair fora... e continuar tendo a doença para não ser posto fora de lá. Porque de lá conhecia uma mulher tinha um filho o governo tirava e cuidava.... e aí arranjava outro..... como eu conheci um que fez filho a beça.

ML: É o paternalismo acabou acomodando.

RN: Ele era um grande reprodutor, é um grande reprodutor e ele era do Sul, tinha olhos azuis e tal.

LM: Todo mundo queria.

RN: As outras... então... conheci uma mineira também que teve relação com vários.... bonitona ela nunca pegou a doença e teve alguns filhos...

ML: Agora quando o senhor entrou...

RN: E o governo tratava.

ML: Deixe-me ... um pouco...quando o senhor entrou para o Instituto lá de Leprologia em 1951... aquele hospital ali...

RN: [19]51 não eu entrei em 54, me formei em 53 menina.

ML: Ele entrou depois de formado, em [19]54.

LM: Não mas em 51... em 51 o senhor foi...

LM: Não foi o curso de dermatologia na Sociedade.

ML: Ah não, não é eu que troquei, eu troquei foi em 54 está certo.

RN: Em 54.

ML: Pois é, o senhor.....como era com o hospital Frei Antônio? O isolamento...

RN: Não, não.

ML: ...internação como era?

RN: Não, o negócio era o seguinte.....

ML: Na época já estava esvaziando, como era?

RN: Não, não tinha nada esvaziando.

ML: O senhor chegou a trabalhar no Hospital Frei Antônio?

RN: Fiz alguma coisa lá, eu não cheguei a trabalhar lá eu só trabalhei no Instituto de Leprologia.

ML: Sei.

RN: Mas o Frei Antônio tinha uma administração dual, era um português leigo, português leigo da Irmandade da Candelária e um médico do Instituto de Leprologia. Isso dava os maiores problemas.

LM: Imagino.

RN: Exemplo, em determinado momento eu fui lá no Hospital Frei Antônio e vi que tinha lá umas dez camas meio enferrujadas, mal pintadas e tudo mais então eu consegui que uns doentes lá quem é que sabe pintar, não sei o quê? Então eu consegui para recuperar aquelas camas, quer dizer com mais dez camas eu podia internar mais dez doentes, o português soube disso quis falar comigo então o senhor não sabe que são mais dez bocas para comer? Eu compro não sei quantos sacos de batata por mês não sei o que... me deu...

ML: Era muito diferente de São Paulo não é?

RN: Era muito diferente de São Paulo. Muito diferente de São Paulo, muito diferente de São Paulo. E eu tive um... e ele... todo mundo que entrava na direção do Instituto eles procuravam como uma irmandade religiosa que sabe captar amizade e coisa, o sujeito recebia uma comenda o cavaleiro da irmandade da Candelária. Então logo depois que eu tive um atrito desse porque ele não me deixou pintar as camas nem nada depois ele me manda um ofício dizendo que a irmandade da Candelária tinha indicado meu nome para ser cavaleiro de não sei o que e coisa, eu mandei outra carta não quero ser cavaleiro coisa nenhuma eu quero é tratar dos doentes. Então era uma coisa, era uma administração difícil com uma irmandade leiga bem intencionada mas que queria dar palpite na coisa.

LM: É, na hora do tratamento.

RN: Mas então nós éramos responsáveis pelo atendimento médico do Instituto de Leprologia. Depois houve uma outra situação, quer dizer, eles passaram eu lembro bem que eles passaram... isso já no finalzinho..... contratar já enfermeira diplomada para trabalhar só no hospital, não era ligada ao Instituto de Leprologia já era ligada... não sei se era a irmandade, não sei.

LM: Dr. René a gente tem uma referência no seu currículo, que em 1956 o senhor fez um curso de leprologia no Serviço Nacional de Lepra lembra disso?

RN: Fiz.

LM: Como é que era esse curso? Para quem ele se destinava, como é que era?

ML: Já era aquele que tinha convidados estrangeiros?

RN: Não, não aí esse...

LM: Quem é que dava aula, quem eram os alunos?

RN: Esse curso que a Leide a falou foi um curso básico, extremamente interessante que Azulay, Avelino e outros fizeram, a sociedade internacional de Leprologia fez um curso aqui no Rio de Janeiro foi o primeiro curso e eles fizeram Agenor de Melo fez... todos eles fizeram porque foi um curso...

ML: Foi antes desse?

RN: Antes desse... não esse só teve um.

LM: Só teve um?

RN: Foi dado por uma organização internacional...

ML: Não é esse que (**inaudível**), não é outro...

RN: O Internacional.

LM: Não, eu sei.

RN: Esse internacional eu não sei que época foi provavelmente foi... talvez tenha sido na década de 49, 50 por aí assim. Porque ele é que deu o ponto de partida pra criar o Serviço Nacional de Lepra, para esses outros que foram pegaram a leprologia e depois foram difundir essas idéias no Brasil todo. Era uma coisa interessante descobrir com o Azulay, por exemplo, que está aí e outros esse curso internacional quem foram os alunos.

LM: É nós vamos entrevistá-lo também.

RN: Quem foram os alunos.

ML: Ah! Eu acho que tenho uma coisa assim.

LM: Quem foram... agora depois não..... o Departamento de cursos do Ministério da Saúde com o Lincoln de Freitas que era um homem que levava isso a sério, realizava vários tipos de curso, esse curso que eu fiz era um curso que demorava três meses para vocês terem uma idéia as aulas de epidemiologia foram dadas por Ernani Agrícola dava era quatro horas de epidemiologia.

LM: Epidemiologia?

RN: De epidemiologia e o Ernani apesar da dedicação integral a coisa ele tinha uma dicção ruim, ele falava não é, não é, não é?...” (**risos**) Então depois da segunda aula... (**risos**) tinha um colega que usava... usava...

ML: Quatro horas falando não é, não é... (**risos**)

RN: Usava até piteira, então antes de começar a aula do Ernani, a gente ficava apostando quantas vezes ele ia dizer não é e esse da piteira...

LM: Ele sempre acertava?

RN: Não, ele  que ficava tomando conta, ele marcava os não é todo.

LM: Marcava olha!

ML: Quem eram os seus colegas nesse curso? (**risos**) Estou aqui nessa primeira pergunta mas ela não foi respondida, o senhor lembra dos seus colegas de curso?

RN: Ah não lembro de todos eles não.

ML: Quem eram os principais assim?

RN: Não, não eu me lembro mais do Milan Tuma e...

LM: É.

RN: E não lembro não.

LM: Esse curso era pra quem Dr. René?

RN: Era para médicos...

ML: A Dra. Lygia não foi aluna desse curso não?

RN: Não, não ela já era do Instituto de Leprologia.

ML: Nessa época ela já estava lá não é?

RN: Já, ela já era assistente do Azulay não é? Mas tinha... éramos uns 15, o Joir Gonçalves da Fonte deu aula... O Azulay deu aula, o Risi deu aula então era um curso... demorava três meses em tempo integral.....era um negócio... era bem dado a parte... a parte clínica.

LM: Sei, mas então era um curso assim só para médicos do Ministério...

RN: Era só para médicos do Ministério da Saúde e tal.

LM: E tinha gente do Brasil todo ou era só do Rio de Janeiro? O senhor lembra, não?

RN: Lembro, lembro porque eu tive parte na modificação disso depois.

LM: Ah, então conta para gente.

RN: Então eu vou te contar. O Ministério da Saúde oferecia, oferecia vagas para os médicos que estavam nos estados virem fazer esse curso, parece que pegava passagem e dava uma bolsa. E com o passar dos anos, o número de candidatos que trabalhavam no serviço de saúde estaduais, cada vez foi reduzindo e teve um ano que não teve candidato a fazer o curso.

ML: Isso foi em que ano? Não depois...

RN: Ah... mas você pode talvez... vendo o meu currículo o primeiro curso que houve fora do Rio de Janeiro que foi um curso que houve em Manaus... em Manaus. Então eu aproveitei... na época do Brandão... o Brandão escutou, não fez ouvidos de mercador...

ML: Então o senhor descentralizou o curso?

RN: É, foi isso. Aí eu fiz o seguinte o Joir que tinha um espírito muito crítico, era um indivíduo de grande valor, um grande epidemiologista tanto que ele foi contratado pela OMS, ficou 4 anos no México mas ele era...

ML: O Joir não é?

RN: O Joir Gonçalves da Fonte.

ML: É.

RN: Mas ele era um camarada pessimista, embora muito inteligente era pessimista ele chegou uma vez... depois de 4 anos no México, ele chegou fez um Conferência lá meteu o pau nos mexicanos até em coisa que ele não podia meter isso não deve...

LM: Caramba!

RN: Mas meteu o pau naquela cultura, naquele exagero e tal deles para ele.... daqueles monumentos é uma tradição. Não interessa que o Brasil não tenha tradição, mas eu fiquei pau da vida com ele com aquele negócio. Bom, mas aí ele disse que os médicos não queriam mais nada, não queriam saber de lepra eu disse assim é a estratégia que está errada, fui eu que modifiquei aquele negócio. Graças ao Adolfo Brandão, sabe o que é que tem que fazer Adolfo? Em vez do sujeito vir de lá com a passagem de avião, ficar aqui recebendo, hospedado aqui e recebendo três meses inverte isso, faz um curso intensivo, manda uns cinco... e fomos cinco, se eu não me engano...lá num lugar desse e abre o curso pra todo mundo. Aí você vai saber de uma novidade que vai acontecer nesse curso pra provar que a idéia estava certa. Então foi Lygia, fui eu, Milan Tuma, foi o Ilton Hermon, foi mais um, foram cinco. Então eles ficaram dois dias eu... depois nós chegamos lá para... estava assim cheio e os alunos da faculdade de medicina quando souberam desse curso pediram para dar.... para fazer o curso também para eles então nós fomos fazer o curso lá no diretório lá de Manaus para provar que idéia estava certa... não era não era o médico...

ML: Além de Manaus o senhor foi pra o nordeste também...

RN: Não, não sei se eu fiz depois... eu fui...

ML: O senhor só foi em Manaus? Não lembra se foi...

RN: O primeiro eu lembro, depois a idéia foi vitoriosa pegou. Deu certo sabe porque aquele curso deu certo? Eu digo você faz um curso desse, você participa de um negócio desse se você conseguir lançar uma semente que frutifique você... deu certo, justificou o que gastou. Aquele..... aquele oftalmologista, aquele Irlandês como é o nome dele? Lá de Manaus que vai lá para... está no acre agora?

ML: Ah o William [John] Woods...

RN: O William tinha parado de estudar medicina.

ML: Mas o William foi nesse curso? Não.

RN: O William estava nesse curso?

ML: Então já foi na década de 60... de 60 esse curso já.

RN: Não, não sei que ano....a data eu não lembro. Então eu sei que ele estava assistindo às aulas.

ML: É, eu acho que ele já era.

RN: E ele depois disse esse curso me fez voltar e ele se interessou pela leprologia. Terminou o curso médico até e coisa e tal ele estava já meio parado, meio coisa. Então ele é o exemplo que eu dou das pessoas que elas... porque nós éramos muito... puros não eu nunca fui puro em coisa nenhuma sabe? (**risos**)

ML: Esse curso era anual?

LM: Inocentes.

RN: Era...

ML: René esse curso era anual? Era um curso anual?

RN: Passou... era um curso anual.

ML: Antes no Instituto de Leprologia não é?

RN: Aí... não era no Instituto de Leprologia, ele era ali na secretaria dos cursos...

RN: Na rua do Resende.

ML: Ah!

RN: Com o Lincoln de Freitas que fazia...

ML: Ah ele nunca foi do Instituto de Leprologia não?

RN: Não, nunca foi no Instituto de Leprologia. Era lá com Lincoln de Freitas. Aí depois que houve essa reviravolta, quer dizer, que o governo...

ML: Mas o pessoal era do Instituto de Leprologia não é?

RN: Quando era no Rio, você ver Risi, Ernani Agrícola... o Ernani Agrícola já estava aposentado e tudo o mais e todo mundo sabe. Então aí houve uma mudança de estratégia, que eu considero que foi extremamente proveitosa porque... e econômica para o governo porque você deslocava quatro ou cinco pessoas que ficavam tempo integral.

ML: Claro o rendimento era maior não é?

RN: Não é?

ML: O rendimento era maior.

RN: Então isso depois passou a ser adotado até setorialmente... em vez de ser um curso grande eu fui com aquele Pedro de Belo por exemplo.

ML: Pedro de Belo eu cheguei a conhecer.

RN: Pedro de Belo... eu fui na Paraíba o que aconteceu?

ML: Então fez Nordeste também.

RN: O que aconteceu com o Pedro de Bela na Paraíba? Quando o Arvelo, o Arvelo, não foi Arvelo que veio com as idéias das medidas simples para você prevenir a ação deletéria sobre os nervos?

ML: É, começou com ele.

RN: Ele começou a dar... ele é da Venezuela, veio e deu curso no mundo inteiro então Pedro de Belo, Ademir e tudo mais começaram a retransmitir aquelas idéias com exercício simples você prevenir as deformidades.... então Pedro de Belo e eu fomos à Paraíba, Pedro de Belo só foi falar sobre isso que já era interessante era uma novidade na época e eu dei o resto do curso, a parte de clínica e laboratorial ficamos lá naquele hotel, o hotel era relativamente novo aquele hotel bonito...

ML: Quando o senhor entrou nesse concurso, entrou no Instituto de Leprologia em [19]54 o Avelino já estava lá?

RN: Já.

ML: O Avelino Alonso? O Avelino Alonso era professor também?

RN: O Avelino era de lá, o Avelino era o chefe da... os chefes de seção eram Avelino Miguez Alonso...

ML: Osmar Mattos.

RN: Osmar Mattos era da seção de clínica com ele e era assistente do...

ML: Aquele Murilo não tinha um Murilo também? Murilo?

RN: O Murilo já veio depois.

LM: O Murilo e o Antônio Carlos?

RN: O Antônio Carlos também depois, o Antônio Carlos foi meu aluno lá no Instituto de Leprologia quem era chefe lá era o Hinário de Castro...

ML: Ah! O Dr. Hinário.

RN: Hinário de Castro, Cândido de Oliveira e Silva, Avelino Miguez Alonso o... quem mais? (**pensando**) eram cinco seções bioquímica e Farmacologia... depois teve um francês que esteve lá uns tempos também... parece que está faltando alguém aí engraçado como é que o tempo passa...

ML: A Dra. Lygia fazia sempre patologia?

RN: É anatomia patológica era o Azulay, depois passou a Lygia depois eu fui chefe também da seção de anatomia patológica mas eu comecei na anatomia patológica. Então eram essas pessoas, era Lygia, Cândido Silva, Avelino Miguez Alonso e Hinário de Castro.

ML: Tá além... então essa relação de vocês do Instituto de Leprologia que era uma referência não é? Nacional.

RN: Era.

ML: Com o programa, com a política nacional de controle da hanseníase, com a campanha, com o serviço da lepra além dos cursos qual era a articulação? Fazer alguma supervisão? Alguma coisa não?

RN: Não, não, não não fazia.

ML: Havia uma diferença grande, assim que diferença existia entre o pessoal de Centro de Referência do Instituto de Leprologia e os médicos, os inspetores o serviço de lepra?

RN: Não, o negócio era o seguinte então você tinha os serviços estaduais o Instituto de Leprologia no Rio de Janeiro funcionou como órgão de apoio a todos os serviços médicos, não era só serviço de dermatologia não, serviço, por exemplo, militares queriam a confirmação se o caso era ou não de lepra ia para lá, outros serviços todos... aquilo era um ponto de referência o sujeito mandava através de ofício um paciente qualquer e a gente mandava através de ofício a forma clínica e tudo o mais. Fazia biópsia, fazia exame histopatológico fazia tudo então as repartições militares muito usaram isso.

ML: Usaram muito é.

RN: É.

ML: Até hoje...

RN: Agora, outra coisa que aconteceu é isso estagiários, essa foi uma das estagiárias mais brilhantes. Então veio gente e veio muita gente de fora do exterior....o Instituto de Leprologia foi ganhando autoridade como instituição capaz então... **Michel Lechaer**... mas não é....Michel Lechaer..

ML: O **Lechaer** e o...

RN: O **Lechaer** era do Congo Belga, aprendeu comigo algumas coisas de histopatologia da lepra, depois ele foi ser uma das autoridades internacionais. Então vários de fora, de (**inaudível**) de Portugal... e várias pessoas passaram a quando viam no Rio de Janeiro por algum motivo, às vezes passavam períodos lá conosco e passou várias pessoas do Brasil inteiro a estagiar lá a gente tinha o estagiário e tinha e tinha bolsista. Eu lembro que uma vez chegou uma moça que tinha enviuvado, parece tristonha, e coisa e tal, queria estagiar, nós arranjamos estágio e Bolsa de Estudo e ficou se transformou numa das leprologistas mais brilhantes Maria Eugênia Novinski Gallo já ouviram falar dela?

LM: Já. (**risos**)

ML: Fomos contemporâneas ela formou meses antes de mim.

RN: Pois é, então era isso então...

ML: Dr. René e na época da sulfona? Porque a Sulfona foi primeiro em São Paulo não é?

RN: Foi primeiro em São Paulo, foi o Promim.

ML: Mas o Instituto de Leprologia fez assim um... uma ação especial para testar e implantar... apoiar a implantação no resto do país?

RN: Bom...

ML: Como era essa relação também no Instituto de Leprologia com a Secretaria Estadual de Saúde?

RN: Bom, o negócio era o seguinte.

ML: A política estadual era só federal?

RN: Não, não.

ML: Porque na lei do lado federal como é que ficava o estado e o município?

RN: O negócio é o seguinte a... como ele era um órgão que foi criado para fazer pesquisa. Clínica e tudo o mais, para dar apoio científico isso é que era então quando surgiu uma nova droga mandava para o instituto de leprologia antes do Ministério da Saúde divulgar, antes de espalhar aquilo. Então eu lembro que uma vez veio um produto se eu não me

engano, Japonês para ser usado sobre a forma de pomada para tratar doente de lepra, chamava-se se eu não me engano **Etisul,** desprendia radicais **sulfinico**, tinha cheiro de merda. (**risos**)

ML: (**risos**) **( tem uma risada de uma quarta voz, masculina**.)

RN: Era isso.

LM: Problemático esse medicamento não é doutor?

RN: Então para vocês verem... então veio um outro também, uma sulfona de ação retardada.

ML: Ah é o...

RN: Era...

ML: Eu cheguei... o **Promim** não, como era o nome...

RN: Não, era **Dadis** sei lá...

ML: **Dadis**... o **Dadis**.

RN: Então a sulfona comum injetável tinha esse tamanho aqui, aquela sulfona para dar em africano tribal era desse tamanho assim, eu acho que bumbum de africano é diferente então você dava uma injeção daquela, soltava o africano pela selva de coisa e ele voltava 75 dias depois (**risos**). Eu cheguei a seguinte... e eu acompanhava as coisas que se passavam não é? Então eu vi o seguinte bunda de brasileiro é diferente de africano.

LM: Com certeza (**risos**).

RN: Porque o que dava de abscesso... (risos) Principalmente as das mulheres que são mais bonitas.

ML: Agora teve assim teve algum projeto de **multicentro** alguma coisa organizada metodologicamente...

RN: Não, não, não.

ML: Pela divisão...

RN: Não, não, não.

ML: Para o Instituto [de Lepologia] fazer?

RN: Não, aí deixe-me dizer o seguinte...um grupo que começou a despontar que começou com um discípulo de Lauro de Souza Lima... Lauro de Souza Lima foi um nome de leprologia internacional e teve um discípulo direto, Opromolla, Diltor Vladimir Opromolla.

ML: Que até nós vamos entrevistar também.

RN: Que está lá em coisa e tal.

ML: Em Bauru.

RN: Então como eram feitas as pesquisas? E o Opromolla desde aquela época gostava de fazer experimentação terapêutica.

ML: É nós vamos entrevistá-lo.

RN: E nós participamos por exemplo de um estudo **multicentro** que foi feito em São Paulo, aqui em Bauru e coisa e tal. Era um negócio mais empírico do mundo você misturar três antibióticos e dar para ver o que é que acontecia, não havia uma razão científica, às coisas eram feitas assim. E a coisa.. e vários trabalhos do Opromolla mostravam maior **toxidade** da estreptomicina e outras coisas desse tipo, mas não havia uma metodologia adequada pra experimentação nem era na época, a metodologia era uma coisa comum no escritor científico brasileiro, eu lembro que uma vez o Dr. Hinário de Castro, está vivo ainda, uma inteligência brilhante era o responsável pelo setor de farmacologia, me mostrou uma pesquisa dele original, é original até hoje e ele nunca tirou proveito daquilo nem para... até comercialmente ele podia tirar. Ele como bom paraense, conhecia que o buriti é rico em carotenóide e ele com bases farmacológica o que ele fez? Ele extraiu corante do buriti, uma substância amarela.

ML: O Hinário, o Hinário?

RN: O Hinário de Castro, pesquisa original dele...

ML: Aquele corante lá.

RN: Ele devia patentear e ele podia vender aquilo para uma indústria de corante e ia ganhar dinheiro porque dá umas colorações lindas.

ML: Aquele que ele corou, da gordura...

RN: É, é isso é carotenóide. Então que a substância carotenóide cora gordura já se sabia, quer dizer, eu que gostava de histoquímica li coisa e tal. Ele publica o trabalho numa revista perdida que era o Boletim do Serviço Nacional de Lepra, não botou nenhuma Biografia e eu quando falei com ele, eu admirava ele pela inteligência brilhante que ele tinha, eu disse Dr. Hinário isso já tinham descrito que o lipídio corava gordura, não! E coisa não sei o quê e coisa e tal... aí eu levei o trabalho em francês..... o sujeito nunca esqueci isso hein? É um autor italiano sobrenome Dadi, Dadi fez uma pesquisa mostrou que o carotenóide se corava gordura de célula vegetal não tinha nada a ver com lipídio humano. Mas o que ele sabia Hinário de Castro? Ele sabia que o buriti tinha carotenóide, mas o uso do carotenóide pela primeira vez para gordura foi o Dadi italiano. Então eu disse o senhor não vai desmerecer o seu trabalho, mas tem que botar na biografia o Dadi. Ah ele ficou possesso comigo e não sei o quê e coisa e tal por quê? Eles não tinham o hábito de botar biografia no trabalho. Ninguém tinha o hábito de botar sumario em inglês, nem coisa nenhuma por esse motivo... vejam só Mota... Joaquim Mota, brasileiro e

Hildebrando Portugal, dois brasileiros, Portugal, fazem um trabalho e escrevem: Lepromas com aspecto de histiossitoma.

LM: Histi..?

RN: Histiossitoma.

ML: Histiossitoma.

RN: E publicam isso aonde? Arquivo Mineiro de leprologia, escolheram um cemitério para botar uma publicação.

ML: Mas na época... nacionalmente...

RN: Ninguém tinha...

ML: Mas nacionalmente era lido os Arquivos Mineiros...

RN: Era lido mas não tinha uma visão internacional da coisa.

LM: É.

RN: Então depois..... muitos anos depois vem o **Leithg**, o inglês. O **Leithg** não escreve em português, não ia publicar o seu trabalho no arquivo Mineiro de leprologia escreve e fala de uma lepra...

ML: E chama célula de...

RN: Históide, escreve uma lepra históide aquilo que os brasileiros Joaquim Mota e Portugal já tinha descrito. Então eu quando dou aula me esgoelo todo e digo assim isso aqui é de Joaquim Mota e Portugal está lá, *Arquivos Mineiro de Leprologia.*

LM: Isso.

RN: Mas o pessoal escrevia, pesquisava não tinha a preocupação de botar sumario em inglês nem de adotar uma metodologia que já estava sendo internacional.

ML: O mal foi isso (**inaudível**) vê... (**inaudível**)

LM: Dr. René mas eu acho que também nesse período não devia se ter muitos títulos de periódico onde se conseguisse publicar não é não? Ou o senhor acha que...?

RN: Não.

ML: Já tinha a Revista de São Paulo essa época? Já.

RN: Ah, já, já, já.

ML: *Leprologia de São Paulo,* os *Arquivos Mineiros [de Lepologia]* e o *Boletim Nacional da Lepra,* eram três revistas.

RN: É o Boletim.

LM: Eram três.

ML: Revistas que publicavam sim.

RN: Já era uma Revista de peso mas não era indexada também.

LM: Entendi, não era indexada é.

RN: Não, ninguém tinha a preocupação de saber se era indexada ou se não era indexada. O sujeito queria publicar porque gostava de estudar descobriu aquilo e publicou.

LM: Hoje em dia é que a gente tem que ficar não é?

RN: Ah tem ficar atento.

LM: Vendo aonde é que é indexado para botar no currículo Lates.

ML: O senhor lembra, o senhor lembra... porque isso...

RN: Senão o gringo vem aqui, descobre uma coisa publica com o nome dele e rouba.

LM: É com certeza.

ML: O senhor entrou então nos...

RN: O camarada que descobriu a talidomida por mero acaso, roubou a prioridade do Osmar Mattos que trabalhou aqui nesta casa, que foi o primeiro brasileiro a usar talidomida ele veio a Niterói...

ML: Ele publicou onde o senhor lembra?

RN: O quê?

ML: Ele usou no Instituto de Leprologia não é?

RN: Usou no Instituto de Leprologia.

ML: Agora ele publicou numa dessas revistas atuais?

RN: Publicou.

LM: Qual foi?

RN: Publicou e o Ney Romiti quando viu o... como que é o nome do cara da talidomida? O...

LM: É o...

RN: Quando viu o trabalho? Ele viu em Niterói caso de (**inaudível**) nodular de (**inaudível**) publicado nos (**inaudível**) da talidomida, que ele foi o primeiro a usar no mundo por acaso o doente estava em reação, ele pegou a talidomida que já não estava sendo usada usou e descobriu uma droga sensacional. Aí ele viu em Niterói publicou sem falar no nome do Osmar Mattos... eu estava do lado dele quando publicou em Niterói....

ML: **Ney Romiti** é?

RN: Não, **Ney Romiti** é que viu isso publicado e escreveu, reivindicando a prioridade para o Osmar Mattos e deu a referência o coisa... Então viu? Você que é mais jovem vai sabendo que Gringo rouba coisa à beça de ...

ML: Nesse período então o senhor entrou no Instituto de Leprologia de 1954, fez nessa época vários cursos pelo Ministério da Saúde que era ali do lado, em 57 tem curso em especialização em lepra patrocinado pelo departamento nacional de saúde do Ministério.

RN: Esse  que durava três meses.

LM: E quais... ah esse é que.

RN: Esse é durava três meses.

LM: Ah tá.

ML: Ah tá, tá.

RN: Era lá no departamento de cursos que era o ministro o senhor Lincoln de Freitas.

ML: Tá esse...

RN: Uma história interessante para vocês recuperarem é aquele departamento de cursos lá da rua do Resende foi o Lincoln de Freitas que levava aquilo, ficou muito tempo na frente daquilo, porque quer ver uma informação importante é saber os cursos que eram realizados, tinha curso o ano inteiro, era o ano inteiro aquilo.

LM: Hum, hum então a diferenciação desse curso para o curso de leprologia é que era esse que durava três meses, saúde e leprologia.

ML: Esse era o de especialização.

LM: É.

ML: O outro talvez é um curso mais curto.

LM: Ah, está bom.

ML: Não é?

LM: O outro era um curso mais...

ML: Esse curso de bioestatística também era um curso mais curto? Era um curso dos.

RN: Não, o curso de bioestatística aí eu fiz o curso de dado pelo Hinário era uma coisa interna nossa.

ML: Ah era interna do IL?

RN: É, interna.

ML: Interior do Ministério porque o IL ficava do lado entendeu?

LM: Entendi.

RN: É bioestatística.

ML: Ah, tá.

RN: É aquele negócio o Hinário...como nós tivemos outros cursinhos de inglês outras coisas assim, mas eram cursos tapa buracos de interesse nosso.

LM: Entendi.

RN: Por exemplo, um curso que o Hinário deu de bioestatística, foi um curso muito interessante ele nos levou até... ele tinha uma base de estatística muito boa, mandou que a gente que a gente levasse um paquímetro, não sei o quê uma porção de feijão, tirar a média daquele negócio todo, ele era um sujeito interessante.

LM: Tinha gente do IBGE nesse curso, auxiliando? Porque hoje...

RN: Não, não tinha ninguém ajudando.

LM: Não, não era de ninguém era só...

RN: Nada, nada, nada. Era um curso de livre atirador.

LM: Na década de [19]50 então, final de 50 aí a gente tem então a implantação da Sulfona... aqui no Rio... em [19]62 já teve a descentralização nas unidades de saúde.

**Fita 2 - Lado B**

LM: Continua Maria Leide.

ML: Não então... a década de [19]50 está a implantação da sulfona e aqui no Rio de Janeiro já devia está começando as primeiras discussões sobre a estadualização não é? A estadualização da hanseníase, quer dizer, a secretaria... porque isso é que eu queria que senhor... São Paulo assumiu o programa de controle de hanseníase, construiu os hospitais, deu condições de trabalho, devia até pagar melhor salário eu não sei e como era a política desse estado? Porque aqui era Distrito Federal e o estado da Guanabara como era...

comparando com São Paulo, como é que chegava no Instituto de Leprologia os ecos da política de controle de hanseníase no estado do Rio de Janeiro?

RN: Não era... não era uma preocupação mais importante para nós do Instituto não era. O Instituto estava voltado para pesquisa mais, nós agíamos como órgão consultor examinando os vários modos de aplicar a sulfona, examinando novos produtos que surgiam, nós dávamos base de orientação, nós não tínhamos um papel de relativa estratégia de saúde pública nós não tínhamos, nós cuidávamos da parte científica como é uma coisa interessante que eu achava que vocês deviam recuperar porque aqui era o Estado da Guanabara, não é? Então nós fazíamos reuniões mensais com o pessoal do federal que nós éramos do Instituto de Leprologia e o pessoal municipal.

ML: Separado, separado?

RN: Não, juntos fazia uma reunião mensal....eu fui secretário...

ML: Para discutir casos de hanseníase?

RN: Discutimos tudo, nós discutimos tudo....vale a pena recuperar isso era Associação Brasileira de Leprologia, que fazia reunião conjuntas com o serviço de lepra do município. As reuniões ou eram lá no Instituto de Leprologia ou era naquele serviço ali da rua do Resende. Tinha livro de Ata, tinha tudo pegava... eram reuniões de balizamento, de informações, de esclarecimento onde todos os assuntos eram discutidos e ventilados era serviço...

ML: E vinha médico local?

RN: Vinha médico local.....freqüentava os médicos locais e ...

ML: Por exemplo avaliar o resultado da sulfona...

RN: Eram apresentados trabalhos de todo o tipo, desde a parte clínica como de outros que tinham aspectos epidemiológicos, não era uma função assim precisa da Associação Brasileira de Leprologia e muito menos do Instituto de Leprologia de estar com inteiriça assim voltada pra o trabalho do campo, entendeu? Essa é que é uma realidade.

ML: Sei, nós servíamos de apoio.

LM: Mas fazia parte.

RN: É as pessoas... os serviços por exemplo....

ML: Por exemplo, quando foram criadas as comissões de alta para a sulfa vocês participaram...

RN: Ah é!

ML: Tiveram algum papel...

RN: Participamos.

LM: Na normatização...

RN: Não, não nós.....

ML: Como foi isso?

RN: Não sei, se houve... provavelmente houve isso deve ser da época do Vandick.... do Ernani Agrícola e do Vandick Del Favero, o Vandick foi uma pessoa extremamente importante que bolou aquele negócio do censo de Candeias, onde o Joir, todos eles fizeram um estudo de campo citado inclusive internacionalmente. Ele com o grupo de São Paulo, Lauro de Souza Lima e Nelson de Souza Campos o grupo mais expressivo não é? E Argemiro de Souza que é um camarada extremamente interessante, Não era professor universitário mas teve um papel muito grande...

ML: Argemiro de que?

LM: Souza.

RN: Argemiro, acho que de Souza se eu não me engano, ele foi o primeiro camarada que descreveu se não me engano farmacodermia produzida pelo Promin.

ML: Ah então eu vou achar ele...

RN: Ele foi professor de muita gente, conhecia lepra para burro é um nome a ser recuperado lá de São Paulo, não é só o [Aguiar] Pupo não.

ML: O Opromolla deve saber.

RN: É Argemiro de Souza foi um camarada muito interessante e...

ML: Mas vocês participaram das comissões de alta?

RN: Não, eu não participei eu... eu... não.... eu assisti Comissão de alta....gente aquilo era um rigor muito grande o indivíduo para ter alta tinha que ter 12 exames negativos, tinha que ter uma série de coisas, não tinha que ter mais lesão, tinha que estar com a baciloscopia toda negativa, eram 12 exames que eu lembro e vinha uma Comissão para alta vinha de outros lugares, estados coisa e tal examinar os doentes.

ML: Mas vocês não chegaram a formar uma Comissão para apoiar o estado com isso?

RN: Não, não havia essa Comissão havia quando solicitação de participação de... em comissões de altas porque as pessoas iam porque isso era como se fosse uma defesa de tese.

ML: É, o paciente era julgado.

RN: Havia um rigor, um rigor muito grande pra coisa, eu lembro de um paciente que eu comecei a aprender um pouco dessa doença intrigante, esse paciente chamavas **Ormortimer**, um nome pouco comum não é? Era da época dos Virgulinos, dos Adelinos,

dos nomes assim que não eram nomes... eram nomes da época esse paciente, hoje série um diagnóstico de BL, BL.

LM: De quê?

RN: Borderline...

ML: BL, é designação de Hanseníase

RN: Boderline lepromatoso. Então eu acompanhando o Avelino vi que as lesões sumiram, negativou e o Avelino marcou para alta então naquele grupo de doentes para alta, quando ele veio para alta estava com as lesões quase com o mesmo aspecto todinho que teve no primeiro dia. Aí eu vi que a doença era realmente intrigante e tudo mais eu aprendi uma porção de coisa com ele. Aquilo que hoje em dia a gente sabe indubitavelmente que o estado emocional interfere na imunologia do paciente...

ML: É o cara fica nervoso...o senhor sabe o que acontece lá no Fundão? O paciente tem... o critério pra fazer a cirurgia de reabilitação é que o paciente tenha tido alta aí o paciente teve alta e não tem a reação e aí o paciente se interna pra fazer a cirurgia fica com a reação.

RN: Oh está vendo? Então...

LM: Caramba! O nervoso não é...

RN: Não e mais o seguinte, lesões que estavam... porque o sujeito para entrar em alta, para ser selecionado para a comissão de alta, ele já tinha os exames todo negativo.

LM: É incrível não é?

RN: Como é que... aí eu puxa! Aquele não foi dada alta pra ele, aí o Avelino é isso acontece mesmo não sei o quê é o estado emocional, eu disse mas que droga é essa toma remédio... era sulfona só, toma a sulfona esse tempo todo fica sem lesão nenhuma, tudo negativo você bota... depois de doze exames negativos para alta ele volta com tudo.

LM: Incrível não é?

RN: Você vê a fotografia tudo, tudo igual quê! Essa doença não cura.

ML: Ô Laurinda olha só, eu queria pegar essa parte dele do Instituto de Leprologia, depois a gente vê a questão da academia.

LM: Não, tá ótimo.

ML: Mas essa parte do Instituto de Leprologia, vamos dar uma continuidade nela porque depois de [19]64 a [19]66 ele foi o chefe do Instituto de Leprologia não é? Aí eu queria por exemplo assim saber... eu peguei o senhor dez anos depois lá, (**risos**)

RN: Isso é uma **mola,** parece até uma doutora que trabalhou comigo que cada vez eu fico mais velho ela... (**risos**) ela vai diminuindo o ano. (**risos**)

LM: Ela fica mais jovem.

RN: Eu conto dois, ela conta um.

ML: Bom eu cheguei dez depois não é?

LM: É (**risos**).

RN: Só que tem que eu segurei o bracinho dela assim...

ML: Que era fininho...

RN: Não falei nada, mas aqui é o abano do coisa... a área do abano... você faz assim...

ML: É, mas eu não tenho não.

RN: Não, você não, não é você é uma outra...

LM: Mas a gente faz musculação Dr. René, então a área do abano não fica muito assim.... balançante não.

RN: Rapaz...

ML: Mas e então a sua chefia lá não é? O senhor chegou lá foi médico no Instituto de Leprologia o senhor foi médico assistente, primeiro médico assistente depois o senhor já foi porque o Azulay era histopatologia, aí o senhor foi substituir o Azulay?

RN: Não, não, não.

ML: Porque o senhor foi diretor... eu peguei o senhor chefe da patologia mas em 64, 66 o senhor foi diretor e depois o senhor foi chefe de anatomia patológica de 69 a 74.

RN: É foi.

ML: Então até 64 o senhor era médico no Instituto de Leprologia.

RN: É médico.

ML: Depois o senhor foi diretor, o senhor lembra assim do senhor como diretor...

RN: Lembro, lembro...

ML: Não, o senhor lembra é claro mas o senhor lembra assim de alguma proposta, o senhor tentou inovar em alguma coisa junto à... (**o gravador é desligado**) O senhor então diretor do IL o que o senhor lembra assim da sua fase de diretor do IL que o senhor gostaria de comentar assim, por exemplo, a sua... aí o senhor era autoridade lá do centro de referência, não é? Então a sua relação com o Ministério, a sua relação com... porque naquela época eu imagino que já começava haver a discussão da ida do Ministério... não porque Brasília ainda estava...

RN: Não.

ML: É, mas assim como era a sua relação com o Ministério, como era a relação com o estado, com o município...

RN: É o negócio é o seguinte...

LM: Com a OMS, a OMS dava dinheiro para projeto como era isso.

RN: A OMS dava.....dava como exemplo...

ML: Eu estou vendo aqui que o senhor esteve nessa época no instituto a padronização da lepromina e terapêutica associada na lepra....

RN: Não, não foi...

LM: Que projeto era esse terapêutica associada na lepra?

RN: Não, o negócio era o seguinte nessa ocasião o Bechelli estava na Organização Mundial de Saúde e ele perguntou se a gente não queria participar de um projeto de pesquisa, aqui onde nós seríamos um Centro de Referência em relação a sulfona a uma porção de coisa. Então foi feito um projeto junto com a doutora... eu botei como patologista ela nem me conhecia quando eu fui catar ela no Antônio Pedro a Dra. **Nilian Duma Han**. Esse trabalho parece no meu currículo junto com o Bechelli foi publicado numa revista... dois trabalhos, era de uma avaliação **multicentro,** quer dizer, a Organização Mundial de Saúde tinha uma certa conexão conosco tanto que doou um foto microscópio, o foto microscópio foi doado que era um aparelho caríssimo.

ML: Foi na época da sua administração?

RN: Não, foi um pouco antes...mas na minha administração nós conseguimos a doação de um aparelho que nunca funcionou coisas de Brasil. (**risos**) Um aparelho caríssimo chamado de... que fazia o **freezer drained** você... o **freezer drained** é quando você quer estudar enzimas, como a enzima é uma substância dispersível você precisa congelar a peça menos de 70º centígrados para você poder estudar onde e que está o enzima senão ele se difunde não é? Esse aparelho era caríssimo. Como eu estava interessado em histoquímica e tudo mais eu consegui que ele fosse doado, aquilo... no Brasil talvez... só São Paulo tivesse aquilo, ninguém tinha aquilo.

ML: Como é o nome, como é nome?

RN: O aparelho que fazia... é a inclusão com baixa temperatura.

LM: Ah, tá.

RN: Você seca e inclui e... chamava... **freezer drained**, você seca e coisa esse aparelho nunca funcionou.

LM: Ai me Deus!

ML: (risos)

RN: Caríssimo doado e tudo mais o fotomicroscópio não, o fotomiscrocópio era um... só Manguinhos tinha um, nós tínhamos outro, São Paulo tinha outro fotomicroscópio... se eu não me engano.

ML: Pois é, aí depois da sua chefia foi a Dra. Lygia que o sucedeu?

RN: Não, Nilson Soares da Silva.

ML: Ah, foi o Nilson.

RN: Mas você me perguntou como é que foi a... Você queria saber como é que o que eu fiz... se eu fiz alguma coisa...

ML: É o que o senhor guardou dessa época.

RN: Eu guardei o seguinte primeiro o medo que eu... de assumir uma administração daquilo mas o Fausto Castelo Branco que era o diretor disse olha eu consultei os outros colegas...o Fausto trabalhou aqui (**bate com as mão na mesa**).

ML: O Fausto era o diretor do...

RN: Do Instituto de Leprologia, eu consultei Hinário, consultei Avelino eles acharam que você... e que você.... você manja um pouco de laboratório, de coisa, de clínica e tal você tem umas características que sabe das coisas que estão acontecendo nas seções. Eu disse mas eu não tenho nenhuma experiência administrativa, não isso não tem problema você vai ter o nosso apoio. Aí eu fui procurar meu tio que era funcionário antigo nos correios em Niterói você vai me ensinar o quê que é memorando, o quê que é ofício, como é que se faz isso, não sei o quê e coisa e tal.. Beabá, Beabá porque eu sabia eu nunca me preocupei com isso.

ML: A gente entra também sem saber essas coisas, não é?

LM: É claro.

RN: É aí, meu tio achou muita graça, pegou nos correios de Niterói, era funcionário antigo pegou uma pasta olha aqui esses modelos aí, isso não é nada demais não mas para mim era um bicho de sete cabeças. A clínica, o laboratório isso não era problema mas eu sempre fui oposição na minha vida quando vejo crítica ao médico novo não justificada, sempre fui assim. Então diziam o **Joir** que ninguém queria mais nada, eu procurei provar que se você fosse lá e desse o curso ele funcionava. Então dizia que lepromina não valia nada, ele veio do México disse que não valia nada, o teste não valia nada porque você injetava 100 e lia 10 só então não é o antígeno que não vale nada. É o médico que está errado e coisa e tal.....então ele não tinha antígeno e não fazia o teste era considerado malandro, eu disse não se você der o antígeno para ele, ele vai fazer mas como é que vai preparar antígeno? Era um negócio complicado, era... eu tenho uma característica até hoje eu só controlo... quando eu recebo alguma coisa eu só leio a primeira página, da página seguinte eu já não leio mais eu já fico cansado na última linha, eu acho que qualquer sugestão que a gente fizesse devia ser numa página só então tinha duas ou três páginas,

arranja um doente com leproma assim e assim... faça não sei o que lá, esteriliza assim, assim... mande em solução de... ninguém estando lá na Amazônia... vai botar... ele está cheio de doente, mas como é que ele vai mandar isso para o Serviço Nacional de Lepra?

Então eu tinha que mostrar que era possível obter isso, Bechelli estava na Organização Mundial de Saúde. Arranjamos vidros vazios que estava... que ia ser jogado fora, pneu velho... vimos que a rolha, a rolha não adaptava bem. Botei um camarada... olha aqui você vai cortar isso redondinho aqui funcionário lá, simples lá daquele... Para o vidro ficar fechado. Botamos soro fisiológico dentro do vidro, verificamos que o vidro podia ser fervido então nós simplificamos o soro, o frasco, arranjamos uma caixinha de madeira e algodão cardado que era para jogar fora que vinha com coisa... Então o sujeito já tinha o frasco onde ele ia botar... era só tirar o leproma e botar dentro. Aí surpreendentemente me disseram ah você vai mandar isso? Poucos vão mandar isso então nós obtivemos lepromas do Brasil inteiro que deu para preparar cinco litros de lepromina e mandamos três litros para o Organização Mundial de Saúde para o Bechelli, o Bechelli quando eu disse assim olha eu tenho lepromina que você quiser a vontade outra coisa, o frasco era horroroso era uma fita durex, sabe como é? Não dava vontade de injetar aquilo em ninguém arranjamos frasco padronizado, padronizamos rótulo, verde amarelo, porque eu sou brasileiro, não sou estrangeiro, não sou gringo. A tampinha... compramos uma máquina pra botar tampinha então tornando o frasco descente e tudo o mais.

ML: Então quer dizer que esse **multicentro** usou a lepromina produzida no IL?

RN: Quem?

ML: A Lepromina do estudo do centro foi toda produzida no IL?

RN: Toda produzida no IL, toda produzida no IL!

LM: E como é que se produz a lepromina Dr. René?

RN: Facílimo.

ML: Ah, nem conta depois eu te conto.

RN: Facílimo...

LM: É.

ML: Depois eu te conto.

RN: Tira os lepromas tira a...eu fiz isso

ML: Era com material humano naquela época.

RN: Fazia no laboratório...aí você tira a pele que não interessa, interessa só a gordura ferve, tritura e pronto está pronta... é só questão de depois ver a padronização mais ou menos.

LM: Certo.

RN: Então isso é uma coisa, a outra coisa, tinha umas fichas epidemiológicas aí vinha lá hanseníase indeterminada..... ah teste de histamina? Não foi feito, teste das lepromina? Não foi feito, não foi feito por que? O cara não tinha isso, como é que você vai fazer um teste de histamina se não tem? Fomos a São Paulo descobrimos uma fábrica que fazia tubo capilar... fábrica **Vejeolito** lá em São Paulo.

ML: Ah é que até hoje produz a...

LM: É.

RN: Compramos... para descobrir aquilo...

ML: Foi na sua... foi na sua gestão que começou?

RN: Claro, claro!

ML: Ah que maravilha! Até hoje faz é o único lugar que tem no Brasil.

RN: Pois é  fomos lá na fábrica **Vejeolito**, quando você vai chegando de trem em São Paulo... não havia essas mordomias de hoje em dia sabe que andam para tudo que é lugar e tal e coisa...

LM: De avião... ainda acumulando milha não é?

RN: Eu ia de trem, eu ia trem e voltava rápido você vai chegando a São Paulo de trem o fundo da fábrica dá para a estrada de ferro está escrito assim **Vejeolito** é no Brás, fica no Brás, aí fui lá comprei tubo capilar vi qual era o melhor sal... e aí o Hinário de Castro que entrou na jogada que era o fosfato de histamina que era o que se conservava melhor. Então eu já tinha lepromina, histamina, e precisa controlar pra saber... não os médicos não sabem se os doentes estão tomando remédio ou não porquê que eles não sabem?

ML: Ah foi o senhor também que fez é?

RN: É a fita pra misturar na urina para controlar para se ver **sulfonuria**...

ML: **Sulfonuria** é.

RN: É, fiz isso não satisfeito com isso eu disse vamos fazer mais alguma coisa. Apoiando o médico jovem porque eu fui médico, jovem, pobre e estudioso. Bom aí vamos fazer o seguinte vamos melhorar o nível desse negócio, aí começamos a tirar fotografias e preparar a coleção de slides isso depois ela deu uma dimensão maior mas a idéia de fazer isso... Então nós mandávamos rapaz pra os serviços, os serviços de São Paulo, para as faculdades, todas as faculdades do Brasil receberam coleção de slides de doentes, tubo capilar com histamina...

ML: E aí foi uma relação que o senhor fazia direta com o programa nacional, com o serviço nacional evidentemente.

RN: Eu não estava pensando nisso, eu estava pensando em melhorar a qualidade das informações muito bem, ainda quis mais (**pausa**) aí eu entrei... agora eu lembrei o nome eu entrei na época do era diretor do serviço **Tomás Pompeu Roças.**

ML: Ah! **Tomás**...

RN: O **Tomás Pompeu Roças** quando saiu do instituto depois ele foi trabalhar ligado a uma firma italiana, **Farmitália**. Então eu tinha já a coleção de slides, tinha lepromina, tinha histamina estava faltando à substância pra fazer a pilocarpina...

ML: A pilocarpina é.

RN: Aí... A pilocarpina e a reação que o Arnold, Arnold foi um homem... um americano que se interessou por esses testes da sudorese e da **piloereção** o diagnóstico inicial. Aí como é que eu vou fazer, qual é o sal usado para nicotina? É o **picrato** de nicotina. Conseguimos o **picrato** de nicotina através do **Tomás Pompeu Roças**, através da **Farmitália** ele nos levou o **picrato** de nicotina. Quando o músculo eretor do pelo está normal a estimulação pela nicotina produz uma piloereção aspecto de pêlo de galinha... Então engraçado que nessa época eu recebi e preparei lá no instituto o picrato de nicotina porque ia ser oferecido também. Aí eu estava....era um daqueles cursos anuais que a gente fazia no instituto, curso de lepra visando as faculdades, durava um mês mais ou menos e tinha uma doutora lá, aí eu resolvi fazer o teste nela, injetei um décimo a mulher passou mal, teve uma reação de sudorese generalizada (**risos**). Depois eu fiquei pensando eu não vou mandar essa titica aí para fora não, eu fiquei de estudar melhor a diluição depois eu saí do instituto e tal e coisa. Mas isso foi uma das coisas que eu achei que foi uma iniciativa feliz e houve alguns... abrir a boca para te criticar muita gente faz... mas para te elogiar são poucos. E eu recebi de algumas pessoas o agradecimento pela iniciativa de ter recebido uma coleção, de ter recebido lepromina sem precisar era... o sujeito para obter um frasquinho de lepromina, aquela lepromina horrorosa que vinha com fita durex, um rótulo preso não sei de que jeito a coisa e tal... então ele recebia um rótulo em verde e amarelo que foi estudado pelo desenhista da Shering...

ML/LM : Ah é?

RN: É um desenhista da Shering em verde e amarelo porque o Nilson trabalhava na Shering.

ML: O Nilson é?

RN: É ele tinha um bico na Shering era part-time no instituto. Então a coisa foi feita assim um frasco descente, um rótulo decente verde amarelo e tudo mais... um parêntese... pode desligar um instantinho?

*(Nesse momento o gravador é desligado)*

ML: Leprologia....você então fez essas coisas todas na sua fase de chefia (**risos**) não é? Trouxe os métodos complementares aí para o diagnóstico de hanseníase, você vê que eu estive lá e não sabia que foi você que trouxe isso.

RN: Você não gosta de mim miserável... (**risos**)

ML: Não olha só René, isso não foi dito muito de forma explicita... você sempre foi leprologista desses métodos complementares, eu não sabia que foi na sua gestão... direção...

RN: Fui é… exato. Você precisava ver eu catando... fazendo a caixinha... nem a caixinha de madeira foi comprada.

ML: Por isso que você me apoiou tanto quando eu mandei fazer a coleta de hansenólogo...

RN: Não, não apoiei tanto não porque você era uma pessoa agradável, inteligente, feminina, bonita...

ML: Obrigada. Bem mais aí então depois de 69 a 74 você foi o chefe...

RN: Agitada.

ML: Você foi o chefe da anatomia patológica no instituto não é?

RN: Sei.

ML: E aí em 75 eu cheguei lá, então de 75 para cá eu sou meio testemunha ocular, não é? No final de 60... tem alguma coisa nessa segunda metade de 60... tem alguma especial não?

RN: Não, você por ano assim você me pega porque eu não guardo assim por data.

ML: Depois que o senhor foi diretor, logo que o senhor começou na cadeira de... na patologia tem alguma coisa especial?

RN: Na patologia?

ML: É, na patologia. 69 a 74...

RN: Não, eu acho o seguinte uma coisa útil que aconteceu no instituto no leprologia, isso é uma observação geral que aconteceu comigo e aconteceu com outras pessoas com você e outras, no Instituto de Leprologia que tinha gente com cabeça arejada, um Azulay que queria fazer trabalho.... o Azulay tinha uma ambição justa ele como professor universitário, ele que é um líder nato, é um homem que está com 82 anos está com plena atividade e coisa é um grande pioneiro em muita coisa, ele no instituto de leprologia queria fazer com que aquilo fosse um instituto de pesquisa respeitado e tudo o mais e foi até acabarem. Porque nós tivemos gente que veio estagiar da primeira qualidade, o **Klingler Muller**, filho do grande **Klingler Muller** fez... foi lá no Instituto de Leprologia e fez questão..... pouco depois ele morreu, fez questão de tirar fotografia minha e do Tuma lá sabe por quê? Por um trabalho que nós mandamos para o Congresso Internacional em que abria o estudo de degeneração de **poídica**.

ML: Vocês tinham dinheiro da Campanha Nacional da Lepra, do serviço para pesquisa?

RN: Nada, nada para dizer...sabe como é que nós fomos ao Congresso internacional?

ML: Não tinha não?

RN: Ah! Vou dizer como é que foi o Congresso Internacional..... tinha um Ministro das relações Exteriores que a irmã dele estava ligada num desse programas de... como é que... esse programa de ajuda...

ML: Voluntariado essas coisas?

RN: Não tem um nome... filantrópico.

ML: Filantrópico.

RN: A irmã de um Ministério...então o Azulay ia apresentar trabalho, eu ia apresentar trabalho, o Tuma ia apresentar trabalho. Pedimos ajuda ao Ministério da Saúde não deu, não deu como ia a irmã de um Ministro, através do ministério das Relações Exteriores o Ministério deu uma ajuda pra a irmã ir. Então deu uma ajuda de três mil cruzeiros que nós dividimos entre a irmã dele, o Tuma, Azulay e eu assim.

ML: Mas assim os insumos tinha tudo, não é René? Os insumos assim não faltava remédio...

RN: Não, havia um problema,

ML: Não faltava material... era bem assim.....tinha problemas?

RN: Havia um problema... sabe o quê que é? Sabe qual é o problema que houve? Era a forma de pagamento...

ML: Ah!

RN: A forma de auxílio do governo, era as tais rubricas que eram depositadas por duodécimos. Isso criava um problema desgraçado porque você tinha...

ML: A burocracia era meio chata não é?

RN: Não você tinha uma verba por exemplo para comprar material de higiene, vamos supor por ano era 12 mil cruzeiros. Então todo mês você depositava mil cruzeiros, mil cruzeiros, se você quisesse fazer... e ainda assim então você tinha rubricas para comparar coisas maiores aparelhos e tudo o mais. Foi uma das coisas que eu acertei na minha administração isso não é pra botar aí mas eu comecei a fazer reuniões em que eu levava em cada reunião a distribuição das rubricas. Então o sujeito Olha eu quero um microscópio monocular não sei o quê.. você quer gracinha? Está bem, vamos olhar quanto e que é olha no fim do ano eu tenho 12 mil cruzeiros, o microscópio custa nove. Até agora nós só temos quatro você tem que esperar até chegar o fim do ano porque você não podia comprar fora da rubrica. Isso causava dificuldade.

ML: Deixe-me te falar uma coisa e qual era o vínculo empregatício? A campanha Nacional... a Campanha Nacional...

LM: Ela engessa muito, não é ?

RN: Engessava.

ML: A campanha, porque aqui no Hélio Fraga, no Centro de Referência de Tuberculose, a Campanha Nacional de Tuberculose contratou muita gente também...

RN: Nós contratamos.....

ML: Vocês também, não é?

RN: Lá contrataram, contrataram.

ML: O Antônio Carlos, essas pessoas entraram pela campanha?

RN: Entraram como contratados inicialmente.

ML: Pela Campanha?

RN: Eu acho que sim.

ML: Você chegou a ser contratado pela campanha?

RN: Não, eu fui pela verba três era uma outra situação.

LM: Continuou com aquela verba três a vida toda?

RN: Cinco anos.

ML: Cinco anos a verba três, depois foi absorvido pelo Ministério da Saúde.

RN: Depois nós fomos efetivados, mas tudo com ação na justiça.

ML: Ah é?

LM: Ah meu Deus!

RN: É e você vê aqui o brasileiro é um ser especial, eu me sinto feliz de ser brasileiro, mas nós temos uma capacidade não sei se os outros povos chegam a ter essa capacidade. Por exemplo, então vinha tinha advogados, daqueles escritórios de advocacia que iam em todas as repartições olha você tem direito a isso, tem direito aquilo cada um dos direitos era uma custa de ações em que eles ganhavam 20%. Eu entrava em todas não é? Mas aí... até... houve uma última dessas ações era para efetivação dos verbas três que tivessem cinco anos para efetivar em todos os direitos, com todos os direitos para ver como é que o governo tira proveito. Aí fomos efetivados mas tinha um negócio de 20% quem trabalhava em lepra, não deram porque a Lei dizia que era todos os direitos não em vantagens, a Lei teria que ser em todos os direitos e vantagens. Então o filho da mãe do legislador não sabia disso? Quer dizer já fazia... já fazem com segunda intenção para prejudicar alguma coisa.

LM: Que coisa!

ML: O senhor considerava que na época o salário de uma pessoa que trabalhava com hanseníase, de um hansenologista era um salário bom?

RN: Não.

ML: Com relação aos outros salários do governo na área de saúde, não?

RN: Não vamos voltar, vamos voltar ....

ML: O salário era ruim, o salário era ruim.

RN: Vamos voltar atrás agora... É outra atitude do governo, é outra atitude desse governo que não muda... quando fizeram esses cursos internacionais que é bom você ver quem foi....perguntar ao Azulay e as pessoas todas que fizeram aquele curso, Risi fez, Avelino fez, Joir fez e tudo mais... fizeram esse curso, quer dizer, as pessoas que têm essa idéia pra implantar uma situação de combate a lepra no Brasil e ferir eles..... Ernani Agrícola e essa gente toda mas eles foram contratados de que maneira? Ganhando muito bem, Muito bem.

ML: Nesse curso?

RN: Os que foram formados nesse primeiro curso...depois a coisa vai degringolando é sempre assim hein... é sempre assim, eu tenho um filho que está nessa aí eu disse para ele que isso não é de agora é a mesma coisa se eles pudessem afogar os aposentados...

ML: Vai sempre diminuindo o salário.

RN: E diminuir e tudo o mais... sempre, sempre, sempre, sempre.

ML: É vai sempre  diminuindo o salário é.

RN: Eu depois que fui aposentado eu já perdi duas coisas que eu nem, nem sei porque. Para eu fazer um concurso disputando numa idade que você já não está com a memória boa... e vencer o concurso para trabalhar tudo bem mas na hora que aposentei perdi uma porção de coisa.

LM: É. (**inaudível**)

ML: Agora quando vocês....com essa passagem depois a gente vai chegar agora, na passagem para Fiocruz é a última coisa, o salário... como é que vocês ficaram você podia escolher qualquer órgão federal? Com é que foi isso?

RN: Não, não aí...

LM: O senhor aguarda só um instante...

**Fita 3 – Lado A**

LM: A gente termina o...

RN: O Instituto de Leprologia em determinado momento passou a ter uma filiação com a Fiocruz, uma ligação com a Fiocruz.

LM: O senhor lembra da época?

RN: Não lembro da época. Mas a Fiocruz.... nós tínhamos autonomia quase a que igual a que existia, só lembro em determinado momento que Oswaldo Cruz Filho, que foi diretor do Oswaldo Cruz, em determinado momento havia por exemplo a reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência... É, isso que reúne todo ano gente de todas as áreas, é um Congresso enorme eu lembro só de uma atitude assim que ele passou um ofício lá para coisa dizendo quem tivesse trabalho para apresentar nessa Sociedade, já trabalho pronto, ele arcaria com a passagem e a estada lá. Então foi a Lígia, Tuma e eu fomos lá nesse Congresso o pessoal meio deslocado e tudo o mais.

LM: Esse Tuma que o senhor fala qual é o nome todo?

RN: Milan Tuma Isral, era brasileiro naturalizado, era Iugoslavo morreu cedo e eu... nas minhas mãos aspirando ele, teve um câncer de cabeça de pâncreas, morreu aos 49 anos de idade. Sofreu que nem danado, teve em campo de concentração na Itália foi uma... um indivíduo altamente competente foi em determinados momentos quem assumiu o laboratório de microbiologia no lugar de Cândido Silva, ele participava daqueles pontos de vistas nosso de padronizar as coisas, ele tentou a padronização da lepromina nós fomos com ele colher leproma em Ubá, no sanatório de Ubá, Minas Gerais, levava o Clodoaldo e o **Uã** no sanatório Tavares de Macedo para obter matéria prima e padronizar. Fizemos tudo tinha um Regimento de cavalaria em São Cristóvão ali, inoculamos, pedimos a colaboração... foi a dona Ilda que era enfermeira nossa e duas enfermeiras do município injetamos cinco leprominas com diluições diferentes nas costas dos soldados todos do regimento de Cavalaria. Então aquilo foram às idas e vindas para o comandante entender o que a gente estava fazendo e no dia foi muito interessante, a dona Ilda nossa enfermeira sabia fazer o teste da lepromina as outras duas do município não faziam o teste injetavam subcutânea, mas o mais interessante não foi isso estava a soldadesca toda em fila aí o comandante, ele era baixinho, ele andava todo impinadinho assim sabe? Ele quis ser o primeiro quando injetou ele desmaiou, aí tivemos que segurar o comandante fechamos a porta..... que exemplo filha da mãe que ele deu (**risos**).

LM: (**risos**) Que horror! Todo posudo.

ML: Todo mundo lá na fila.

RN: Todo mundo lá.

ML: Mas René você estava dizendo...

LM: Aí o senhor estava falando da SBPC.

RN: Então eu fui lá... bom é um dos raros exemplos que...

ML: De apoio da Fiocruz...

RN: Da Fiocruz, a gente tinha autonomia absoluta eles não davam praticamente nada mas aí...

ML: Agora como começou o processo, esse processo?

RN: Dia... não sei.

ML: Responde uma coisa aqui...

RN: Não sei.

ML: Que eu queria complementar...

RN: Eu sei da saída do desligamento eu sei.

ML: Com relação ao vínculo, na hora que foi para a Fiocruz se vocês tiveram a liberdade de optar, por exemplo, o senhor foi pra o INCA...

RN: Não, não fomos para a Fiocruz, deixe-me te explicar como é que é essa história porque o... depois o [José Rodrigues] Coura se arrependeu eles então quiseram fazer... então tinha um órgão que era o instituto de leprologia tinha não sei o que da criança não sei aonde, tinha um outro setor lá...

ML: Pois é, não racionalizar é.

RN: Porque isso não vai tudo lá pra a Fiocruz? Porque é que não fica todo mundo nessa área? Quem foi o emissário para estudar isso? O [José Rodrigues] Coura que era amigo nosso conhecido da [Universidade Federal] Fluminense e o voto dele foi favorável, achavam que não justificava àquela instituição que já tinha 37 anos de existência e respeito internacional, quer dizer, aquilo que se conseguiu e respeito lá fora numa penada foi..... acabou levaram para Fiocruz.

ML: Então o [José Rodrigues] Coura deu um parecer contrário?

RN: Deu um parecer favorável a que se incorporasse...

ML: Ah foi favorável?

RN: Foi favorável a que acabasse o Instituto de Leprologia e que fosse incorporado lá e a biblioteca foi um crime o que fizeram com a biblioteca.

ML: É isso eu vi...

RN: Aí a biblioteca, o caso, a situação da biblioteca tem que se contar a biblioteca que existia no Instituto de Leprologia era considerada a segunda biblioteca de referência no Brasil, tinha uma em São Paulo que era da Dra... Senhora Luisa **Keffer...**

ML: Que depois foi para a Fiocruz.

RN: E tinha a nossa... essa biblioteca já fazia intercâmbio internacional, intercâmbio internacional. Então o mundo inteiro mesmo apesar da cortina de ferro, sabia da existência da nossa biblioteca. Então quando de uma penada acabaram com a biblioteca, eu digo biblioteca de referência especializada em lepra e incorporada numa biblioteca geral que é Manguinhos não se pode fazer isso, eu não sabia disso eu fui saber disso...

LM: Não se pode fazer isso?

RN: Não, não pode é um processo complicadíssimo. Você... da BIREME[3] me explicaram isso. Você tem, por exemplo, uma biografia especializada em dedos da mão. Explicação que o camarada me deu lá, de repente começa a se fazer... você faz bibliotecas especializadas de polegar, indicador, médio, anular, e mínimo. Então houve uma justificativa para você criar uma biblioteca especializada em dedo mínimo, processo demorado como provavelmente ocorreu a individualização, o reconhecimento da biblioteca de pra do Rio de Janeiro e a biblioteca lá de São Paulo da Dona Luiza Keffer. Então isso tinha intercâmbio não era época de internet nem de computador mas era muito importante essa coisa uma cortina de ferro da Rússia uma vez eu pedi um trabalho das Polônia recebi.

ML: E não tinha internet.

RN: Não, não era Internet nada disso.

LM: Sem Internet.

RN: Eu recebia de avião....

ML: Eu conheci a biblioteca Damares.

LM: Então a dona Damares, dona Damares.

ML: O René como era o nome daquele cara que fazia, ajudava lá a atender os doente, que não usava luvas metia a mão nos doentes de hanseníase assim aquele era o Domingos? Aquele.....

RN: Era... era um enfermeiro o seu Domingos.

ML: Um auxiliar de enfermagem seu Domingos não é?

RN: É, seu Domingos é.

LM: Mas acaba de falar da biblioteca, Dr. René.

RN: Aí de uma penada levaram os livros todos para Manguinhos e eu... como é que ficou em Manguinhos aquela biblioteca que ficou era reconhecida internacionalmente, ficou numa sala? Podia ficar...

ML: Não, foi jogado...

[3] Centro Latino-Americano do Caribe de Informação em Ciência da Saúde.

RN: Não foi misturada, jogada no coisa.

ML: Ficou jogada...

RN: E por causa daquele trabalho do Dadi, agora lembrei, hein? Uma vez eu mando um trabalho negócio de lipídio para sair na revista...

ML: Eu cheguei a entra na sala que foi jogada a...

RN: É eu mando o trabalho para ser publicado na Revista do Rotberg, e nada de sair o trabalho e eu falava com o Rotberg não deve estar havendo qualquer coisa... oh Rotberg eu sou cuidadoso nesse negócio da bibliografia e tudo o mais o trabalho está todo pronto e não sai, aí uma vez que eu fui a São Paulo fui falar com o encarregado é o seu trabalho está incompleto, incompleto como? Não está faltando a referência de um tal de **Dadi.** Puxa vida! Como é que eu vou obter isso? Era um trabalho de 1800 e tal aí eu lembrei ah! foi a Damares que conseguiu esse trabalho que era de 1800 e tanto.

LM: A Damares era bibliotecária?

ML:Bibliotecária, é.

RN: Era bibliotecária, veio uma referência assim era... não era nem xerox era cópia não sei o que e quando a gente pedia alguma coisa de fora não era pra você, ficava na biblioteca aí eu disse não está comigo está na biblioteca aí fui a Manguinhos, fui procurar a Damares aí falei o Damares eu vim aqui buscar aquele..... lembra de um negócio que você conseguiu de um italiano? Eu estava querendo..... o senhor está querendo agora? Vem cá aí ela abriu a porta.

ML: É eu vi isso tudo no chão assim...

RN: Chão...

ML: Até me arrependi de não ter pego... eu soube de gente que pegou lá livros maravilhosos eu não peguei nenhum, eu fui lá olhei, procurei eu estava procurando a tese... Procurei a tese...

LM: Que absurdo!

RN: Não mas foi engraçadíssimo o camarada...

ML: Teve gente que pegou.

RN: O camarada da BIREME, sabe? Alto funcionário de lá eu quando disse assim....ele perguntou o negócio da biblioteca, não sei o quê, perguntou até se eu não me engano pela Damares eu disse não aquela biblioteca acabou o camarada que está metido nisso....não pode acabar é a improvisação, é a intuição brasileira...

ML: É. aí o senhor vai ver a biblioteca que e similar que existe em Bauru.

RN: Aí...

ML: Que é especializada. Aí chegou... e talvez não atenha esse.... aval internacional talvez não tenha.

ML: Não, tem agora fui eu que ajudei houve um curso de biblioteca especializada em hanseníase e a biblioteca de Bauru eu mandei para Holanda para a reunião.

RN: A então, aí...

ML: Eu ainda estava em Brasília.

RN: Mas era um...

ML: Mas só que é mais recente isso.

RN: É um processo demorado... processo demorado.

ML: Uma iniciativa da **ILEP** de organizar as bibliotecas mas isso anos depois daquele que houve naquela época.

RN: Esse careta da Bireme quando eu disse que acabou ele disse não o senhor está enganado não pode acabar, não eu sou lá do Rio, não mas não pode acabar! A dona Damares não é a responsável? A Damares foi transferida com os livros para a Fiocruz.

ML: Pois é, mas o senhor não está me falando... esse processo foi um processo traumático e eu era sua aluna lá eu vivi isso e uma coisa que eu não entendia bem é com é que as pessoas ficavam ali porque uma mudança como essa as pessoas são muito pouco consideradas, não é? Quer dizer a mudança é estrutural ela é física...

RN: É.

ML: E cada um foi para um lado como é aconteceu isso?

RN: Não.

ML: Porque eu me lembro que o meu projeto de pesquisa foi prejudicado.....

RN: Aconteceu o seguinte.

ML: Porque o seu Coelho, o seu Coelho lembra?

RN: Lembro.

ML: Foi para o Fundão.

RN: É, aconteceu o seguinte houve uma reunião eles botaram um militar chefiando a Fiocruz.

ML: É, foi na ditadura isso, não é?

RN: Foi na ditadura e esse militar foi lá...

ML: Quem era o militar, quem era?

RN: Foi um militar que não era... eu acho que não era nem médico chefiando a Fiocruz e ele teve que... marcou uma reunião que as pessoas tinha que se definir naquele dia, ele pegou pediu a palavra... eu já ia embora... eu disse dá licença, não senhor não é assim não e antes ele fez uma crítica tinha gente lá em Manguinhos só estudando mosquito quando no Brasil tem uma porção de coisa olha a mentalidade de um careta desse. Então ele queria que todo mundo... era uma opção boa tinha que fazer era para aqui, para ali acolá. E não é isso só não o governo é desonesto, Dr. Osmar Mattos o homem que usou a Talidomida no mundo pela primeira vez pra tratar uma doença que não tinha tratamento foi o **poloigo inocular de Hainer** era desse serviço, foi assistente aqui do Ramos e Silva, Osmar Mattos descreveu o primeiro caso de **hidrossistoma** eruptivo no Brasil foi discípulo de Jorge Lobos.

ML: Cheguei a conhecê-lo.

RN: Está vivo ainda.

ML: Está vivo!

RN: Está vivo, está vivo.

ML: Lúcido?

RN: Lúcido.

ML: Aí meu Deus! Onde é que... como é que eu contato ele?

RN: Você..... da casa dele.

ML: O senhor tem?

LM: É, depois ele dá o telefone pra gente.

RN: Olha aqui.

ML: Aí que maravilha Dr. Osmar!

RN: Vai conversar com ele que ele que ele (**gravador desligado**) ...fechamento de coisa... Toma nota aí 1.002 (Mil e dois) cemitério de Maroi... (**risos**) Barreto, já comprei a minha vaga lá.

ML: Que isso!

ML: Ué você não quer encerramento?

ML: Não!

RN: Bota aqui mil e dois...

ML: Não, para hoje, não! (**rindo**)

RN: Mil e dois...

ML: Não!

RN: Mil e dois cemitério de...

ML: Do Instituto de Leprologia encerramento de hoje, dessa primeira fase **(risos**) do Instituto de Leprologia só mais uma palavrinha para a gente...

RN: O que você quer?

ML: O senhor estava falando dessa reunião que esse militar pediu para as pessoas optarem.

RN: Ah, não, ele aí, ele foi...

ML: Porque é que o senhor foi para o câncer, por exemplo.

RN: Não, ah, é...

ML: E não foi para a Fiocruz?

RN: Ele convocou uma reunião e disse que as pessoas tinham que definir, que aquilo ali ia ser entregue à Irmandade da Candelária outra coisa...

ML: É.

RN: Quando o Ernani Agrícola conseguiu a área pra fazer o Instituto de Leprologia, era área que pertencia à Irmandade da Candelária o terreno onde tem o leprosário e fez uma cláusula que nunca se deve fazer que no momento...no momento que saísse de lá todas as benfeitorias reverteriam em bens da Irmandade da Candelária, então tudo auditório, ambulatório, aqueles prédios...

LM: Foi tudo para Candelária?

RN: Foi tudo para Candelária de mão beijada.

ML: É.

RN: Foi um negócio, quer dizer, nunca ninguém prevê que alguém ia tirar mas então essa reunião..... era Vinícius o nome não sei o que... procura saber...

LM: Vinícius da Fonseca...

RN: Não foi? Não tinha um Vinicius lá que foi diretor?

LM: Vinícius da Fonseca foi.

RN: Pois é, era militar.

LM: O diretor na época que passou...

RN: Então.

LM: Que passou a Fundação foi Vinícius da Fonseca.

RN: É um Vinícius da vida parece lá. Então tinha uma visão completamente... não sabia nem porque o sujeito estava estudando mosquito lá. Então chegou e disse queria que todo mundo... acabou de falar ia embora não senhor, espera aí eu sou médico trabalho aqui assim não é assim. Eu levei a minha vida aqui já fui diretor disso aqui assim como é que é? Isso tem que estudar as pessoas têm que ver isso, ah vocês vêem mas tem um prazo até coisa assim. Aí vem outra coisa estou dizendo essas coisas e olhando mais para você que é jovem para ver se isso muda, aí o que disseram? Aí é que eu ia citar o Osmar Matos disseram o seguinte olha quem se aposentar agora, quer dizer, ofereceram aposentadoria antecipada vai ter um benefício de não sei o que... uma porcaria! E o Osmar, o Osmar é uma pessoa muito inteligente mas muito sensível eu sou de briga sabe? Eu não aceito as coisas com facilidade, o Osmar é uma pessoa introspectiva, sensível então ele entrou naquela eu disse não faz isso Osmar, não faz isso e daí a meses o Osmar já estava ganhando uma ninharia era uma época de inflação desenfreada e eles não corrigiam aquelas pessoas que se aposentaram...

ML: Foi em 76 não é? 76.

RN: Sei lá quando aquilo foi! Então quem foi o último retardatário depois que todo mundo tinha ido embora?

ML: O último a apagar as luzes.

RN: Fui eu.

ML: O último a apagar as luzes.

RN: Eu fiquei sozinho lá, eu ia todo dia lá.

ML: É o tipo dele.

RN: Todo dia e um belo dia não tinha mais funcionário, não tinha ninguém uns foram não sei para onde.... tinha um cara que era assessor do... se eu encontro com ele na...

ML: Enquanto você está falando eu estou vendo o instituto inteiro... a escada...

RN: E aí eu subia e fiquei lá, de lá entrava num prédio o outro prédio vazio... só tinha uma coisa e tal... e eu tentando, eu e um soldadodizinho com a flecha querendo enfrentar um Regimento e o Almeida Machado...

ML: Ele tentou passar uma resistência tentou fazer uma resistência.

RN: O Almeida Machado...

ML: Que era o Ministério.

RN: Que era o Ministro, que quis levar o instituto... aquele de psiquiatria como é que chama...

ML: O [Instituto Philippe] Pinel.

RN: O Pinel.

ML: Ele quis levar o Hélio Fraga.

RN: Quis levar o Pinel, o Pinel resistiu. Chegou lá no instituto de leprologia não encontrou na chefia do serviço de coisa uma resistência à altura levou a coisa mas como é que ele levou? Então já havia as idéias ...gente pensado contra não sei o quê, eu aí reúno... havia um Congresso em Brasília esse já é o momento exato desse Congresso.... peguei Rabelo, Azulay os maiores professores da época.

ML: Congresso de dermato?

RN: Um Congresso que houve em Brasília. Aí eu fiz uma argumentação, uma exposição de motivos que era o absurdo aquilo ir para Brasília então pedimos uma audiência ao Ministério, ao Almeida Machado mas estrategicamente não dissemos o assunto. Como todo o Ministério é homenageado pelo Congresso ele achou que ia receber... quando ele chegou lá e viu a gente reclamando do absurdo ele ficou nervoso sabe? Ficou nervoso, disse é eu vou resolver isso e coisa e tal fez um ofício transmitindo a toque de caixa a todo o Instituto de Leprologia naquela semana obrigando a todo mundo o senhor Ademir foi para lá não tinha lugar nem para morar.

ML: Porque ele...

LM: Mas obrigando o quê? Eu não entendi a ir para Brasília?

RN: Obrigando todo o Instituto de Leprologia e funcionários a ir para lá.

ML: Porque ele estava com medo da resistência, entendeu? Porque... o pessoal da psiquiatria resistiu e não foi... Então ele falou assim...

RN: Obrigando a ir para a Fiocruz?

ML: Não eles... saiu pela a culatra o negócio deles por quê?

RN: Ir para a Fiocruz não, ir para Brasília.

ML: Ele falou assim se esse pessoal está se organizando...

LM: Ah ir para Brasília!

RN: É.

ML: Ah! ele...

LM: Ir para lá para Brasília?

RN: A chefia do Serviço Nacional de Lepra.

ML: De lepra mas não o Instituto de Leprologia?

RN: Não o Instituto, o instituto estava preso ao Serviço Nacional de Lepra.

ML: É.

LM: É.

RN: Aí... acho que deixou...

ML: Ele levou... ele adiantou a mudança da lepra para Brasília.

RN: É mas foi assim da semana seguinte, foi a decisão que ele disse que ia pensar mas o Instituto de Leprologia ficou nisso aquela conversa quem quisesse se aposentar... e ofereciam para pessoas ir para aqui, para ali e para acolá. Aí tinha um careta que eu esqueci o nome dele, não podia esquecer porque eu quis brigar com ele, era assessor do ministro, o filho da mãe telefonou um dia porque eu chegava ia para o instituto, ia lá para sede, não tinha ninguém, uma viva alma só tinha telefone lá e o vigia eu recebo um telefonema mal educado ah Dr. René eu sou não sei quem assessor do Ministério não sei o quê, eu disse pois não? Eu tenho telefonado para aí o não encontro o senhor nem de manhã... meu horário é de tarde quem é o senhor? Era um Silva da vida sei lá o que é... mas do quê que se trata? Não o senhor é o último de coisa e o senhor tem que dizer para onde que o senhor quer ir, eu disse oh eu não sei nem para onde é que eu posso ir, ah o senhor pode...

ML: Fiocruz eu não vou.

RN: Não, é o senhor pode ir para Fiocruz, o senhor pode ir para o serviço de fiscalização da... esse negócio de passaporte como é?

ML: Ah do porto... Portos e Aeroportos, vigilância dos Portos e Aeroportos.

RN: E, saúde dos portos e o Silas foi o Silas foi.

ML: Ah sim o Silas Brandão! Cheguei a vê-lo no aeroporto.

RN: É, então... não sei o quê e coisa e tal sacana sem me conhecer rapaz irônico. Aí disse assim é lá na.. ele disse uns dois lugares ou três... ele disse do aeroporto é lá o senhor vai ganhar uísque de presente... olha eu disse eu não bebo, eu não bebo e eu não estou gostando do modo do senhor não...eu tive uma altercação com ele pelo telefone. Um dia, dois dias depois recebi lá a carta para onde é que o senhor quer ir? O senhor tem que decidir não eu quero ir para o hospital do Câncer aí é que eu decidi...

ML: Foi bom...

RN: Eu que escolhi, para mim foi ótimo.

ML: Ele fez um trabalho bom no instituto do câncer.

RN: Foi ótimo porque eu...

ML: O senhor aposentou lá, não é?

RN: Não, não é isso não é por ter aposentado por lá...

ML: Criou um serviço...

RN: Eu criei o serviço de pele lá no instituto Nacional do Câncer.

ML: É, isso foi verdade.

RN: Isso foi uma coisa importante.

ML: Está aqui no currículo isso gente?

RN: Não sei, isso é uma coisa importante que eu fiz na minha vida sabe por quê?

LM: Não, não está não.

RN: Vou dizer a você porque foi importante. Quando eu cheguei lá no instituto do câncer encontrei o Onofre Ferreira de castro primeiro eu discuti com diretor no primeiro dia, por favor tudo isso tem que sair não é? Eu levei, fui debaixo de braço algumas coisas que eu havia escrito e fui lá falar com o diretor do hospital do Câncer ah muito bem... ele disse assim é você é dermatologista? Nós não temos dermatologista aqui então você vai para cabeça e pescoço".

ML: (**risos**)

RN: Eu disse assim cabeça e pescoço? Ou então para cirurgia plástica eu não sou doutor, não é? Sei lá o quê que é ... olha aqui qual é a usa especialidade? O cara diretor rapaz e eu no primeiro dia.... com o coisa de baixo... qual a sua? Eu sou cirurgião. Ele disse cirurgião como se todo o resto fosse merda eu sou cirurgião, ah o senhor é cirurgião? Eu sou dermatologista e bati no peito assim também....depois... Pô no primeiro dia que eu estou me apresentando eu faço um negócio desse (**risos**)....para onde é que o senhor quer ir? Eu quero ir para anatomia patológica eu conheci o...

ML: Quem era o patologista na época?

RN: Era o... aquele não podia esquecer o nome dele.

ML: Do (**inaudível**)

RN: Não é do... é lá de Niterói professor de Niterói. Aí ele disse mas você tem que falar com ele, aí eu fui falar com ele eu disse olha aqui coisa e tal, ele me recebeu e disse assim você esqueceu que eu fui lá no Instituto de Leprologia para ver aquele negócio de coloração do lipídio? Onofre, Onofre Ferreira de Castro. Onofre Ferreira de Castro, eu disse oh Onofre aconteceu isso assim, assim e assim e eu estou deslocado não é? Porque...você quer ficar aqui? Aí arranjou uma sala para mim, um microscópio... falou você fica aqui como consultor eu se você...porque o governo fez uma coisa quem não quis sair logo ele deixou fora dos aumentos era uma época de inflação nós ficamos sem... eu fiquei na carreira inicial de médico. Ele disse para mim se eu soubesse que você... como eu sei o que você está ganhando se eu fosse você nem viria aqui, mas eu sei que você é de trabalhar você fica com esse microscópio e essa sala você faz aquilo que quiser e eu fiquei lá e vi que podia talvez criar o setor de pele, de dermatologia.

ML: E criou.

RN: Aí aconteceu um negócio interessante puxa tem setor de mana, tecido ósseo e conectivo...

ML: Câncer de pele é o mais freqüente do Brasil e não tem no INCA não tinha.

RN: É, mas eu usei essa... a seção, o serviço de dermatologia foi criado por causa de um diretor Ari Frauzino.

LM: Ari Frauzino hum, hum.

RN: Porque eu disse uma coisa para ele sabe? Aí tinha setor de mana, tem ginecologia, tecido ósseo conectivo um negócio aparentemente inexplicável aquela situação. Aí o Onofre me explicou René o negócio isso é coisa de Brasil nos Estados Unidos tem um hospital só para.... Skin and Cancer é um hospital pele e câncer devido a importância. Aqui eles começaram a fazer o hospital o dinheiro acabou não construíram o hospital de Skin and Cancer. Aí nós começamos... uma vez eu fui falar com o Ari Frauzino e fiquei esperando por ele o Ari morreu de câncer de pulmão fumava à beça, era o diretor do coisa... era um homem...

ML: Que horror! (**rindo**)

LM: Era o diretor do instituto...

RN: Era um homem... é diretor.

ML: Diretor do INCA fumando hoje ele ia ser trucidado (**rindo**).

RN: Mas quando eu fui... Uma vez foi até engraçado...

ML: Mas tinha uma Fundação... Criaram uma Fundação com o nome dele nome dele, (**risos**)

RN: Tinha aqueles cartazes não é? Não fume! O fumo é uma arma apontando para você. E no elevador e tudo o mais até chegar no gabinete do diretor. Cheguei estava numa

reunião a secretária o senhor tem que aguardar um pouco e tal, aí esperei quando eu entrei rapaz...

ML: Aquela fumaça.

RN: Parecia uma boate todo mundo fumava eu disse que diabo é isso!" (**riso de todos**) Que diabo é isso! Todo o cartaz...

LM: Como é que pode não é Dr. (**risos**)?

RN: É. Mas aí o Ari Fralzino... eu disse assim...um dia...eu queria falar consigo... um dia aí... não você vem e tal nós vamos conversar, eu fiquei esperando por ele muito tempo sabe? Aí na sala de espera tinha um cartaz assim sobre a distribuição dos vários tipos de...

ML: De câncer .

RN: Não tinha câncer da pele.

LM: De pele?

RN: Não tinha.

ML: É que às vezes eles tiram é.

RN: Aí eu fiquei esperando ele chegar e quando ele chegou eu disse oh Ari estava olhando esse cartaz aí com a distribuição do câncer e pensei em você como diretor de um fábrica de pirulitos, ele que brincadeira é essa? Eu não sei porque eu lembrei do pirulito ...e que não tem ninguém especializado em fabricar pirulito, ele disse o que você quer dizer René ficou maluco? Eu disse não, não é isso não se o câncer da pele é o mais comum um dos mais freqüentes como é que você não tem um setor de pele? Você tem razão então você faz um estudozinho aí diz o que precisa para gente montar o setor. Eu precisava de uma sala, precisava de uma mesa... precisava pouquíssimo material.

LM: Só isso, não é doutor?

RN: Olha, lá dentro (**pancadas na mesa marca a ênfase da fala.**) tinha um camarada que era do contra, um alemão que tinha lá médico alemão na frente do Ari ele dizia que ia ver que ele era do setor de laboratório saía dali não fazia nada. Até eu chegar para esse alemão e dizer assim olha aqui eu não sou de dar queixa não mas você está atrapalhando as coisas, foi uma luta para conseguir implantar aquilo.

ML: O senhor ficou quantos anos lá Dr. René?

RN: Fiquei quase treze anos.

ML: Treze anos é, e se aposentou não é?

RN: Mas esse sujeito ele me deu a pior sala a porta não fechava, tinha um armário de remédio que tudo quanto era enfermeiro entrava sabe?

ML: E pegava o remédio (**risos**).

LM: Puxa vida!

RN: Sabe. E ainda tinha mais uma coisa você quando fechava a porta a cadeirinha ficava assim se você fechasse coisa batia na perna da pessoa (**risos**), viu? Eu... estava já indignado fui falar com ele umas duas vezes tira aquele armário de lá a porta não fecha direito..um dia...

ML: Ele era o administrador do ambulatório?

RN: Era o administrador do ambulatório. Aí um dia eu estava atendendo uma senhora idosa, uma velhinha mandei..... na hora que eu mandei ela tirar roupa ela coitadinha.... estava nuazinha só de calcinha e tal a porta abriu e os doentes todos sentados vendo aquilo. Olha com aquilo eu me enraiveci disse para a enfermeira oh fecha essa porta aqui aí fui buscar o seu fulano de tal fui lá fulano quer descer comigo fazendo um favor? Mas o que é? Não eu quero lhe mostrar uma coisa, não mas o que é? Não mas vamos lá no ambulatório. Aquela senhora eu tinha mandado botar um lençol ela estava deitada na cama, eu disse olha aqui aconteceu o seguinte episódio, podia ser a sua mãe essa senhora podia ser a sua mãe, a sua avó a minha coisa... eu já estou lhe falando aqui várias vezes (**pancadas na mesa marca a ênfase da fala.**) para fechar essa porta o senhor não toma previdência, usar esse armário aqui entra enfermeira toda hora o senhor senta aí um instantinho quando ele sentou eu fechei de propósito a porta para bater no joelho dele pá (**risos dos quatro**) tive vontade de chamá-lo de viado mas eu não sei o que é viado sabe? Mas tive vontade.

LM: Imagino!

RN: Aí disse olha se você não tirar isto amanhã eu vou falar com o Ari fralzino para arranjar outro lugar aí no dia seguinte... então a gente consegue mudar as coisas com dificuldade.

LM: Com dificuldade.

RN: Hoje eu tive a grata satisfação quando eu saí de lá deixei três alunos meus já no serviço. Então as pessoas não sabem às vezes a dificuldade como uma coisa é implantada e veja bem o Ari Fralzino era diretor do hospital rapaz levou quase um ano para montar... é o negócio é duro! Tinha não, tinha essa coisa toda. Faltou um personagem aí que tinha vindo com a áurea de que tinha sido diretor de um hospital da Lagoa não sei da onde ele na frente do Ari ele dizia tudo bem, na frente de coisa era... ele não tomava previdência nenhuma, achava que era bobagem de coisa... e um dia que já estava para decidir ele tinha uma cadeira giratória eu entrei, ele girou a cadeira e ficou de costa pra mim. Filho da mãe! Vai pagar é aqui aí (**risos**) ele ficou lá e eu fui me aproximando sabe? Quando ele virou a cadeira eu estava assim em cima dele eu disse olha aqui vou lhe dizer uma coisa, hein! Você parece que estava ligando aí para a sua amante ou para qualquer coisa assim... (**inaudível**) falei baixinho eu vou falar com o Ari Fralzino que você está torpedeando a administração dele porque ele já mandou você fazer isso... (**risos**) Então minha filha se você quiser mudar alguma coisa nesse país tem...

ML: René olha só você viu que foram algumas horas não é? Então olha só nós vimos então a parte inicial sua, a sua formação e a história sua na lepra depois só vai ficar faltando agora a vida acadêmica.

LM: A vida acadêmica.

ML: A vida acadêmica , a produção acadêmica

LM: É e congressos , encontros essas coisas. (**risos**)

ML: O que é que ele está escrevendo aqui **(risos**). Vamos lá pare com isso René! Que cemitério.

RN: Mais é! 1002 cemitério de Maroi eu fui lá e escolhi....

ML: Cemitério é mole.

RN: Eu escolhi qual é o seu nome?

MC: É Márcio.

RN: Márcio?

MC: Isso.

RN: Eu fui lá escolher  sabe?

ML: Vou colocar...

LM: Então a gente pode.....

ML: A gente fecha hoje... E vamos marcar mais uma vez.

LM: É então tá.

Data: 02/10/2001
Local: Niterói/RJ

**Fita 3 – Lado B**

LM: Entrevista com doutor René Garrido Neves, segunda entrevista, fita número 3, lado B, hoje é dia dois de outubro de dois mil e um e estão presentes Laurinda Rosa Maciel, Márcio Campista e Maria Leide Oliveira .

RN: Olhe eu vou tirar... você pode puxar outras coisas talvez não é?

LM: É, ficou faltando o senhor...

RN: Eu tinha ficado sabe o quê? De dar para vocês algumas coisas que eu achei importante sabe?

LM: Tá depois o senhor seleciona e passa para gente não é Maria Leide?

ML: Ah tá!

RN: É porque eu achei... por exemplo eu acho que uma coisa importante foi uma...

LM: A gente terminou falando...

RN: .. Uma uma... uma atitude de estimular o jovem, não é? Então eu ia muito a sanatório o Décio, o Sinésio, essa gente sofreu influência minha..... Maria de Lourdes Viega, a Maria de Lourdes **Dias Viega** por exemplo fez um trabalho de pesquisa de **amiloidose** na mucosa bucal de hanseniano.

ML: Fazia pesquisa no...

RN: Em sanatório, Tavares de Macedo naquele sanatório...

ML: Ah o senhor não ia só no Frei Antônio não é?

RN: Não, não Tavares de Macedo aqui em Niterói. Ubá, muitas vezes eu fui ao sanatório de Ubá, em Minas Gerais com Heitor Toledo parece que esse eu tinha falado alguma coisa mas com Heitor Toledo eu fui muitas vezes lá fui com Sinésio, fui com o **Milan Tuma Nisal** pessoas assim. Então esse tipo de atividade foi atividade importante porque tenho a impressão, não é pretensão que muitas pessoas jovens daquela época foram influenciadas por essa... pela iniciativa nossa de levá-los a esse tipo de coisa isso talvez...

ML: Disso eu sou testemunha, o meu professor falou para mim assim olha eu passei lá pelo Instituto de Leprologia com o René vou fazer uma carta para ele para ele te aceitar como estagiária. Aí eu cheguei e fui levar a carta para o René e fiquei lá estagiária depois Bolsista.

RN: Você ficou quase que um ano lá não foi não?

ML: Fiquei, fiquei mais de um ano fiquei mais de ano. Fui ficando porque eu fiquei quase

três anos que eu fiquei no instituto... Depois vim para a Fiocruz ainda cheguei a ficar quase um ano aqui na Fiocruz depois que mudou. Eu peguei exatamente a pré-mudança e a pós-mudança.

RN: Foi é.

LM: Certo.

RN: Então essa atitude de coisa... que corresponde a uma filosofia que corresponde a uma filosofia que era bom ficar bem... o instituto de leprologia tinha essa característica, além de ser órgão de consulta de esclarecimento de diagnóstico era um órgão de estágio das pessoas e onde veio gente do exterior inclusive estagiar no instituto.

LM: É e tem até alguns...

RN: É algumas pessoas que vieram de fora quer dizer esse aspecto de ensino e de pesquisa foi muito interessante porque os serviços em determinados momentos começaram a mandar pessoas para estagiar no Instituto.

LM: Certo.

RN: Era um setor especializado do Ministério da Saúde não é? Então eu acho que isso ficou era bom.

LM: É e Dr. René tinha assim muita... muito contato muito diálogo com a universidade também?

RN: O contato as universidades...

LM: Vocês recebiam estagiários, alunos...?

RN: Era o seguinte é isso que a Leide falou: quando o instituto se firmou e lá sabiam que tinha gente de peso como era o Azulay que trabalhava lá e outras pessoas não é? Por exemplo... Não eu já, vamos dizer assim, eu já entrei com a instituição...

LM: Consolidada.

RN: Consolidando não é? Mas quando as universidades sentiram que a existência de um setor especializado começaram a mandar estagiários. E até nos convidar na parte... foi uma fase muito ativa de cursos ao nível de extensão universal aonde nós tomávamos parte quer dizer nós éramos convidados e havia uma integração com as faculdades da área do grande Rio.

LM: Certo. E nesse tempo o senhor localizaria o quê? Final dos anos 60 início da década de 70?

RN: Ora eu fui para lá em 54...

ML: Na de 70 ainda tinha aluno.

RN: Eu acho que esse período áureo por exemplo vai de 60, 55 até...

LM: Ah então foi muito! Um bom período, período bom.

RN: É um período de uns 10, 15 anos.

LM: 10, 15 anos está bom.

RN: É, foi mais ou menos 65 até 80, 75 por aí assim.

LM: Certo.

RN: Quer dizer e aquele negócio que aconteceu também dando uma dimensão maior porque além daquele curso que era um curso oficial do Ministério da Saúde que nós já nos referimos...

LM: Aquele que o senhor falou...

RN: Que durava três meses não sei o que.

LM: Isso, isso.

RN: Nós começamos... quer dizer o instituto passou a ter uma dimensão maior de ensino que era aquele primeiro o curso que ocorreu em Manaus onde cinco cursos...

ML: Aquele curso descentralizado?

LM: Isso.

RN: É descentralizado. O primeiro foi realizado em Manaus na época do Brandão que acreditou na idéia e nós fomos para lá e foi uma coisa extremamente interessante mostrando que a idéia estava certa não tinha sido nada programado para a faculdade, o diretório acadêmico de Manaus disse assim não mas vocês vieram aqui para dar e o curso era de noite era à noite.

ML: O Sinésio [Talhari] não estava lá ainda não, não é?

RN: Estava lá.

ML: Ah já estava nesse curso?

RN: Sinésio já estava lá..... Sinésio? Já estava lá.

ML: Acho que ele foi para lá em 75, 74.

RN: Não, eu não sei quando é que foi esse curso primeiro que fora eu não lembro a data mas o sinésio já estava lá e foi aquele curso que eu te falei que aquele irlandês, o...

ML: O **Bill Woods.**

RN: O **Bill Woods** porque nós éramos muito empolgados com a idéia da importância do ensino, do papel que o instituto poderia ter não é? Por exemplo eu fui a pessoa que mais acreditou talvez no final quando eles resolveram acabar eu fui o último a sair de lá já disse isso.

LM: O senhor contou na outra entrevista é.

RN: Porque eu tinha realmente, aquilo foi importante na minha formação profissional e eu fiquei com pena e achava um absurdo que acabasse com aquilo não é? E quer dizer levou muito tempo... quer dizer houve um intervalo até aquele grupo de Manguinhos se fixar até entrar a Dra. Elzenir não sei o que... quer dizer houve um intervalo. Agora houve um aporte importante também que, por exemplo, o laboratório de patologia do Instituto de Leprologia era um laboratório padrão, várias pessoas foram lá estagiar inclusive patologistas para ver certas técnicas, Onofre Ferreira de Castro que era o diretor do... que foi diretor do setor de câncer, do hospital de Câncer era um professor de Niterói foi lá para ver uma das nossas técnicas. A técnica do PAS por exemplo, que ninguém estava começando no Rio de Janeiro foi o..... se eu não me engano o Souza Marques, Antônio de Souza Marques mandou o técnico dele para ver lá, quer dizer nós tínhamos um setor de patologia que dava apoio para os estados que não tinham serviço ainda de patologia, de diagnóstico. Porque a precisão diagnóstica era muito importante não é? Não é como hoje, hoje a precisão...

LM: Ah! Recebia lá do estado, não é?

RN: Dos estados todos, tinha estado que não tinha e teve uma época que o patologista da Guiana Holandesa morreu então eles ficaram sem coisa... então nós andamos fazendo exames histopatológico para a Guiana Holandesa. O serviço de lá mandava os laudos todos em inglês. Então era um serviço primoroso então. Do ponto de vista clínico tinha o professor do quilate do Azulay, do Avelino Miguez Alonso, tinha um setor muito interessante de bioquímica e farmacologia que era o Dr. Hinário de Castro, tinha um setor de micro biologia excelente que era pelo Cândido Silva de onde vieram pessoas depois como **Lagio Capio** do Canadá que ficou um ano aqui no Brasil está entendendo? Então aquilo era um centro realmente voltado para fazer alguma coisa não só ligada à pesquisa como apoio do diagnóstico importante para repartições militares e todas as repartições do Rio de Janeiro começarem a se servir de lá recebia por ofício, serviço outros de instituto e tudo o mais como sabiam que lá tinha um local que fazia o exame dermatológico e dermatoneurológico e fazia os exames necessários mandava por oficio para opinar sobre o diagnóstico se era lepra, se não era lepra de que forma clínica era.

LM: Entendi.

RN: Então tinha esses aspectos e havia essa formação de pessoas. E de lá nós passamos a colaborar em vários cursos que as faculdades organizavam havia muitos cursos, em tudo o quanto era lugar.

ML: É eu quando fui estagiária de lá fui encarregada de dar um curso na UERJ.

RN: Então, então esse intercâmbio que não fazia parte.... o instituto quando foi fundado essa dimensão do ensino não existia era um instituto voltado para a pesquisa e o apoio do (inaudível) ...

LM: É mas pesquisa sempre acaba puxando o ensino também não é Dr. René? Acaba sempre puxando.

RN: É e... e aconteceu uma coisa não é? Que havia um grupo muito, muito dedicado, não é? Eu vivia com... isso é um aspecto interessante o contato nosso com o Lauro de Souza Lima em São Paulo foi muito curioso.

ML: Ah, tinha um intercâmbio, é.

RN: Porque o Lauro tinha uma ligação com a Organização Mundial de Saúde. Então eles me botaram como intermediário para opinar sobre as coisas que estavam sendo feitas em São Paulo eu era um... um apreciador imparcial da Organização Mundial da Saúde. Então foi aí que eu travei contato com o Lauro então eu tinha necessidade de ir aos leprosários aquele tipo de coisa....então fui muitas vezes a Mogi das Cruzes, acompanhando o Lauro pessoalmente e o Opromolla que era novinho já tinha falado.

ML: Ah é e o senhor chegou a acompanhar o Lauro?

RN: Várias vezes hein?

ML: O Lauro de Souza Lima?

RN: Com Lauro de Souza Lima... então nós passávamos... quando que nós fazíamos isso? Sexta, sábado e Domingo três dias vendo doentes. Lauro tomava uns uísques legais está me entendendo? (**risos**) E conversando dia e noite sobre hanseníase.

ML: Eu cheguei a participar de uma última coisa dessa com Rabelo presidente fomos de carro para São Paulo.

RN: Três, eram três dias onde nós conversarmos, era de manhã, de tarde e de noite e por exemplo, o Opromolla era novinho então o Lauro era assistente do Opromolla... o Opromolla era assistente do Lauro... está entendendo? E o Lauro transferia todo aquele entusiasmo dele... ele era um homem que era um leprologista de fama internacional, ele havia organizado o serviço de lepra em vários países das América Central por ali e tudo o mais.

LM: Olha!

RN: Então ele tinha entusiasmo ele vivia aquele negócio. E eu cheguei a me hospedar algumas vezes na casa dele em vez de vir pro Rio sabe por quê? Porque nós voltávamos do leprosário tão tarde que entre o coisa a gente dormia na casa do Lauro claro tomava aqueles uisquinhos...

LM: Também o acompanhava no uísque.

RN: É, mas não acompanhava ele não ele comprava caixa de uísque, bebia... bebia...

LM: O ritmo dele era mesmo mais ...

ML: Dr. René e... queria dizer o senhor então até hoje o senhor é um divulgador da hanseníase um estimulador dos jovens... o senhor continua sendo.

RN: Não, não.

ML: Continua sendo.

RN: Não, você é uma das que me alijou...

ML: Olha só!

RN: Não, eu fui alijado... (**risos**)

ML: Não.

RN: Não, eu fui alijado. (risos)

ML: Não, foi! Não foi o senhor continua sendo.

RN: Essa palavra alijado rima até com... oura coisa... (**risos**)

ML: Não, o senhor continua sendo. Agora e na faculdade o senhor esteve na [Universidade Federal] Fluminense depois... como é que o senhor acha que... o ensino da hanseníase nas universidades?

RN: Bom aí não é só isso não.

ML: Eu achava que o senhor tivesse sido chefe do serviço lá na...

RN: De quê?

ML: O senhor não foi chefe do serviço?

RN: De onde?

ML: Aqui na Fluminense.

RN: Ué! Fui o substituto do Azulay, o Azulay...

ML: Foi substituto do Azulay não é?

RN: Eu fui o professor titular.

ML: Porque isso não está aqui no roteiro é.

RN: Eu fui professor titular.

LM: Sim, professor titular isso mesmo.

ML: Professor titular mas...

RN: Então quando da saída do Azulay e fiz concurso para isso...

LM: Pois é a gente queria agora Dr. René...

RN: E a minha tese para professor titular foi de hanseníase... a Hanseníase Borderline. Hanseníase Borderline foi a tese eu que substitui o Azulay.

ML: Mas o senhor foi chefe do serviço de quanto a quanto doutor René o senhor lembra?

RN: Ah minha querida não pergunta data não porque eu já...

ML: Isso não está claro aqui no seu currículo tem que ver isso no currículo.

RN: Não está no currículo.

LM: Depois a gente vê.

ML: Tá.

RN: Porque eu sei até quando foi até 92 talvez de... foi quando o Azulay saiu e eu entrei no lugar dele.

ML: Foi no início de 90 não? No início de 70?

RN: Não, eu acho que foi uns dez anos.

ML: No início de 70.

RN: Não eu acho que foi de... eu saí em 92 eu acho que foi de uns 82 por aí até...

LM: É?

RN: Porque era aquele negócio sabe? Essa reforma do ensino... O sujeito que era titular era o responsável pela coisa teve um belo dia quando eu estava lá chefiando...

LM: O senhor substituiu o Dr. Rubem...

ML: Azulay...

LM: de 62 a 78.

RN: 78?

LM: É entre.....

RN: Ué! Como e que eu fui...? Ah então eu botei...

LM: O senhor foi professor da disciplina de dermatologia de 54 a 91 não é?

RN: É.

LM: Mas entre 62 e 78 o senhor substituiu o Dr. Azulay.

RN: É precisava ver quando é que foi... foi quando o Azulay saiu...

LM: É.

RN: Mas depois... mas eu fiquei até... até 92 eu sei que eu fiquei. Talvez porque... a reforma do ensino foi uma coisa engraçada, o sujeito fazia o concurso para professor titular e ele automaticamente era o chefe do serviço aí nessa reforma do ensino inventaram uma coisa que o professor responsável pela cadeira seria eleito por votação dos seus pares não precisava ter titulação nenhuma você podia ser o sujeito mais novo que era o titular. Então eu tenho a impressão que eu botei esse... acabando isso aí em 91 porque o coordenador da disciplina... eu não estava mais coordenando a disciplina quer dizer era escolhido por votação o negócio só existe nesse país.

ML: E o senhor continuava chefe do serviço.

RN: Aqui no Brasil encontra vem umas assim que... o estrangeiro não entende isso. O estrangeiro quando eu disse isso para o **Sinvati** e coisa e tal ele achou isso o maior absurdo do mundo porque como é que você vai se titulando quando você faz o concurso mais responsável da sua vida e vem cinco pessoas e coisa e você se torna uma pessoa suspeita, inidônea e aí faz uma votação para ver se pode ser ou não é um negócio curioso. Eu estou falando isso muito à vontade, (**risos**) porque eu estou aposentado por tudo que é lugar mas nunca achei que isso é uma coisa certa.

LM: Mas, Dr. René então fala um pouco pra gente assim mas detalhadamente...

RN: Você não quer sobre pescaria?

LM: Não, sobre pescaria depois a gente conversa (**risos**) mas assim sobre a sua vida acadêmica, não é?

RN: Sobre o quê? Não eu quero...

LM: Das disciplinas que o senhor lecionou das teses que o senhor orientou...

ML: É.

LM: Assim de uma forma geral...

ML: O papel na universidade, no controle das hanseníase.

RN: Em determinado momento...

LM: A sua trajetória na UFF, depois na UFRJ não é isso? Então conta pra gente...

RN: Bom, então eu comecei a dermatologia eu já te contei aquele negócio do período de férias...

LM: Isso do período de férias...

RN: Por influência de Parreiras Horta não é?

LM: Isso, isso.

RN: Depois eu tive uma atividade que foi muito interessante para mim de aprendizado. Que o Azulay era assistente do Parreiras Horta e ele trabalhava no Instituto de Leprologia. Então quando eu fui para o Instituto de Leprologia eu vi os casos, eu fazia biópsia, eu levava o material para o Rio de Janeiro e eu olhava no microscópio essa daqui aprendeu a ver coisas no microscópio comigo está entendendo? Então essa visão de você ver o doente, você fazer a biopsia e você ver a parte técnica que eu disse que eu me interessei pelo laboratório você olhar as coisas... então você tem um aprendizado enorme quer dizer isso foi muito útil na minha formação essa dualidade do interesse clínico e laboratorial muito bem. Mas isso eu devo em parte a um dos maiores mestres que esse país já teve e que está vivo graças a Deus que é o Azulay.

LM: Nós vamos conversar com ele.

RN: É, o Azulay foi uma pessoa extremamente interessante por causa disso. O Azulay quando veio de Belém e ele foi para a Fiocruz ele ganhou a medalha de ouro quer dizer ele tem uma formação laboratorial muito grande. Então isso deu uma dimensão importante e eu trabalhei com ele, quer dizer, eu sofri a influência dele é um sujeito que sabe dividir 24 horas transformando em 48 ou então em 72 tem uma capacidade de trabalho enorme e tinha essa visão laboratorial. Então como o Azulay poucas pessoas... tem... olha tem patologista que ele olha a lâmina mas se a coloração estiver errada ele vai dar um laudo errado porque ele não se interessa por histotécnica. Então quando quando eu fui para o instituto de leprologia e quis começar no laboratório é que a histotécnica é fundamental para você ter uma visão do que está acontecendo. Vou dar um exemplo uma vez no Antônio Pedro aqui eu estava aqui no Antônio Pedro como médico aí do serviço lepromatoso, orelha cheia de nódulo, coisas infiltrado, eu colhi o material mandei para o laboratório resultado **raros bacilos** (**inaudível**). Mas eu tinha base laboratorial..... doente não sei o quê raríssimo bacilo... a terceiro... subi e fui falar com a moça do laboratório escuta aqui, olha aqui... eu vim alertar para uma coisa... deve estar havendo alguma coisa aí... essa lâmina devia estar coalhada de bacilo se isso não está essa **fuxina** deve está errada, está velha e a mocinha no início não gostou não.

LM: A f**uxina** é o quê?

RN: É o corante, é corante.

LM: É o corante.

RN: Então essa visão de que se você não tiver que a coloração tiver certa, você vai dar laudo errado.

LM: Exatamente.

RN: Você está entendendo? Então essa... eu não... na minha concepção eu não entendo um patologista que não seja histotécnico senão ele vai fazer bobagem, vai dar o laudo

errado porque ele não tem... então cada técnica de coloração que você fizer você tem que saber qual é o controle, qual é padrão para você saber está entendendo? Então nessa vez que aconteceu esse episódio eu disse a moça escuta aqui você sabe.. ela era novinha permitia que eu falasse assim....você sabe quais são os elementos para saber se... porque você podia não ter um germe, um bacilo da tuberculose ou da lepra, ... mas como é que você saber que vai... aquela coloração está normal? Fiz essa pergunta para ela, ela não sabia. Ah você não... eu sei aí eu disse olha não é por nada não, são três elementos o mais tóxico as granulações são **fuxinofolus** cora em **fuxina;** a camada interna do bulbo piloso, a da haste pilosa cora em vermelho pela **fuxina**., dois elementos para você saber se a técnica está boa então eu posso pegar uma pele normal e saber... e o terceiro elemento que você tem é na glândula do suor, a glândula do suor tem uns grânulos **fuxinófolus** coram em vermelho igual a conta. Então eu vou ler, um, dois e três vou saber Está entendendo? Então qualquer tipo de coloração você tem que saber se está certo, você faz um PAS. PAS, PAS parece aquela técnica para ver se a próstata está... (**risos**)

LM: O PSA.

RN: O PSA quando eu boto PAS eu penso na minha próstata. (**risos**)

LM: Muito bobo.

RN: Está sempre aumentada (**risos**). Então, por exemplo, o PAS que foi... o laboratório de patologia do Instituto de Leprologia era tão bom que foi gente lá aprender como era o segredo de fazer o PAS para você ver como o laboratório era bom.

ML: Eles priorizavam muito o diagnóstico, não é René?

RN: O diagnóstico era importante. Você só dava alta como doze exames negativos, vinha uma Comissão de alta, vinha gente de fora.

ML: Um dia eu perguntei..... você falou que nunca participou da Comissão de alta, não é?

RN: Não, nunca participei eu preparei os...

ML: Preparava as lâminas...

RN: Não, preparei doentes com Avelino porque eu acompanhava nessa época o Avelino era da Comissão de alta...

ML: Eram 12 lâminas negativas é?

RN: 12 exames negativos.

ML: Então demorava muito. (**risos**)

RN: Pô, o camarada entrava... bom o sujeito vivia a vida inteira no leprosário um ano pra ele não era nada. Mas então como eu ia dizendo...

ML: Eu preciso achar viu René um...

RN: O PAS, para você saber se o PAS está bom não precisa ser um caso de **lupus,** eu faço uma biopsia na sua pele, faço um PAS e vou saber se ele está bom ou não porque eu vou ver a membrana que todo mundo tem aqui **subepidérmica** que normalmente ela é PAS positiva. Então eu sei se a técnica está certa ou não como é que vou dar um laudo se eu preciso de técnica e não sei se a técnica está boa entendeu? Então isso é básico, é fundamental eu se entrasse numa banca examinadora de patologista geral eu ia reprovar nego pra burro por quê? Porque não sabe o normal, não sabe o controle, não sabe padrão... não sabe o testemunha...
ML: As universidades... em parte as universidades poderiam ter herdado um pouco esse papel de manter a qualidade de diagnóstico em hanseníase não é? No Fórum agora em Goiânia isso foi trazido um pouco à tona porque havia lá um patologista, o próprio Sinésio, o Heitor lá do Ceará eles trouxeram isso à tona que as universidades poderiam ser referência e devem ser referências para o diagnóstico de hanseníase.

RN: Mas Leide isso é do dia a dia.

ML: Não é? Os diagnósticos mais difíceis, dos casos mais difíceis.

RN: Você quer ver uma coisa. Eu estou indo agora dar um apoio lá ao pessoal da Policlínica então um dos 2 ou 3 doentes que estava para ver, eu olhei, olhei a orelhazinha infiltrada, um nodulozinho aqui outro ali coisa e tal examinei o caso ali que depois vai ser discutido dois ou três casos e disse olha isso é uma hanseníase virchowiana, isso daqui se tirar um pouquinho de limpo assim está cheio de bacilo aí eu disse para Cláudia, Cláudia isso daí minha querida tem que ter um microscopiozinho aqui uma **fuxina**.. eu fiz muito isso mas eu fiz, eu preparei a feijoada, botei rabinho de porco botei..... tem que saber então olha aqui uma lanternazinha aqui essa lâmina, bota isso aqui e faz na mesma hora acabava toda a discussão, ia mostrar bacilo (**inaudível**) à beça.

ML: (**inaudível**) o paciente.

RN: Então o camarada tem que fazer isso. Quer ver uma coisa banal que eu fiz que eu fiz? Campo Escuro o sujeito fala de pesquisa de treponema em campo escuro aquilo é uma banalidade, aquilo é uma coisa simplíssima o sujeito tem que ter um microscópio, pode ser aquele do microscópio do (**inaudível**) O (**inaudível**) viu o espermatozóide pela primeira vez estava de fraque, cartola quando ele olhou e viu o espermatozóide, metade de todos nós não é? Então ele viu olhando naquele microscópio daquele jeito. Então se você (**risos**) olhar no microscópio com um fundo escuro é o quê? Você tirou o condensador daquele bota um campo escuro ali você vê como se fosse um céu tudo preto e brilhando aqueles pontinhos brilhantes, se tiver um treponema meu Deus do céu raspa a gengiva de cada um de nós aqui bota um pouquinho lá e você vai ver o treponema igual a uma **espiroquetazinha**, **espiroquetadente** que é normal. Não fazem campo escuro em lugar nenhum se você pedir uma pesquisa de treponema em campo escuro a laboratório aqui de Niterói tem 30 laboratórios em Niterói não fazem.

ML: Só querem coisas mais sofisticadas.

RN: Não fazem.

ML: Técnicas simples...

RN: E é um negócio banalíssimo. É um condensador, não bota nada você colheu a lesão ali, botou coisa... então tem coisa assim que se esqueceram passaram para coisa sofisticada, PCE, quem não falar em PCE é burro, quem não falar em histoquímica a pessoa não sabe o que é mas fala em **PS100**, não é? É está assim em relação a melanoma e marcador... mas eu estou divagando muito... (**risos**)

LM: Mas aí vamos voltar Dr. René então para o início da sua trajetória acadêmica.

RN: Me corrigi.

LM: Aí o senhor começou lá naquelas férias foi no consultório... no ambulatório...

ML: Aí foi professor assistente depois...

RN: É, não eu fiquei como estagiário, era estagiário, não é?

LM: O senhor contou daquela...como estagiário.

RN: E depois eu fui... comecei como professor auxiliar, não era auxiliar... não tinha nenhuma garantia, não tinha nada tinha um livro lá que vinha uma verba recebia uma bobagenzinha lá mas trabalhei ali.....

LM: Isso na UFF?

RN: Na UFF, na UFF, não é? Eu só fui.... eu só fui para...e a formação, quer dizer, o amadurecimento em relação à dermatologia eu comecei... não havia como hoje você tem a pós-graduação organizada essas coisas todas como parece que eu já comentei mas não você é que tinha que tomar a iniciativa...

LM: O senhor comentou muito... rapidamente.

ML: E ficar estagiando, não é?

LM: É

RN: Você é que tinha que fazer iniciativa. Eu lembro que eu perguntei a alguns dermatologistas que eram..... que eu achava que eram bons para eu ser um bom dermatologista o que é que você tem que fazer? Ah você tem que fazer isso, tem que estagiar aqui e tem que fazer uns cursos de micologia, você tem que saber histopatologia, você tem que ver isso, estudar **(inaudível**).. Então foram me dizendo... então você... e era um negócio muito complicado sabe porquê que você aí já está no sexto ano você está se formando, você está namorando você está querendo casar você está querendo uma série de coisas como é que você começa a conciliar...a mesma coisa quando eu fui para o ramos e silva eu fui fazer um curso de alergia com **Lair** Ponte de Carvalho.

ML: Ramos e Silva não lá no **(inaudível**).

RN: Não, Ramos e Silva aqui na Nilo Peçanha.

ML: Ah na Policlínica ?

RN: É na Policlínica.

LM: Assistente... é quando o senhor foi assistente do serviço de dermatologia não é?

RN: Dermatologia eu cheguei veja você...

LM: Foi em 58 isso.

RN: Veja você eu já cheguei já estava casado. Então o professor Ramos e Silva que...

LM: Ele era ligado a Policlínica a esse serviço?

RN: Ele era o chefe do serviço.

ML: O [Demétrio] Periassu sucedeu o Ramos e Silva foi isso?

RN: Não, quem sucedeu o Ramos e Silva na chefia foi o Rabelo.

ML: Lá na Policlínica?

RN: Na Policlínica. Aquilo foi um roubo tramado... olha não bota isso aí foi um roubo tramado na academia Nacional de Medicina.

LM: Rabelo Junior, Rabelo Filho.

RN: O Sílvio Fraga tramou a saída... quando o Ramos entrou de férias, quando voltou estava aquele ar no ambiente e tal que o Ramos saiu fora...

ML: Ficaram brigados, não foi?

RN: Ficaram, ficaram brigados.

ML: O Rabelo e o Ramos e Silva.

RN: O Rabelo... não ficou brigado porque eles nunca se deram bem não é? Muito bem mas se respeitavam quem ficou brigado foi o Ramos e Silva com o Sílvio Fraga, o Sílvio Fraga foi que...

ML: Sílvio Fraga é o pai do Fraga, o Presidente do Banco Central.

LM: Do Armínio Fraga. (risos)

RN: O **Bin Laden** que era o apelido dele. Bom, o Sílvio Fraga tramou aquele negócio e vou dizer uma coisa essa vida a gente tem surpresas vocês por favor desliguem isso de vez enquanto.

LM: O senhor quer que desligue?

RN: Não, não deixa aí mas você não vai botar isso mas um dia eu era assistente do Ramos, o Ramos chegou e foi de sala em sala e disse o seguinte hoje faleceu um dos maiores dermatologistas brasileiros o Armínio Fraga o avô desse que é...

ML: Ah!

RN: Do Banco Central?
LM: Ah é o avô dele.

RN: Aí ele disse assim então eu faço... eu pediria a vocês que são assistentes ele vai ser sepultado em tal lugar assim e assim. Eu só tinha ouvido falar que existia um cara chamado Hermínio Fraga, então ele emocionado o Ramos e Silva pedindo aos seus assistentes para irem lá no sepultamento.

LM: Do pai do Sílvio Fraga...

RN: Do pai do Sílvio. Aí chegou na beira do túmulo... foi um dos discursos mais emocionantes que eu já vi de sentimento de coisa ele faz esse discurso na beira do... quem é que rouba o serviço dele anos depois? O pai... o filho desse... Então a única coisa que eu fiz foi tirá-lo da presidente... da... secretário perpétuo da Sociedade Brasileira de Dermatologia.

LM: O senhor...

RN: Tirei fui eu...

LM: Secretário perpétuo...

RN: Fui eu que tirei.

**Fita 4 – Lado A**

RN: Deu vontade de dar umas...

ML: O sangue espanhol (**risos**).

RN: Pega, pega, pega, desculpe.

ML: O senhor foi presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia.

RN: Fui.

ML: Também não é?

RN: Fui e tive a... a grande coisa que eu consegui fazer foi o seguinte... foi na minha época que se comprou a primeira sede da Sociedade Brasileira de Dermatologia. Diga-se de passagem essa decisão se deve ao Azulay que queria cobrar....eu tinha um lugar que eu era presidente, tinha uma secretária que era bem provida de nádegas então trabalhava sentava numa cadeira que ela ocupava o espaço todo e eu era presidente não tinha lugar

para sentar (**risos**). Isso era na Santa Casa da Misericórdia e o Azulay ainda queria me cobrar pela sociedade funcionar lá aí eu cheguei e falei com o Júlio, Júlio..

ML: Ah ele naquele era o secretário...

RN: Júlio era meu secretário.

ML: Isso foi em ano? Isso foi já mais recente.

RN: Foi quando eu fui presidente.

ML: Foi recente, foi mais recente.

RN: É foi recente, aí eu disse Júlio nós vamos ver quanto é que temos em caixa vamos comparar...”

ML: Foi em 90?

RN: Hoje... então ele...você vai fazer do jeito que eu comprei um apartamento para a minha mãe, a gente vai escolher... você vai procurar pergunta se e tal, tal prédio tem alguma coisa...fiz isso na praça quinze procurando e Júlio saiu por outro lado então compramos as três salas na Nilo Peçanha devesse isso diretamente ao professor Azulay essa decisão tá? Foi uma das coisas que eu me sinto feliz de ter feito pela sociedade. Depois a Sociedade...

ML: Do Rio não é?

RN: Do Rio, do Rio depois...não é aquela sede atual, mas funcionava numa sala infecta do Pavilhão São Miguel, onde tinha uma secretária assim...

ML: Que roubou inclusive.

RN: Que roubou depois... e coisa e tal e não tinha eu como presidente não tinha lugar para sentar e na hora que eu meu mestre ainda quis me cobrar alguma coisa para pagar para...

ML: E aquilo funcionou anos ali não é?

RN: Anos...

ML: Desde que foi fundada.

RN: Funcionava... ninguém estava...

LM: Desde que foi fundada.

RN: Ninguém tinha... essas coisas eram diferentes claro você faz um time um de futebol...

ML: Agora professor olha só...

RN: Você compra a bola, compra a camisa e arranja um tempo para treinar depois amadoristicamente.

ML: Já que nós falamos na Sociedade Brasileira de Dermatologia eu queria que o senhor falasse um pouco da Sociedade Brasileira de Hansenologia. O senhor foi presidente e quando o senhor foi presidente parece que eu fui secretária...

RN: A Associação Brasileira de Leprologia chamava-se assim ABL.

ML: É.

RN: Associação Brasileira de Leprologia, a Associação Brasileira...

LM: Quando é que foi fundada Dr. René essa sociedade o senhor sabe?

RN: Não sei...

ML: Ah eu tenho.

RN: Vocês tinham que reabilitar isso.

ML: Eu tenho na minha tese... naquela minha tese tem.

RN: E um dos aspectos que eu achei mais importante da Associação Brasileira de Leprologia é que ela foi....ela fazia reuniões como eu falei com o pessoal do Distrito Federal eram reuniões mensais.

ML: Ah é, eu acho que eu cheguei a fazer parte não é?

RN: Eu acho que você fez eu sei que eu fui secretário 7 anos.

ML: Alguém me falou que tinha uma Ata com a minha letra... fui secretária o senhor me botou de secretária lá.

LM: É, você não queria nada com basquete só pensava...

ML: Mas eu ajudei muito o Congresso.

RN: Você era muito... um pouco namoradeira naquela época...

ML: Ajudei muito o Congresso o senhor sabe disso.

RN: Caprichava.

ML: O senhor sabe disso.

RN: Sempre gostei muito dela sabe? Mas...

ML: Mas o senhor sabe disso que eu ajudei muito no Congresso, o senhor me botou de secretária.

RN: Ajudou, ajudou sim.

ML: Ajudei ao Congresso.

RN: Mas então uma das coisas interessantes dessa Associação Brasileira de Leprologia é que as pessoas tinham regularidade nas reuniões mensais, faziam as reuniões conjuntas e chegaram a fazer algumas reuniões extremamente interessantes. Uma delas onde morreu o alemão que trabalhava aqui Alfredo Brutz fez-se uma reunião no Rio de Janeiro onde vieram os paulistas principalmente para fazer... isso foi publicado... um simpósio da utilização do BCG na lepra.

ML: Ih é?

RN: É porque ali havia dois grupos.

ML: Preciso arranjar esse relatório.

RN: Ah eu tenho o simpósio dessa grossura.

ML: Ah o senhor tem isso?

RN: Existe na biblioteca da...

ML: Ah na SBD tem não é?

RN: Também, simpósio, fundamentos do BCG na utilização da lepra foi um Congresso extremamente interessante patrocinado pela Associação Brasileira de Leprologia e a sociedade paulista, e ali havia dois grupos o grupo do Bechelli achando que era bobagem o BCG e o grupo do Azulay de coisa e tal e que eu estava embutido nesse grupo que a gente tinha trabalho experimental com BCG está entendendo? Em cobaias e em ratos e o Azulay também tinha nos Estados Unidos que deu BCG às crianças que lá não tinha lepra tinha tuberculose as crianças...

LM: Então isso foi organizado pela ABL.

RN: Pela Associação Brasileira e pela Sociedade foi muito interessante isso. Depois a Associação Brasileira de Leprologia também teve um papel muito importante num Congresso internacional de leprologia que houve no Rio de Janeiro.

ML: Ah sim.

RN: Presidido pelo Fausto Castelo Branco e que tem três volumes, mas ele era presidente do Serviço Nacional de Lepra e a Associação Brasileira de Leprologia patrocinou são três volumes isso existe e vale a pena consultar. Então que eu lembre assim de papel interessante era a regularidade das reuniões com a apresentação de casos, discussões de temas...

ML: Isso congressos, os eventos científicos.

RN: E eram reuniões não tinha... agora uma coisa também interessante...

ML: Mas aquele Congresso que nós fizemos...

RN: É uma coisa interessante...

LM: Nós fizemos um Congresso na UERJ em 1970 e quanto? E 8?

RN: Foi uma coisa interessante...

LM: Aquele Congresso foi muito bom René.

RN: Foi a estratégia que foi adotada porque os leprologistas, os hansenólogos eram poucos nós éramos um grupo muito sincero na questão de querer estudar e produzir alguma coisa, mas nós não tínhamos comparando com os próprios dermatologistas nós não tínhamos apoio oficial de coisa nenhuma, não tínhamos, não existia apoio. Então isso foi uma estratégia que eu tomei parte disso que vingou nós passamos o grupo do pênfigo e o grupo da lepra passaram a fazer reuniões junto com o Congresso Brasileiro de Dermatologia. Então era um, dois dias havia o encontro do pênfigo isso aí eu posso dizer houve uma reunião em 70... em 1970 em Goiás havia um grupo do pênfigo a Sociedade Brasileira de Leprologia e isso era uma estratégia para que forma? O Ministério da Saúde que estava começando a dar uma ajudazinha a quem ia lá apresentar trabalho então começou o grupo do pênfigo a...

ML: A dermatologia sanitária.

RN: A coisa e depois... porque o Congresso é para fazer acoplado um dois dias antes. Aí os dermatologistas, a Sociedade Brasileira de Dermatologia, achou que a gente estava (**risos**) aumentando muito tempo do Congresso mas aquilo era uma estratégia para a gente ter alguma forma de ajuda porque era meia dúzia de gato... como é... gatos...

LM: Gatos pingados.

RN: Gatos pingados para poder ir com alguma forma de ajuda não é?

LM: Certo.

RN: Mas havia.... havia essa.... essa possibilidade de ampliar o grupo a gente sentia isso.

ML: É, mas o senhor estava fazendo isso com o curso de tropical mais ou menos ele continua isso.

RN: Não, ele o curso de Dermatologia Tropical foi outra coisa mas nós inserimos sempre... passou a fazer parte do curso anual de dermopatologia tropical.

ML: Ele faz um curso ele coordena um curso...

RN: Que é uma que tem...

LM: O senhor é o fundador não é desse curso?

RN: É eu Sinésio e o **Alcidar**. Esse curso surgiu a idéia na Argentina, Buenos Aires os hansenó... dermatologistas argentinos estavam interessados na nossa patologia tropical, então 1979 em Manaus foi realizado o primeiro curso de Dermato Patologia Tropical onde os temas das nossas doenças tropicais foram incluídos tanto que algumas doenças que pessoas como o professor Rabelo, era uma das maiores cabeças e autoridades... quando eu cheguei... o segundo curso foi em 1980 realizado em Niterói e eu fui com um cartaz para levar lá para o professor Rabelo autorizar botar no pavilhão São Miguel. Então tinha escrito nesse cartaz **Pararamose**, **Lagoquilascarise** que mais? (**risos**) **zingomicose**... ele quando viu o cartaz fez assim... olha! Ele era um estudioso hein o que é isso que você está inventando? Que doenças são essas? Aí eu me enchi de vento porque ele era uma autoridade eu era um garotote professor são doenças tropicais nossas aí eu deitei e rolei agora **Pararamose** é uma doença ocupacional é o reumatismo do seringueiro olha eu vou fazer esse curso.

LM: Olha! Que legal (**rindo**).

ML: É, esse curso eu acho um dos grandes filhos seus da dermatologia.

RN: É, porque deu certo, deu certo é um curso que deu certo por causa disso porque doenças que por exemplo

ML: O curso desse ano foi ótimo foi a uns dois meses atrás.

RN: Você foi não é?

ML: Lá em Sergipe.

RN: Não e...

ML: E tem um livro não e tem o livro.

RN: É acabou vai evoluindo para um livro. Mas houve uma coisa interessante por exemplo a **piomiosite, piomiosite** tropical é uma doença que foi identificada aqui nesse país aonde? Em Porto Velho de que forma? Por um inglês que veio contratado para construir a estrada de ferro Madeira Mamoré.

LM: Madeira Mamoré hum.

RN: Então ele viu aqueles casos dá uns tumores de baixo da pele sabe como é? Ele mandou aquilo para a Inglaterra não sei o quê e coisa e tal? Aonde é que foi realizado o Terceiro Curso de Dermatologia Tropical? Porto Velho aí contamos a história nunca mais vai haver nenhum curso em Porto Velho (**rindo**) aquilo foi...

LM: Agora tem muito é **paracoco** também....

RN: Sabe por que aconteceu isso lá? Nós estávamos tristes, Sinésio e eu porque no terceiro curso o Domingos... era pra ser em Belém, o Domingos ficou doente o Arivaldo ainda não tinha uma posição dentro da Cadeira ia haver uma interrupção. Aí chega o Jadir, moreninho tinha feito o primeiro curso em Manaus e ele estava em Porto Velho e ele assistiu assim... nós não estávamos conversando nem com ele, ele estava assim de ouvinte

assistindo... nós estávamos na ante-sala de uma triangular aqui no Rio de Janeiro triste não é? Puxa como é que é Domingos foi ficar doente agora e tal ele disse vocês não querem realizar o curso em Porto Velho?(**risos**) Como? É Porto Velho eles querem transformar aquilo em estado.

LM: Era um território.

RN: E então com dinheiro então aí com dinheiro e eu arranjos três passagens eu disse o quê? Você arranja três passagens? Aí saímos dali porque era um curso difícil porque as pessoas que entendem de um determinado assunto um está aqui, outro está ali, outro está acolá...

LM: É até congregar todo mundo...

RN: Não e os laboratórios farmacêuticos não têm interesse em vender produto, não é igual a cosmética não é? A cosmética é... e coisa e tal então foi realizado lá em coisa... mas olha **piomiosite** tropical, **lagoquilascarise, lagoquilascarise** .

ML: Não, todo ano tem umas coisas totalmente diferentes.

RN: É, as doenças tropicais produzidas por lagartas não é? Como é que o Rotberg.....o Rotberg descobriu que o primeiro sexólogo desse país foi o padre...

LM: **(inaudível**)

RN: Não o outro.

RN: José de Anchieta.

LM: Anchieta.

ML: Por que?

RN: Porque..... porque um dos assuntos que o Rotberg fala é sobre aquelas lagartas de fogo não é? **Pararama** daí o nome pararamose. É que os índios quando já ficavam meio impotentes descobriram que batendo a lagarta de fogo em cima do pênis, o pênis... não era viagra era um viagra natural.

LM: Natural... (**risos**)

RN: Então ele fez uma reportagem em São Paulo mostrando que o primeiro sexólogo brasileiro foi o padre José de Anchieta que ele descreveu isso...

LM: Aí! Não acredito!

RN: E mandou para Portugal essa história toda olha quem quiser botar o pinto de pé bota a lagarta (**risos**).

ML: Bota a lagarta... (**risos**)

RN: (**risos**) Bota a lagarta antes... que dizer não precisava tomar viagra nem nada.

LM: Não! imagino.

RN: Agora eu fiquei curioso... agora Rotberg... o Rotberg é uma figura humana extraordinária não é? É um dos camaradas mais inteligentes que eu já conheci e ele ficou meio surdo por isso ele se afastou está vivo está lá em São Paulo.

LM: É Maria Leide conversou com ele à pouco tempo, nós vamos entrevistá-lo também.

ML: É, ele é fantástico, ele é fantástico! Vocês não queiram saber... o Rotberg eu conheço ele... então eu fui ...

ML: Ele vai ao consultório duas vezes por semana.

RN: É, ele deu umas aulas nesse curso e ele contava essa história quando ele contou a primeira vez essa história eu me deliciei com isso, eu gosto de história e aí passou uns dois anos sem e aí houve um curso em São Paulo professor Rotberg vim aqui consigo o senhor vai dar aquela aula sobre pararamose não sei o quê, ele ah bom mas eu estou assim... deve ter gente.... não é você, você tem que ir você também descreveu o negócio da mariposa rolou uma epidemia da mariposa, lepidope... **lepidopterismo**... a mariposa que... um enxame lá foi ele que foi pelo Ministério da Saúde, mariposa e lagarta e coisa e tal agora Rotberg só lhe convido com uma condição você tem que contar aquela história de José de Anchieta (**risos**) ele mas você quer mesmo? Eu disse eu quero ué! Senão não vai! Então tá você vê lá hein? Ele aí começou a dar a aula dele falou das mariposas aí entrou na pararama aí olho pra mim e disse e agora? (**risos**) Ele para mim você quer mesmo? Eu disse quero!

LM: E contou Dr. René?

RN: Contou.

LM: Mas René, aí depois... bom você ficou anos na Fluminense... eu te... engraçado você foi para a UFRJ mas eu consigo, eu continuo associando muito você a Fluminense... talvez porque quando você foi para a UFRJ...

RN: Sabe por quê?

ML: Eu fui embora.

RN: Porque você abandonou o Rio de Janeiro e foi lá ficar lá em Brasília.

ML: É foi isso.

RN: Você não sabe nada da minha vida e tem coisa da minha vida que eu nunca vou contar a você.

ML: Por que?

RN: Porque não são intimidades.

LM: Mas Dr. René...

ML: Mas aí como é que foi o teu concurso na UFRJ? Porque foi o último... a última universidade.

LM: É mas o senhor ficou na UFF até...

ML: Até 92.

RN: Até 92

LM: Até 92 em 92 aconteceu mas eu não... eu antes quero dizer uma coisa as aulas nas... olha eu conheço.... conheci todas as faculdades do Brasil praticamente. Só um serviço de dermatologia de São Paulo que eu não vou dizer qual é os alunos... a dermatologia eles faziam críticas que era teórico de um modo geral esse professor que era dermatologista e patologista nem que você queira saber depois eu vou dizer quem é.

ML: Tá bom.

LM: Porque primeiro eu gosto muito dele e gosto filho dele, dele eu não sei se está vivo não mas só um... quer dizer o serviço de dermatologia no Brasil todo tinha um bom nome havia o interesse de todo mundo em ensinar e havia possibilidade a tua pele é um órgão não precisa você... o ginecologista tem que tirar a roupa tem que botar naquela mesa aquele troço todo...não a pele não você está vendo o sujeito chega aqui eu já estou ás vezes fazendo o diagnóstico. Então os serviços de dermatologia do Brasil por tradição era um serviço que procuravam ensinar e o ensino se fazia de uma forma mais lenta em benefício dos alunos não sei se vocês sabem mas a dermatologia é a especialidade que tem maior número de doenças descritas.

LM: Não.

RN: Pois é olha aqui em frente tem um alergista, foi o primeiro aluno na minha época de coisa... ele é alergista ele uma vez confessou que trabalha com a esposa dele a esposa faz os testes alérgicos ele é alergista, foi o primeiro aluno da turma dele ele disse eu não agüento mais a alergia porque é muito bonita na teoria, na prática a gente faz esses testes e essa vacininha, bonita é a sua dermatologia você acertou porque você tem um mundo... e realmente é se você pega tumores é um mundo, se você pega doenças.... é imensa, é imensa, imensa, imensa cada dia eu assino umas revistas e estou numa fase agora que eu e estou botando dando título as coisas que eu estou lendo não é?

LM: Como assim dando título?

RN: Não, homem da caverna não me exige muito não porque... o meu primo foi lá e queria falar logo em disquete é isso que eu falo...

LM: Ah em disquete.

RN: Isso é uma das revistas que eu assino então depois que eu li eu boto isso aqui assim, essa revista está aqui na minha página porque eu vou tirar um xerox... revista do **Akman** revista fantástica totalmente diferente, incrível essa revista eu já tinha uma certa implicanciazinha com ele coisa e tal mas não, depois disso aqui ele mudou.

LM: De onde?

RN: Numa revista ... dos Estados Unidos... nessa revista aqui eu vou lendo artigo por artigo vou botando título e vou botando lá e leio que me interessa e o que não me interessa. Esse..... eu vou tirar xerox disso aqui hoje para mandar para o Sinésio o que é que está escrito numa revista de dermatopatologia do **Akman**? Espaço caubói aí eu vou mandar para o Sinésio porque eu brincava muito com o Sinésio que eu sou fã do Clint Eastwood aquele artista que faz aquele filme policial que quase sempre que ele vai tomar uma coca-cola e comer um sanduíche aparece uma coisa ele sai mata uns dois ou três e volta para acabar.

LM: Volta para comer o sanduíche.

RN: Lembra?

LM: *Os Imperdoáveis*[4], não é?

RN: Então o sujeito esse **Cerrone** é extremamente interessante e o **Akman** tem isso ele tem uma academia de patologia e vou mostrar isso aqui também um caso para eles da que me mostraram lá na Nilo Peçanha exatamente isso aqui mostrando então eles têm questões, diagnósticos tem isso... mas tem coisas incríveis, por exemplo, um outro dia um outro número dessa revista como é que está escrito o título do trabalho Lívia..... Lívia eu disse puxa isso deve ser alguma doença, alguma abreviatura de uma doença que eu não conheço não um negócio lendo do ponto de visita emotivo, Lívia é o nome de uma moça de 22 anos que veio a falecer de melanoma metastático então o sujeito descreve...

ML: O título da...?

RN: É, chama-se Lívia... num dermatopatologia...

ML: Mas não contava a história da doença contava a história...

RN: Conta a história da coisa... da mãe chegando do olhar das duas daquele coisa... quer dizer é uma vivência...

ML: Uma abordagem da pessoa, uma abordagem da pessoa.

RN: É uma vivência que o médico às vezes não tem ou causa impacto vendo alguém que vai morrer e aquela... olha isso é descrito de uma maneira linda!

ML: E tem uma...

RN: É uma conexão com a doença com a coisa...

[4] O depoente se refere ao filme dirigido por Clint Eastwood, Os imperdoáveis.

ML: É, mas um artigo que foge da coisa **ideológica**... da doença...

RN: Claro que não tem sempre isso então... então, então tem sempre coisa assim desse tipo que ver um exemplo da... por isso que eu passei a admirar o **Akman**.....(**inaudível**) então ele fala sobre micro abscesso de **Poltrie** descreve micro abscesso **Poltrie** nunca disse que aquela descrição foi dele mas ele aí faz coisas que o europeu faz e eu passei a admirar o **Akmam** também o seu grupo por causa disso. Então eu tenho aqui a fotografia do **Poltrie** na primeira guerra mundial lá o grupo dele ressaltando que o aspecto de contribuição dele maior foi com a **Sarcoidose** está entendendo? O **Poltrie** com esse Japonês que é o... como é o nome dele? É o **Achimoto** está entendendo? Até então é uma biografia do camarada e ele pega uma micro-abscesso o que é e tudo o mais então isso olha aqui... e as publicações importantes do camarada a carta deles aqui... minha querida é uma revista diferente.

LM: Hum, hum deixa eu ver essa Revista Dr. René.

RN: Isso é uma revista... eu mandei pra o Sinésio.

ML: Mas aí o senhor está lendo... o senhor vai lendo e vai fazendo as fichinhas é isso?

RN: Não eu tenho...

LM: É uma revista norte-americana chamada **Dermatóide Pathology.**

ML: No catálogo.

RN: Isso aqui é a minha pinça eu abro assim tiro na letra... por exemplo esse daí que é Espaço Caubói eu vou botar Espaço Caubói aonde? Eu botei em filmes... está no F, filme.

ML: Ah antes faz um arquivo e depois é que o senhor lê?

RN: Ali é arquivo depois... a dermatopalogia sobre... o título e às vezes não é só o título o assunto é tão interessante que dá idéia para trabalho daí que surge a idéia para trabalho.

ML: Isso. Então quer dizer o senhor se aposentou... como é que foi essa aposentadoria ela estava dizendo a... a Laurinda dizendo que essa compulsória... é chamada também de expulsória.

RN: É expulsória é prefeito.

ML: Como é que foi isso? (**risos**)

RN: Deixe-me te explicar. Eu nasci no dia 17 de março como eu já disse um domingo na Rua Marechal Deodoro com parteira é claro não nasci no hospital e foi difícil o meu parto não é?

LM: É o senhor falou fórceps não é? Provavelmente.

RN: É eu acho que... parece que a porteira trouxe alguma coisa dentro da bolsa que aplicaram na minha cabeça (**risos**)bom... aí você vê eu me perco estou me perdendo velho é assim chora à toa esquece... fica sensível mas aí aonde é que eu estava?

ML: (**risos**) Estava falando a sua última vida acadêmica... da UFRJ da saída.

RN: Ah sim! Mas eu aí eu aí nasci no 17 de março, então em 1999 eu completo 70 anos 29, 79 então quando faltava uns 15 dias para aposentar no dia exatamente dia 2 de março bom vou lá no setor da administração avisar a moça...

ML: Da UFF?

RN: Não, daqui do Fundão já.

ML: É, no Fundão.

RN: Na UFF eu fiz 30 anos e eles abriram um concurso eu entrei.

LM: Entendi.

RN: Entrei com mais 4 candidato tirei em primeiro lugar então fui para lá acabei um aqui por coincidência abriram o concurso me inscrevi no último dia. E aí em 99 acabou o meu tempo lá trabalhei seis anos quase 7 anos aí eu fui avisar a moça eu disse olha no dia 17 de março eu vou completar 70 anos...

LM: Não, nós já sabemos de tudo.

RN: Como sabe tudo? Aí puxou lá no computador...

LM: Recebe uma...

RN: Não, não computador já estava tudo lá.

LM: É impressionante é.

RN: No dia 17 e coisa, no dia 18 o senhor já não precisa vir mais aqui não.

LM: Aí que horror! Que coisa não é Dr. René? Hum, hum.

RN: É.

RN: É e o pior é seguinte eu fiz um concurso quando eu entrei para lá não omiti nada eu disse que era aposentado daqui e trabalhava no Ministério da Saúde para trabalhar eu podia depois que eu estou aposentado... me aposentei... olha o senhor não pode ganhar essa aposentadoria o senhor pode trabalhar porque eu me aposentei em 99.

LM: Isso.

RN: E ele fizeram... e eu entrei em 92 veja bem eu entrei em 92 eles fizeram uma Lei em 96.

LM: A lei não pode ser retroativa e no entanto... foi usada dessa forma.

RN: Pois é, é mas então Azulay e outros... quem tem, tem quem não tem dane-se e eu entrei nessa me tiraram a aposentadoria.

ML: Então o senhor não tem a aposentadoria pela UFRJ?

RN: Não, não e foi o lugar que eu mais... que eu mais defendi... eu orientei tese.

LM: Me diga uma coisa Dr. René isso era uma coisa que eu tem gostaria que o senhor falasse um pouco para a gente sobre... assim o senhor já falou várias vezes do nascimento e da pós-graduação no Brasil no quanto que isso foi importante e tudo mais o senhor deve ter acompanhado a pós-graduação das UFF não é isso?

RN: Ah acompanhei.

ML: Não é isso? Pois é então o senhor ficou na UFF até 92.

RN: 92.

LM: Então até 92 que dizer o senhor foi ...

RN: Eu estava como coordenador da pós-graduação da UFF.

LM: Exatamente fala para gente como é que se formou essa pós-graduação...

RN: O negócio é o seguinte isso é uma coisa interessante no Brasil.

LM: Fala agora mais detidamente da sua trajetória assim lá na UFF.

RN: Mas é que isso tem implicações, tem comentários gerais do Brasil sabe como é?

LM: Certo. Lógico a gente também não está desconectado da realidade.

RN: Quando o Azulay, quando o Azulay quis implantar a pós-graduação eu era o braço direito dele e coisa e tal... olha vamos fazer, abrir, avisar o pessoal que vai ter a pós-graduação e tal... a nível de mestrado e tal...

ML: Ah ! O Sinésio foi o primeiro mestre?

RN: Foi o primeiro mestre, se formou em 79 se eu não me engano então ele abriu mas não havia limite de vaga nem coisa nenhuma podia entrar quem quisesse as pessoas entravam porque aquilo era quase um (**inaudível**) não era assim. Então todos nós que éramos professores do Azulay, a maioria sem titulação eram professores do curso isso a Capes... hoje é rigoroso não pode ter negócio dele mas ninguém sabia disso muito menos o Azulay que foi pioneiro. Azulay foi pioneiro da pós-graduação ao nível de mestrado em dermatologia no Brasil não foi o filho do Fraga não, foi o Azulay mas começou assim teve um colega que trabalhava aqui comigo coisa e tal ele se inscreveu, passou e nunca foi lá viu que tinha que ir lá de manhã e de tarde não sei o quê porque aí a coisa foi se

estruturando ninguém sabia o que era a pós-graduação direito no Brasil na área médica.

LM: Isso foi no início da década de 70 não foi professor René?

RN: Não foi final de 60?

RN: Não foi final de 79..77.... 75 por aí porque o Sinésio saiu em 79 se eu não me engano...

LM: Não mas...

RN: Então era ao nível de mestrado...

ML: Mestrado em dermatologia...

LM: Sim, mas é que a gente tem uma referência do seu currículo que de 73 a 75 inclusive o senhor freqüentou o curso...

RN: Ah sim porque eu era professor e era aluno.

LM: Era professor e aluno ao mesmo tempo?

RN: Ah.

ML: Porque na época dele não tinha mestrado.

LM: Ah certo.

RN: Não tinha, não tinha eu era professor e aluno. Isso... depois para oficializar isso...

LM: Ih! Deve ter sido uma burocracia...

RN: Não havia uma..... havia um bom censo porque as leis elas são feitas os legisladores procuram prever todas as situações então, por exemplo, neste país o que aconteceu com dentista e como parteiro? Talvez vocês não saibam quem arrancava dente era o barbeiro.

ML: Era o dentista plástico.

RN: Era o barbeiro então tinha o barbeiro que sabia arrancar dente direitinho e tudo mais. Quem fazia parto era parteira como você podia dar uma situação para esse pessoal? Ou fazendo cursinho ou dando noções de higiene então até determinada época quem fizer vai optar e vai fazer... então isso é uma coisa certa e isso aconteceu também comigo. Então eu já dava aula no curso como professor e ao mesmo tempo era aluno não sei o quê... mas havia na... o legislador foi muito feliz até determinado momento você podia comprovar e aceitavam isso é que foi uma coisa até interessante eu lembrei agora até....até 70% dos créditos podiam ser... você comprovava que era equivalente em horas e tudo o mais lembrei disso por causa de um filho de um embaixador brasileiro que esteve na Bélgica, esse rapaz por exemplo tinha feito um curso de micologia lá na Bélgica que demorou um ano e o nosso curso de micologia demorava 60 horas então você trazia aquele certificado e aquilo era uma equivalência que o sujeito... (**inaudível**). Então o meu curso foi feito

assim, desse tipo quer dizer, eu dava aula tinha comprovante..... até um curso de bioestatística que eu falei entrou e pegamos a época da ditadura então todo os cursos de pós-graduação foi incluída uma matéria que se chamava problemas brasileiro?

LM: EPB

ML: É, isso era obrigado fazer.

RN: É obrigado, era obrigado e como era obrigado eu comecei a assistir aquilo de má vontade mas aí vieram pessoas de várias áreas que não tinha nada com a situação política nem nada e entendia disso, daquilo e tudo mais. E aconteceu até um episódio muito interessante eu fiz, fui obrigado a fazer a isso e quando eu fui buscar o certificado que foi que eu fiz não... eu era professor e aluno mas esse não tinha equivalência tinha que fazer aí eu fui buscar o meu título com uma professora....eu disse olha no meu currículo eu não recebi o certificado é eu lembro do senhor o senhor sentava na frente...

**Fita 4 – Lado B**

RN: Era um negócio interessante e teve vários desses professores muito interessante que davam aula até na Escola Superior de Guerra que mantém até hoje aquele negócio. E eu cismei... e ela mas o senhor não recebeu? Não recebi a minha nota está zero não mas eu lembro do senhor.. pois é a senhora vê, escrevi sobre café, (**risos**) paguei uma datilógrafa, escrevi quase 20 folhas não sei o quê....não o senhor... isso na Reitoria... é eu vou ver isso eu não sei te explicar isso mas vem aqui daqui a dois ou três dias aí eu cheguei lá ela disse olha eu tenho aqui a declaração você tirou 9 está bem juntei a declaração dela... tirei 9 (**risos**) olha (**risos**) olha aqui a gente começa dentro do signo de virgem, depois a gente vai mudando hoje em dia eu sou peixes deixei de ser virgem.

ML: (**risos**).

RN: Mas então a gente é mais puro, não é? Então... depois você deixa de se ruborizar. No início você fica com rubor porque a professora te chamou não sei o quê e tal... Leide um ano ou dois depois eu estou procurando... dando uma arrumação nas minhas coisas encontro o quê? O trabalho que eu não entreguei...

LM: Ai que absurdo!

RN: E ganhei 9.

LM: 9 (**risos**)!

RN: Eu não sei como é que ...

LM: (**risos**) Esqueceu de entregar o trabalho?

RN: Eu não sei... eu não sei... e lá fui eu olha... olha aqui..

LM: Cheio de razão não é Dr. René?

RN: Cheio de razão (**risos**) eu ih... mas rapaz que loucura!... mas eu... sabe que eu fiquei envergonhado?

LM: Ah Dr. René o senhor não é mole!

RN: Eu fiquei envergonhado, eu fiquei ruborizado eu pensei até em ir não mas não adiantava mas pedir desculpas a ela.

LM: Já estava bom (**risos**).

RN: Já estava com 9 (**risos**).

LM: Mas aí conta mais desse curso Dr. René.

RN: Qual deles? Da pós-graduação.

LM: Desse.

LM: Da pós-graduação de dermatologia...

RN: Então, então após a...

LM: O senhor ficou lá até...?

RN: Até, até sair.

LM: Até sair da UFF, até se aposentar.

RN: E tive uma grata satisfação, o professor Azulay que foi pioneiro no Brasil ele... ninguém entendia o que era a pós-graduação, nem no Rio, nem em São Paulo ninguém sabia o quê que era. Depois surgiu a CAPES, eu considerava a Capes o SNI..... porque vinha o camarada da CAPES para analisar o curso e achava que o curso estava ruim eu não entendia aquilo, para mim o curso estava bom está entendendo? Eu achava que eles eram do SNI (**marcando a fala com batidas na mesa.**) não era depois que eu fui a Brasília e compreendi o quê que era a CAPES... Eles eram, eles representavam o SPC Serviço de Proteção ao Crédito Meu Deus do Céu! Como é que eu não entendi o negócio... sabe o que é? Veja bem o camarada do Ministério da Educação você monta o seu curso e manda aquilo para lá mas eles querem ter um observador neutro para saber se o teu curso está bom. Então eles não são SNI eles não querem perseguir ninguém então quando eu passei a ir à Brasília, passei a atuar como observador dos cursos é que eu fui entender porque eles me deram olha um curso bom tem que ser assim ver se os professores têm titulação, ver quantos alunos entraram e quantos saíram ver não sei o quê...

LM: Instalações, biblioteca...

RN: Ver a publicação mas ninguém sabia disso querida, ninguém sabia disso.

LM: É, isso é recente.

RN: Aí quando eu comecei a ver isso e eu atuar como eu fui lá no curso do Sampaio, Sebastião Sampaio era o **Riviti** que era o coordenador naquela época eu disse olha Riviti eu tenho uma coisa para dizer a você é que pelos critérios pelas normas da CAPES o curso de vocês não vai bem vocês não vão receber bolsas o curso vai ser considerado como D ou como E, curso para ser desativado ele aí me deu é nós sabemos mas essas exigências todas da CAPES nós temos um... os nossos alunos recebem as bolsas por outra coisa...

LM: Da FAPESP.

RN: Eles então não estavam interessados.

LM: Não estão nem aí é. São Paulo é outra estória....

RN: Não estavam nem aí... perfeito já vi que você está por dentro do negócio mas então eu voltei com uma outra idéia voltei... outra coisa que ver um exemplo que eu vou dar? Outra ocasião eu atuei como observador da Capes no serviço da Escola Paulista de Medicina. Aí havia uma coisa interessante o Raimundo tinha me falado oh camarada vem aqui, faz a avaliação do meu curso e dão uma nota baixa não sei o quê e coisa e tal eu não estava entendendo mas depois que eu fazer o exame o curso dele estava incorrendo no erro que o meu em Niterói. O quê que era? Havia um elenco de matérias no mestrado e no doutorado era quase tudo a mesma coisa, não havia uma diferença do quê que os alunos tinham que fazer então isso para eles era uma coisa impossível o aluno... e tinha uma coisa que era o beabá do negócio é que às vezes a gente não pega a filosofia do legislador o quê que é o doutorado? O doutorado é você preparar professor. Então o camarada tem que dar aula ele tem que se preparar para ser professor. Não é ele ir assistir uma aula de DST que ele já teve na graduação, teve no mestrado e você bota DST no doutorado não é nada disso.

ML: Hoje é publicação.

RN: Não é nada disso você tem que provar alguma coisa e tem que dar aula você tem... então essa concepção, então você vê ele está falando de um modo geral era a compreensão dos coordenadores da pós-graduação de como seria o ideal de um curso bom. Então para você ter uma idéia para botar o nosso curso da UFF nos trilhos que eu peguei como curso E para ser desativado ou não passou para D, passou C ficou alguns anos como C depois passou para B1, B e A quando eu saí, me aposentei uma das gratas satisfações é que eu deixei um curso A o curso agora foi desativado não quero saber porque não vou jogar pedra em ninguém mas isso me ofendeu.

LM: Claro.

RN: Me ofendeu porque eu lutei muito por aquilo você na sua trajetória também luminosa você vai ver que essas coisas a gente não perdoa, eu não perdôo que o curso tenha sido desativado.

LM: Que coisa triste não é Dr. René? O senhor lutou tanto para que ele se reerguesse não é?

RN: Pois é.

ML: Lá no Fundão também caiu, viu?

RN: Caiu não é? Mas lá ainda mantém alguma coisa aqui não interessa.

LM: Como é que foi a sua ida para o Fundão Dr. René, o senhor foi como professor?

RN: Não foi traumática.

LM: O senhor foi como titular não é? Não foi traumática que bom.

RN: Não foi mas não é para qualquer um fazer aquilo não. Deixe-me dizer porque não é só... você quando faz um concurso desse, você já faz com 70 ou 60 eu fiz com 63 anos eu tinha uma memória muito boa, você vê que eu em vários momentos aqui quis lembrar de coisa já não lembro mais, está sumindo todo.

LM: Mas em muito... em grande parte o senhor lembrou.

RN: Está sumindo tudo não é? Então eu tinha algumas coisas e que eu tinha dentro de mim que achei que talvez minha filha tivesse sido prejudicada quando foi de lá talvez alguma coisa assim então quando fui para lá não fui como vingança não mas por coincidência eu me aposentei aqui e abriu concurso coisa que fechava no mês no seguinte eu vou fazer, não estou fazendo nada vou fazer esse concurso. E tive a grata surpresa num concurso desse tipo de que eu obtive distinção de todas as cadeiras eu concorri de gente de peso, mais novo gente que é professor que dava aula dois, três deles tinham sido alunos meus miolo mole eu não já... então foi um concurso duro nesse aspecto e o aspecto emocional que eu sabia tanto que nenhum dos professores do meu grupo aqui que eu chefiava 11 professores quando eu saí daí eu não disse a nenhum deles que eu ia fazer o concurso lá, eu... só dei a notícia quando eu passei e me aposentei, eu chamei todos e disse tenho duas notícias para dar primeiro...

LM: Minha aposentadoria.

RN: Minha aposentadoria.

LM: Segunda... eu recomecei...

RN: Segunda, que eu passei em primeiro lugar no concurso do Fundão mas teve outros aspectos porque eu... pessoas que eram... eu era um estranho no ninho. Você quando vem de outro serviço... todas as faculdades, todas as universidades se protegem eles criam...

LM: Espírito de corpo, né?

RN: É, esse corporativismo existe, existe inclusive no tipo de concurso que você assina concordando com as regras do concurso mas o concurso é altamente parcial. Por que? Vou explicar para vocês... são cinco professores, as regras do jogo é o seguinte: a prova escrita... não como é que era o negócio...

LM: O senhor tem que fazer uma tese... Ah não era?

ML: Memorial, não?

RN: Era defesa do memorial.

LM: Ah tá! Não porque na história tem que fazer uma tese, a defesa do memorial e dar uma aula.

RN: Não, não tem tese mas tem o memorial e o memorial eu passei a ver que é um negócio mais importante que uma tese porque é toda a sua vida. Então você escreveu um trabalho lá lepra não sei o quê, em cobaia não sei o quê o sujeito pega aquilo... escuta aqui como é que o senhor chegou a essas conclusões injetando... ele está te examinando, ele tem a chance de examinar 5 trabalhos toda a tua vida se você escreve uma besteira lá ele não está examinando uma tese que você possa ter feito e ser muito boa ele está examinando sabe quantas...o camarada tem chance de examinar 25 trabalhos que você fez pô! Então é uma parada não é?

ML: É uma amostra boa...

RN: Você tem que está... muito melhor que um trabalho só que você pode ser feliz e coisa não é? Então esse concurso dizia o seguinte, a regra do jogo de que nós estamos falando. Então havia a defesa do memorial então ali selecionava quem passou e quem não passou então não é quem tirou dez, passou ou não passou aí esquece as notas depois você faz o seu exame oral, esquece também a nota passou ou não passou e o que vai valer é a indicação se você tiver... então vamos supor você tirou a nota mínima que era 8 nos três exames nos dois exames aí quando da banca examinadora três acharam que você tirou a nota menor e é você que deve ser o titular você mesmo tendo tirado 10 em tudo você não é entendeu? Você ganha mas não leva porque aí é indicação e aí a política aí é que entra a jogada. Por quê? Porque na banca tinham dois professores já que já são do serviço isso não é só aí não então mais um voto... você... mesmo tendo tirado perdia mas é que eu tive cinco votos favoráveis não é? Então não houve dúvida houve choros e velas (**risos**).

ML: Eu fui na sua posse.

LM: É aí o senhor ficou lá de 92... até?

RN: 93... 93 até 99.

LM: Até 99 na expulsória, aquele episódio que o senhor contou para gente.

RN: Na expulsória 17 de março o quê mais você quer saber?

LM: Nunca chamam a universidade nunca chama nada não é? Saiu, saiu não é?

RN: Saiu e o quê que eu fiquei triste de lá quando eu saí? Eu fiz um memorando dando conhecimento à congregação, dando conhecimento aos outros setores que eu havia me aposentado agradecia a colaboração e o modo educado que me receberam o apoio que eu tinha recebido e tal e coisa e pedia que mandasse para todo os chefes de serviços e tudo o mais, um negócio simples que você... eu já levei a... pronta a carta você acha que mandaram para alguém? Para ninguém é uma geração sem educação, eu vim de uma fase que o professor chegava a gente levantava em sinal de respeito, eu vim de uma fase em

que aconteciam coisas inadmissíveis hoje em dia para essa moçada que está aí. Eu tive um professor de clínica médica que ele entrava dava duas horas de aula fechava a porta Pedro da Cunha se você quisesse fazer xixi tinha que falar com a assistente dele para ir lá o que você vai fazer? Estou com dor de barriga quero ir lá no banheiro.

ML: Agora você está dando aula o aluno está lá lendo... pode até está lendo revista. (**risos**)

RN: Então houve uma mudança não é? Mas o que mais? Eu já disse tudo não é?

LM: Não, tem algumas coisinhas que eu gostaria que o senhor falasse um pouco para gente porque é o seguinte tem um dado no seu currículo que eu queria que o senhor explicasse a diferença. Tem assim em 1967 o senhor teve um título de especialista em dermatologia e depois em 1974 de especialista em hansenologia...

RN: É.

LM: Aí eu queria que o senhor...

RN: Ah! eu sei, eu sei.

LM: Falasse um pouco até para gente ver a diferença desses dois.

ML: Um pouco do que é SBD e um pouco do que BH, quer dizer para BH e 66 você faz...

RN: Olha aqui, isso daí isso daí eu tive um papel nisso eu vou te explicar.

LM: Pois é e qual a universidade que foi esse título?

ML: Não, é a Sociedade.

LM: Ah, é pela Sociedade.

ML: É a BH dá o curso de hanseníase e a SBD o curso de dermatologia.

LM: Ah está certo! Eu não sabia.

RN: Eu tive um papel interessante sabe porquê? Em determinado momento eu passei a me preocupar que as pessoas realmente deviam ter uma titulação mesmo em hanseníase porque quando queriam... aí aconteceu um negócio engraçado estou me lembrando do Ademir eu fiz um curso no Rio de janeiro... o Ademir jogou futebol na minha casa nós éramos do mesmo bairro e ele era um sujeito muito correto talvez um pouco limitado em certas concepções, acreditava sempre muito no governo, ele era para ser militar, médico militar e o Ademir..... eu fiz um curso em que dez pessoas, dez alunos e esse curso muito criticado... é um curso de hanseníase eu fiz um curso da pesada mesmo e eles criticaram porque a sede do serviço funcionava lá não sei o quê pa-pa-pa e coisa e tal. e ele foi muito criticado e eu dizendo que tinha que fazer curso tinha que preparar essa moçada não era criticar, criticava que não fazia o diagnóstico, criticava que não acompanhava o doente nada, daí aquela minha idéia ah me criticam? Vocês não histamina vocês não dão lepromina vocês e coisa e querem criticar?

ML: Mas por que é que o serviço... a divisão criticou?

RN: Aí... não, não criticou não sei porque eu não lembro o quê que houve.

ML: Talvez porque não teve epidemiologia não?

RN: Não, não sei. Não tinha, tinha noções de epidemiologia sempre e coisa e tal... bom sabe o que aconteceu? Um mês depois, uns dois meses depois aquela gente que criticou vem me pedir para eu indicar pessoas eu disse ah muito engraçado você querem pessoas para trabalhar... e agora vem... socorrer? Toma esses 10 alunos aqui que fizeram o curso está aí todos eles está entendendo? Quer dizer provando que a idéia estava certa não mas eu queria falar sobre o negócio do concurso...

LM: Era o título de especialistas...

RN: O título de especialista. Então a sociedade brasileira de dermatologia dá um título que é um concurso, que é uma prova difícil para o especialista passar mas esse título de especialista esbarra em... o Conselho Regional de medicina... você chegar lá você pode... é da constituição você formou em médico você pode amanhã botar no seu consultório eu sou neurocirurgiã, (**marca a fala com as mãos**) eu posso dizer que eu sou obstetra você pode... pela constituição você é médico para o exercício da medicina então tem o Conselho, tem as sociedades, tem a AMB tudo querendo puxar a brasa para a sardinha e dizer o que vale é o meu certificado.

LM: Ah! Entendi.

RN: E a leprologia da época não tinha isso mas tem que haver uma análise, o título dado pela Sociedade Brasileira de Leprologia tem o aval da AMB então isso é dado em comum acordo com a Associação Brasileira de Medicina está bom fecharam isso para exigência... só pode fazer o concurso quem é sócio da Sociedade de Dermatologia e da Associação Médica Brasileira muito bem. Então há um acordo, há um estabelecimento de regras para se fazer isso mas há um trabalho prévio a AMB tem uma Comissão permanente para saber se uma determinada especialidade existe realmente ou não, por exemplo, existe uma especialidade de cirurgia da mão? Existe, então tem o cirurgião especializado em cirurgia da mão mas se amanhã alguém, um grupo diz assim não tem que ter a especialidade de cirurgia do dedo polegar então entra com a papelada para justificar que há necessidade de um título para o cirurgião que vai operar só o dedo polegar (**marca a fala com as mãos**).

LM: Mas na hanseníase na leprologia foi o senhor? O senhor participou...

RN: Foi, foi...não aí é que você vai ver um negócio interessante é outra coisa interessante pra você pesquisar dentro da AMB, eu aí sabia que era um processo demorado, lento e coisa e tal e eu queria participar aqui e coisa e tal. Aí comecei a consultar, a AMB funcionava em são Paulo sabe? Olha mostrando que os paulistas são os brasileiros mais sabidos nesse país e estão na frente da gente sabe porquê? Quando eu cheguei lá para saber disso não sei quem foram o paulista que serviram de intermediaram... olha já havia uma proposta e estudar que a leprologia fosse uma especialidade e já está aprovado, quer dizer o processo penoso que justificava a especialidade já estava pronto.

LM: Já estava pronto ótimo.

ML: O senhor resolveu isso na época que o senhor era o presidente?

RN: Não sei.

ML: Eu acho que foi.

RN: Eu sei que o primeiro concurso foi realizado em Juiz de Fora sobre a presidência do Antônio Carlos Pereira aí novamente aquela idéia do legislador semelhante ao dentista, a parteira e tudo o mais o quê que aconteceu? O Dr. René que já tinha sido... que dava curso já fazia isso e tudo o mais, tinha que fazer o concurso? Não, então se estabeleceu que quem tivesse esses direitos provasse... o camarada, por exemplo, lá do Nordeste ele já era chefe do serviço de lepra ia fazer esse concurso?

LM: Claro que não.

RN: Não então o sujeito justificado olha eu sou da Paraíba, eu sou o chefe do serviço e coisa e tal a tantos anos...

LM: A prática dele já justificava a obtenção do título não é isso?

RN: Justificava mas sempre são exceções que sempre com data marcada dão um prazo para você justificar, ter aquilo para comprovar e eu entrei assim, quer dizer eu que batalhei para realização do primeiro concurso que foi em Juiz de Fora patrocinado pelo.... senão me engano pelo... era o pai do Antônio Carlos, o Antônio Carlos Pereira pai por causa disso então foi lá a Associação Brasileira de Leprologia que realizou o primeiro concurso e eram concursos que a gente exigia mesmo sabe e entrava gente sempre o Opromolla participou entrava... entrou gente de peso você...

ML: O último eu fiz parte da banca.

RN: Então. Então era isso e isso tem uma... faz parte de uma história importante da associação depois interromperam o último não sei que ano que foi.

ML: O último foi em 96 naquele Congresso que a gente Fundação Oswaldo Cruz...

RN: Não lá em Foz de Iguaçu não é? Então agora está por conta do Opromolla.

ML: Agora eu acho que não vai haver mais.

RN: É não é? Porque será?

ML: Sei lá! A sociedade ficou difícil de ser mantida.

RN: Porque foi tudo para Bauru.

LM: O Opromolla mas agora está com a Norma **Foce**.

LM: Ah está como Norma?

ML: Tá está participando da organização do Congresso Internacional.

RN: É está certo.

LM: Dr. René tem um dado também no seu currículo que em 73 o senhor fez um concurso público para médico dermatologista do INPS.

RN: É (**risos**).

LM: Então me explica uma coisa aí o senhor era professor da UFF...

RN: Eles estavam precisando de um médico mas não estava... eu nunca trabalhei não.

LM: Estava no Instituto de Leprologia e fez esse concurso, o senhor chegou a exercer professor?

RN: Não deixe-me te contar a história desse concurso.

LM: Ah como é que é essa história do concurso?

RN: Essa história é engraçada é dessas coisas que eu acho que duas vezes aconteceram isso na minha vida. Eu não ia fazer o concurso estava precisando de grana sabe aí abriram... vai ter um concurso do INSS eu não estudei e fui lá fazer e parece que eu perdi, mas perdi nesse eu fiquei assim na tangente não é? Mas não me interessei por aquilo depois... uns 2 anos depois me chamaram disse olha tem que tomar posse o senhor passou, ah passei no concurso? Sim mas estamos chamando devagar vieram chamando e coisa e tal eu não me interessei mas vale...

LM: Porque o senhor também já tinha consultório...

RN: Não mas vale como... qualquer concurso que você fazer.

ML: É, vale o título é.

RN: Então deixe-me contar uma intimidade que vocês não sabem da minha vida profissional.

LM: Certo.

RN: Eu sou formado em teoria e solfejo.

LM: Ah é?

ML: Olha!

RN: Viu? Tu não sabias (**risos**) aonde que era o curso? Teatro municipal de Niterói, quem é que eram os professores do curso? Maestro Felício e maestro Botelho os dois, têm ruas aqui em Niterói e eu era criança porque naquela minha época..... hoje as crianças fazem balé, musculação não sei o quê naquela época ou era piano ou violino sabe como é? Então eu precisava estudar violino para saber teoria então tinha esse curso no Teatro Municipal

era dado no Teatro Municipal de Niterói pelo maestro Felício e maestro Botelho. Então tinha umas guriazinhas uma é até minha cliente hoje a Geisa médica mas que estou comigo no tempo de coisa e eu era criança aquele negócio eu não sei como é que eu passei porque tinha um ditado musical.

LM: Nossa senhora!

RN: Era o... orfe...como é que chama o órgão como é que é? O órgão, o órgão era pequeno o maestro Botelho tocando fazia as coisas e você tinha que botar.....

LM: Na pauta?

RN: Nas notas é eu não sei como é que eu passei naquilo eu considero o meu ouvido péssimo. Bom então o curso que era pra ser em três anos eu fiz em quatro anos então o meu álbum é uma graça porque tinha já um cara que tocava clarinete na Polícia Militar, tinha um que é de uma família de musicista da região de Itaperuna não sei o quê maestro... depois ele foi ser o maestro (**inaudível**) lá no meu álbum e eu garoto com uns 8, 9 anos fui tirar fotografia lá no fotógrafo não tinha roupa para coisa então me botaram um paletó desse tamanho (**risos**) preto e está lá a minha carinha lá junto com a Geisa.

ML: Na festa de formatura de solfejo (**risos**).

RN: Bom, sabe porquê que eu estou contando isso? Porque... por uma razão muito engraçada um cliente meu... depois acabou o curso de música não era dado mais no teatro municipal criou-se o conservatório livre de música de Niterói aquela coisa e tal. Um funcionário desse conservatório de música disse ah eu vendo aqueles álbuns, aquelas coisas velhas vi seu nome seu retrato o senhor está lá coisa e tal ah é você viu eu tenho também esse álbum aí ele disse uma coisa para mim o senhor sabe que quem fez ...o tal negócio... quem fez aquele curso é considerado curso de pós-graduação em música.

LM: Nossa!

RN: Não brinca!? É.

ML: Então o senhor é formado... é especialista.

RN: É aí ele ainda disse assim para mim se o senhor entrar num concurso isso vale ponto à beça (**risos**) .

LM: Pois é nada é perdido não é Dr. René?

ML: O senhor é polivalente em professor René?

RN: Nada aí o mais engraçado é o seguinte sabe eu morei em um lugar você não bota essas coisas aí não são coisas engraçadas na minha vida, minha mãe era professora num bairro de Neves, Neves tinha tanto botequim e mosca sabe que definiam Neves como uma ilha cercada de Pau d'água por todos os lados (**risos**)era o lugar onde eu morei. Então atrás de onde eu morei tinha um morro chamado morro do fogueteiro e na frente do colégio onde minha mãe era professora tinha o campo da vaca brava você já viu que... basta dizer que no campo da vaca brava tinha o jogo de futebol todo domingo e terminava

em porrada (**risos**) era uma loucura, era uma loucura e o goleiro de um dos times era conhecido da minha família era o Ari carne seca ele brigava para burro, ele engolia tudo quanto era frango lá e ainda depois (**risos**) queria tirar satisfação, atrás desse campo... tinha um colégio, moro do fogueteiro, campo da vaca brava e a vaca brava era uma criatura que existiu (**risos**) era mulher de um pescador que eu sabia o nome agora eu esqueci, esse pescador tomava umas pingas queria dar cacetada na mulher era a vaca brava que era uma mulher brava mesmo (**risos**)e um dia dela... depois de ter tomado umas porradas, umas cachaças coisa e tal o quê que ela fez? Calmamente ele estava dormindo a sono solto botou uma chaleira daquelas chaleiras de bico com água para ferver amarrou a mão dele e começou a jogar água fervendo no ouvido dele (**risos**).

LM: Ah!

RN: Está entendendo? Quase  matou o homem ficou... isso foi uma festa total então eu morei numa região realmente.... uns soltavam foguete, a porrada comia solta e aquelas rameiras de pescador são lembranças muito agradáveis...

ML: Histórias, histórias que a gente fez o senhor lembrar aqui.

RN: É isso mesmo ah bota só essas coisas tira o resto.

LM: Dr. René... (**risos**)

ML: Ele já deve estar cansado laurinda não é?

RN: Não, não estou.

LM: Não almoçou, o senhor vai trabalhar tarde?

RN: Vou.

ML: Aqui?

RN: É, pego 8 horas da noite.

ML: E o almoço?

RN: Então tenho... eu descobri por acaso aqui na entrada do edifício pela rua da Conceição tem um bar, uma coisa aqui eles fazem um negócio com muito asseio e tudo o mais e eu às vezes que não estou com vontade de almoçar eu como um misto quente aí que é uma delícia sabe é um misto quente como um suco de laranja e tal...

ML: E o senhor começa a trabalhar que horas? Tem paciente que horas?

RN: Ah três horas só.

ML: Tem que ter uma hora para trabalho não é? Porque senão...

LM:  Querem encerrar então?

RN: Olha eu estou a disposição.

ML: Eu acho que a gente...não sei....

RN: Olha eu me comprometo... vou dizer uma coisa para vocês... eu acho que... se eu achar que tem alguma coisa importante... vocês ficaram de me trazer para eu olhar isso antes não é?

ML: Ah depois tem que transcrever.

LM: É, depois é outra fase depois.

ML: Ah, é um trabalho grande de transcrição.

RN: É, imagino mas se é que tiver fazer alguma pergunta eu estou bem não tem... posso...

ML: É, não está com fome não?

RN: Não, não estou não vê o que é que falta aí mais.

LM: É que vai ter que virar..... só um segundo.

**Fita 5 – Lado A**

LM: Fita nº 5, então fala para gente doutor desse curso de pós-graduação médica Carlos Chagas é ligada a alguma universidade não?

RN: Não. Ele é o seguinte, ele é uma instituição extremamente curiosa logo quando eu entrei para lá... primeiro os professores são escolhidos, são professores de elevado padrão e são escolhidos a dedo assim para.... são convidados para apresentar seu currículo então eu quando tomei posse quem é que tomou posse também no mesmo dia? Ivo Pitangui então você... eu estou dizendo o Ivo porque é uma pessoa conhecida.

ML: Onde que é a sede?

RN: Aí é que é a Sede eu digo, o que é o instituto de Pós-graduação Carlos Chagas? Não pode dizer isso que eu vou dizer agora é uma instituição aeroespacial.

LM: Aeroespacial é ótimo.

RN: Onde só tem a base de soltar o foguete muitas veze se tem uma secretaria para fazer um exame de solução, algumas provas e alguns cursos para poucos alunos tem uma percentagem lá. Então os professores que são aceitos para dar os cursos nas diversas áreas, cirurgia plástica... dão os cursos nos seus serviços.

ML: Porque eles usam os serviços dos outros?

RN: Dos outros não tem...

ML: É muito cômodo não é professor?

RN: Muito cômodo por isso é que eu disse eles têm uma secretaria aéreo especial, tem um indivíduo extremamente inteligente...

ML: Mas os cursos aceitam isso?

RN: Os cursos o quê?

ML: Os cursos de pós-graduação aceitam?

RN: Aceitam, ele é dado ao nível de.....

LM: Especialização?

RN: Corresponde como se fosse uma especialização com dois anos....

LM: 360 horas.

RN: E defende uma monografia .

ML: E a prática? Como é a prática?

RN: Aonde o serviço pode aceitar.

ML: Onde arranjar estágio.

RN: Como é que eu era professor disso? Quem me indicou? Antônio Carlos Pereira Junior.

ML: É porque ele é um dos professores.

RN: É de lá. Então eu era professor na UFF então eu aceitava dois alunos..... alunos que tinham tentando aqui, ali, acolá, tentavam lá então os alunos chegavam aqui na Fluminense eu tinha meu curso normal de mestrado e eu chegava para cada professor daquele e dizia assim olha esses dois rapazes a Márcia e Maria vão ficar como ouvintes vocês não têm nenhuma responsabilidade com eles eu é que dava...eu dava a prova em cada um desses setores então isso enquanto eu fui chefe era apenas... eles eram meus professores não custava nada era só o que faltava deles....não, não pode ficar como ouvinte ninguém ia dizer isso, eles não tinham responsabilidade nenhuma com aqueles alunos não era aluno da UFF e a prova e o trabalho final era comigo, monografia.... assim aquela Elvira que passou lá pela coisa, a Adriana então tinham algumas pessoas assim o Lúcio... três que fizeram monografias...

ML: O Lúcio (**inaudível**)

RN: Não, não o Lúcio... esqueço o sobrenome dele está lá no Paraná fez uma tese sobre **poligno fibro epitelial** a Elvira fez uma tese... monografia, sobre unha e insuficiência renal e Adriana fez sobre carcinoma verrugoso então um trabalho final e coisa e eles assistiam as aulas e coisa e tal e quem cobrava era eu. Quando eu saí da UFF eu perdi a minha base de sustentação aí criou uma dificuldade quê que eu ia fazer... aonde é que

esses alunos...? Eu não ia pedir agora por favor para o professor de lá deixar como ouvinte olha Maria Leide foram coisa ou três anos que me deram um trabalho infernal sabe o quê que eu tinha que fazer? Trazer para o consultório eles ficavam assistindo para eles foi um beleza não é? Eles ficavam nenhuma salinha ali os casos interessantes eu ia mostrando eles tiveram aulas particulares, com professor particular para eles.

ML: Aí iam na sociedade...

RN: Não, não é só na Sociedade não Gabriela olha aqui essa é minha candidata a assim, assim para estagiar Opromolla vou mandar aí.. pagava aquela hospedagem que ele cobrava lá. Então eu passei a distribuir as pessoas mas dois, três anos ai pedi meu desligamento agora vou reingressar colaborando com o Periassu da Policlínica do Rio de Janeiro ele é também professor dessa instituição Aéreo Espacial.

ML: Mas onde que é a sede? Não tem Sede?

RN: Tem sede, só tem a Sede querida e lá na (**risos**) Avenida Beira-mar no final da Av, Antônio Carlos tem uma pracinha ali...

LM: Perto ali do Consulado Francês...

RN: É.

LM: Isso.

RN: Em frente, em frente naquela curvinha, 5º andar. E tem professores ótimos lá o Gerson (**inaudível**) Pereira professor de lá... e os professores... mas assumem com isso eles não...a gente só é só tem o título de professor que passou por uma Comissão. Não é qualquer um que entra naquilo não.

ML: É complicado não é? Como é que pode ter o certificado se não tem...

RN: Ué! Tem o certificado ué! O Instituto de Pós-graduação Carlos Chagas não existe em...

ML: Mas o licenciamento diz que tem lugar para aula prática, para aula teórica...

RN: Mas em cada serviço.

ML: Aí ele pega o do outro serviço.

RN: Quem faz com o Pitangui fica não sei quanto tempo lá é assim mas é um negócio meio... você tem que explicar sempre para as pessoas aquele careta lá que está causando as maiores confusões lá em Volta Redonda, aquele Serra abriu para 10 alunos, 20 alunos.

ML: Ah ele estava nessa história aqui não é?

RN: Por isso é que começou... começou a confusão por causa disso quando não pode.

LM: Dr. René, o senhor participou assim ao longo da sua vida e ainda deve participar de muitos Congresso de dermatologia, de hanseníase e tal qual assim que o senhor... quais não é? Qual, quais o senhor julgaria assim que foram mais importantes, que assuntos assim que foram debatidos que o senhor julgou de mais relevância.

RN: É.

LM: O que o senhor tem a dizer para gente desses congressos todos?

RN: Antes de... você vai me cobrar isso mas antes eu quero dizer uma coisa que é importante?

LM: Pode dizer.

RN: Que eu acho importante, as disciplinas que eram dadas na graduação antigamente eram dadas de uma forma melhor na nossa especialidade, primeiro que o tempo que era dedicado era maior hoje em dia tem faculdades aí que dão um mês e meio só de dermatologia ninguém consegue fixar um negócio desse embora, seja uma especialidade que tenha suas particularidades que você vê que o sujeito tem... tenho um negócio aqui mas você não consegue meter uma série de coisas na cabeça...

LM: É muita coisa o aluno sai sem saber...

RN: Por exemplo, o alergista que eu falei...

LM: Sei.

RN: Esse daqui que tem umas 10 coisas ele trata de **rinite**, asma, eczema de contato uns tipos de **poligno** e acabou, acabou não tem mais nada que isso nós não, temos uma infinidade de coisa então é impossível você dar um curso compactado para a pessoa prender então eles passaram a fazer uma coisa ver quais são as 20 ou 30 doenças mais importantes fazer... a maioria das faculdades mas é dado de uma forma maciça... agora inventaram uma palavra que eu não sei de onde que surgiu isso todo mundo está usando maciva em vez de maciça.

ML: Massiva é.

RN: Eu não sabia disso.

LM: É de um grupo de (**risos**) tem um grupo muito bom, inglês que se chama Massive Attack, pode ser daí não é?

RN: Olha, mas eu estou achando estranhíssimo isso toda hora que eu vejo...

LM: É, massiva é eu já ouvi várias pessoas falarem isso neologismos.

RN: Mas então é isso que eu queria dizer primeiro o curso de dermatologia era dado em um ano, três vezes por semana a apresentação de doentes todos os serviços mostram mas essa forma antiga, mais calma de dar os alunos aprendiam... agora isso é que eu quero dizer antes daquela pergunta sua, as doenças realmente mais importantes, as doenças

venéreas, a sífilis, a lepra, as micoses profundas, a leishmaniose isso era importante os tumores malignos você sai do curso de graduação sabendo o que era um **baseo** celular, sabendo o que era um (**inaudível**) celular, sabendo o que era um melanoma, sabendo as micoses profundas (**inaudível**) micose hoje em dia nós mais antigos vemos com uma certa tristeza que antes da pessoa tomar conhecimento e saber bem a importância que tem para esse país ainda de gente que miserável, gente vivendo de carência de todo o tipo não está interessada com isso está interessado em botar um botox, enfiar um negócio qualquer aí chega, chega...

LM: Porque o senhor...

ML: Dos congressos não é? Tem mais coisas sobre Congresso.

LM: A que o senhor atribui isso Dr. René?

RN: Eu acho que isso é... primeiro uma culpa em parte dos professores.

LM: Sei.

RN: Culpa em parte dos professores que estão se afastando dessa realidade segundo de um jovem hoje não é só na medicina não, na engenharia e várias outras... que não encontra mercado aberto para eles.

LM: O mercado está muito mais aberto mais tipo de prática é.

RN: Então se o camarada vem aqui, vai fazer cirurgia comigo e coisa e tal como hoje eu fiz uma cirurgia aí, tirei uma negócio na bolsa escrotal do indivíduo, tirei uma porção de ceratose quase 20 lesões então ele pagou x a importância modesta. A mulher para enfiar um botox na cara... cobra três vezes mais... então chegou aqui uma moça bonita morena ela tem uma estampa que parece atriz de cinema minha cliente e chegou e disse assim eu não sei se ela é inteligente ou se é só sacana também irônica e disse assim para mim você não quer fazer botox em mim não? Dá vontade de dizer puxa mas você está....mas disse não fala sim! Não fala assim.

LM: Não pergunta de novo não.

RN: Mas então essa gente que fazer botox, querem enfiar botox em todo lugar então técnica de preenchimento, então eu vejo.... eu vejo...

ML: O senhor acha que os congressos ultimamente...

LM: É os congressos também privilegiam...

RN: Então eu vejo, eu vejo como apreensão isso.

LM: Os congressos também privilegiam isso?

LM: O senhor acha?

RN: Eu vejo com apreensão isso não podia dar agora por outro lado esse curso de dermapatologia tropical...

LM: Realmente ele criou...

RN: Olha é uma dificuldade para você obter ajuda depois que a Maria Leide foi lá não é por estar na presença dela nós tivemos um novo impulso porque a Maria Leide viu, compreendeu essas dificuldades e procurava ajudar sempre o Ministério da Saúde tem ajudado mas não época dela ela deu ênfase isso...ajudava um curso que os laboratórios não querem ajudar porquê? Quem é que tem lepra, quem é que DST, quem é... é bombardeado.

LM: Classes sociais.

RN: Está entendendo? Agora quem vai fazer botox, quem que vai fazer isso é gente da coisa então enche assim as salas então você impedir isso não! Você cuidar da beleza isso é... todo mundo quer se cuidar porque todo mundo não quer envelhecer não é? Eu assino uma revista francesa, essa não é francesa é americana mas uma revista francesa que eu leio tem umas coisas e epidemiologia muito interessante então saiu a reportagem sobre a República de Mali, Mali e tal coisa...

LM: Na África.

RN: Então eles têm parece 12 mil habitantes, 11 dermatologia e eu leio sempre assim...quer dizer eu além de botar as coisas no fichário assim eu dou uma passada e coisa eu vejo, tem 11 dermatologistas, 10 não sei aonde o outro não sei de que mas uma coisa que me chamou a atenção expectativa de vida nele em Mali agora, agora, o trabalho saiu... 46 anos.

LM: Nossa!

RN: Puxa, o tempo médio de vida 46 anos? Só isso você já imaginou o quê que deve ser a situação dessa população não é? De abandono de tudo quanto é jeito.

ML: É e é uma colônia francesa não é?

RN: Então a gente vê, eu vejo os mais antigos vêem com... a pressão na minha época que a gente dava um cuidado especial todo mundo tinha que saber sífilis muito bem as doenças venéreas, a lepra... você sabe...era a verdadeira paixão que a gente tinha por isso hoje você... as pessoas não querem mais saber de lepra na lepra dá um remedinho fica bom não é assim isso é ruim sabe?

LM: É.

RN: Isso não é um bom negócio...

LM: É desvia muito o interesse não é? Essas coisas.

RN: Agora eu acho que uma parte está nos professores que estão dando muita ênfase a isso não é? Eu sei de cursos de graduação que já estão na graduação enfiando na cabeça que...

LM: E o senhor acha Dr., René que nos congressos assim de dermatologia realizados ultimamente isso se apresenta? Esse interesse muito grande...

RN: Ah sim, sim. Não é só aqui não lá fora...

LM: No exterior também.

RN: Você esteve naquele Congresso lá da Espanha?

ML: Não, esse não fui não a Eugênia é que esteve.

RN: É, naquele Congresso da Espanha...

LM: Em Málaga...

RN: Em Málaga.

LM: Em Málaga.

RN: Olha eu convidei os brasileiros, convidei a Maria de Lourdes, convidei a Leninha convidei umas pessoas... quando nos colocaram numa sala ampla praticamente só tínhamos nós como oradores e 15 pessoas.

LM: Olha! Ou seja não conseguiu atrair a atenção... das pessoas.

RN: A outra sala estava cheia.

ML: E assim eu achei muito chato o Congresso europeu que nós fomos convidados a fazer um simpósio de doenças tropicais, só tínhamos nós apareceu assim aquele (**inaudível**) lá duas ou três pessoas...

RN: É horrível isso! Você fica dá uma sensação desagradável ao mesmo tempo tinha uma sala cheia de negócio... de cosmético quer dizer, não pode isso, não pode isso eu acho...

ML: Mas até que nos congressos assim isso lá no Ministério a gente... quer dizer, a sala de hanseníase do fórum de hanseníase...

RN: Tem estado cheia você lembra? Você viu?

ML: É tem estado cheia.

RN: Você foi naquela que o Azulay e eu convidamos as pessoas... foi.

ML: Foi isso.

RN: Que eu convidei a Celina, convidei aquela menina outra...

ML: Estava cheio.

RN: Estava cheio foi uma surpresa agradável e eu fiquei muito satisfeito com...

ML: Eu acho que o professor René tem um papel assim nos congressos que sempre que ele pode, ele coloca hanseníase, coloca doenças tropicais que eu acho interessante.

LM: Hum, hum isso é ótimo.

RN: Você vê o seguinte eu fiquei satisfeito a última reunião do Congresso agora lá de dermatologia eu estava vendo os trabalhos que foram premiados e pôsteres eu fiquei feliz sabe porquê? Porque uns quatro ou cinco trabalhos de lepra foram premiados.

ML: É o meu**...**

RN: O coisa não é?

LM: Que bom!

RN: Então nisso eu fico satisfeito porque pela minha formação eu comecei num instituto que foi criado para pesquisa em lepra entendeu? E você viu as pessoas irem se afastando paulatinamente não é? E uma coisa ruim ouviu Maria Leide? Isso é péssimo responsabilidade também dos professores estão dando a impressão... uma coisa é a idéia certa da Organização Mundial de Saúde do Ministério da Saúde...

LM: Eu ia perguntar isso para o senhor agora.

RN: Da campanha em relação de um esquema terapêutico...

ML: Já está falando da eliminação...

RN: Está entendendo? Isso é uma coisa, a outra coisa é se você não conta a história do negócio e passa isso para os alunos não essa aqui... agora vai ter um remédio que vai fazer... eles começam a se desinteressar já está tudo resolvido não interessa mais fazer o diagnóstico é só saber se tiver um bacilinho ou outro dar isso assim... tornaram uma coisa que não devia ainda que o governo gasta muito aonde ainda existem muitas incógnitas talvez mais para os antigos do que para ela está no meio do caminho também não vou dizer que você é novinha não então isso está causando um problema porque as pessoas estão banalizando.

ML: O senhor acha que isso interfere no controle? Vai interferir no controle?

RN: Ah, interfere, interessa, interfere vocês não... nós quando eu digo vocês, nós.... nós não podemos dar a impressão de que a lepra é uma doença...

ML: Banalizar em excesso.

RN: Já banalizar.

LM: É.

RN: Não é assim você tem que dizer que tem controle, tem isso mas tem ainda problema.

ML: Tem problema.

RN: Tem problema se você pegar um grupo de leprólogos e hansenólogos você vai ver que essa situação da recidiva, recaída não sei o quê o que faz o que não faz existem vários aspectos polêmicos ainda (**marca a fala com batidas na mesa**.) você tem que transmitir a polêmica, você que... Márcio você que é novo, que está estudando você tem estudar isso aí para ver aonde é que está a verdade?

ML: O senhor acredita que o senhor vai ser a eliminação da hanseníase no Brasil? A eliminação segundo a meta das OMS menos de um doente em dois mil e... vai não é?

RN: Vai uma vez...

ML: Você acredita que vai? Ele acredita nisso.

RN: Uma vez eu disse a você que as críticas que você estava recebendo e que eu mesmo fiz sobre o novo esquema terapêutico, eu disse para essa aí não sei se ela lembra disse olha você é advogado de defesa seu.... você não está utilizando uma argumentação que você pode utilizar, nas críticas que vieram em cima como é que você vai dar uma **rifanpicina** uma vez só por mês ou vai usar isso? Como é que você vai suspender o tratamento matematicamente se você sabe que a imunologia... se você tiver dois irmãos é diferente? Como é que você vai estabelecer um prazo fixo? Como é que você vai dizer que se não tem mais bacilo ali, aquilo não está mais ativo ou não está? Quer dizer então tem pontos polêmicos, como é que vai suspender com dois anos? Então isso era uma crítica que as pessoas faziam tendo ainda isso uma coisa e tal eu disse assim vou servir de advogado de defesa seu embora tenha várias dúvidas vários sabe o que é? Você tem um organismo internacional que se chama Organização Mundial de Saúde que tem que... não posso... isso aqui está dentro daquela revistinha...

LM: Essa daqui.

RN: Aqui viu? Você presta atenção mesmo espaço Caubói caiu até no lugar olha aqui então essa entidade internacional normativa tem que saber com está a saúde no mundo, que ela busca alguma coisa que funcione em prazo mais curto e coisa e tal que isso representa um benefício não só para doentes, milhares de doentes mas representa uma forma de abordagem, uma estratégia muito bem. Então é uma estratégia recomendada por uma entidade que tem participação multinacional para fazer uma abordagem de uma doença que é uma endemia séria então ele tem que... não tem que... essa entidade não pode raciocinar pela exceção, ela tem que raciocinar por um padrão então estabelece dois anos se dentro de dois anos um ou outro você vê que poderia continuar mais um pouco e tudo mais está bem você vai ser... isso é que faltava dizer na Organização Mundial de Saúde você vai ser juiz para casos especiais se você tem uma doença que você... uma forma clínica faz uma cicatrização vacinal e cura e outro doente com uma forma de tuberculose tem a chance de evoluir para a forma mais grave você tem um exemplo da imunologia diferente, você não pode pegar uma determinada doença e dizer que aquela imunologia vai ser assim dentro do padrão mas a Organização Mundial de Saúde está dando um programa para lançar para milhões de pessoas então esses casos hoje passam a

ser a exceção, a exceção é ser diferente você estabelece regras para as exceções coisa que passou a se fazer de alguma forma ainda... ainda...

RN: A questão também de não se ter uma vacina não é Dr. René não se pode pensar na questão da erradicação não é?

LM: É.

LM: Então se ficou no controle e está se pensando agora na eliminação.

RN: É eu acho isso.

LM: Mas a coisa de não ter uma vacina eu acho que...

RN: Agora isso...

LM: O fato dela não ser imunopreviníveL...

ML: Você sabe que o Sinésio está achando que piorou... algumas pessoas dizem assim ah! Ontem mesmo a irmã Ângela falando comigo no telefone ah Maria Leide a situação da hanseníase ninguém discute mais a gente não se reúne porque o Ministério da Saúde aquele comitê aquilo não reúne mais a três anos e meio.

RN: Olha eu acho que vocês...

ML: E aí... mas eu fico achando assim eu não sei se piorou eu não sei eu acho que eu não esperava também resultados impactantes a curto prazo.

RN: Olha eu vou lhe dizer uma coisa não é por estar na sua presença.

ML: Remédio não está faltando.

RN: Você foi uma perda...

LM: Pois é o que está acontecendo não é?

RN: Foi uma perda lastimável para o Ministério da Saúde a saída dessa criatura, a saída dela de lá .

LM: De lá de Brasília?

RN: De lá de Brasília! Isso... olha eles estão com dez passos para trás.

ML: Ah, mais também não foi assim não.

LM: Imagino!

RN: Eu lembro, eu lembro, eu lembro quando essa aqui convidaram ela para ocupar esse cargo lá tinham me convidado eu disse não...quem me convidou tinha sido uma indicação através do Fausto, tinha sido observador lá e coisa olha me pediram para indicar eu disse

que era você não sei o quê...não Fausto eu não vou levar minha família para lá não era o coisa..... dias depois ela me liga olha me convidaram para isso assim e assim o quê que o senhor acha? O senhor não me chama de professor porque senão eu dou...

LM: É dá bronca. (**rindo**)

RN: Eu disse você quer? Você quer? Lembro até a hora, o telefone... telefonou eu disse oh Maria Leide você não entende nada disso mas você é a pessoa para o cargo sabe por quê? Eu disse isso para ela porque você é uma criatura correta, você entende do assunto e as coisas de ordem administrativa você vai aprender lembra disso?

ML: Hum, hum.

RN: Lembra disso? Isso era no tempo que ela confiava em mim mas depois ela escutou uma música que não confie no homem com mais de 30 anos pronto aí eu fui para o espaço.

ML: (**risos**) Eu não sei porque ele está com essa onda aí ele participou do comitê como representante das universidades.

RN: Aí ela faz uns **peti** comitês o Dr. René já era.

LM: Aí nem te convida mais.

RN: Miolo mole (**risos**).

ML: Ele foi.... participava como universidade do comitê...

RN: Muito bem.

LM: Dr. René me diga uma coisa porque é que o senhor acha que o Brasil ainda hoje detém o segundo lugar em número de casos só perde para a Índia não é?

RN: Não isso daí você tem ...

LM: O senhor acha que a gente vai mudar esse panorama?

RN: Vai, vai, vai mas não vai mudar esse panorama...

ML: (**inaudível**) Isso aí...

RN: Isoladamente... isso faz aparte de um contexto.

LM: Certo.

RN: Você não pode ter aí utopia de imaginar que esse aspecto... um grupo de indivíduos de um determinado governo...

LM: Vai resolver... é.

RN: Com uma filosofia que diz uma coisa e faz outra vai der repente cuidar desse assunto

eu acho que não isso vai ser um processo...você vê a gente... enquanto ela estava lá estava dando... todo mundo elogiava o trabalho dela eu fui um dos maiores admiradores da Maria Leide fui deu apoio integral, participou, trabalhava fazia as coisas que tinha que fazer então quando eu vejo isso, a saída dela, eu vejo com uma tristeza enorme isso é um exemplo, isso que você diz lá da Amazônia não sei o quê deve ser uma realidade todo mundo sentiu a saída dela, todo mundo ciente que a coisa se desestruturou lá(**marca a fala com batidas na mesa**.).

ML: Mas é um outro momento.

LM: É claro.

RN: É, eu não sei não.

LM: Mas quando eu falei segundo lugar o senhor questionou e isso são dados da OMS. O senhor acha que não são... confiáveis?

RN: Não eu acho que as estatísticas...

LM: Ou as estatísticas são falhas...?

RN: Não eu acho que...todas as nossas estatísticas, todas elas., sem exceção são falhas não é? Nós não temos um serviço de coleta de dados se você...

ML: O nosso **(inaudível**) é considerado o melhor.

RN: Não, não estou dizendo que não seja eu estou te falando agora de estatística de um modo geral...

LM: Sei.

RN: Quando você pega esses dados, a forma que foi colhido, quem colheu, quem fez isso? Você sabe um exemplo que pode ser dado teve um determinado momento um colega que foi até colega meu de turma que foi para o Acre e chegou a publicar um trabalho sobre o problema da hanseníase e da coisa ele viu coisa que... ninguém viu só ele.

ML: Que não são hanseníase não é?

RN: É uma porção de coisas desse tipo então esse negócio que tem desse projeto Rondon, Projeto Rondon que vai lá para Amazônia...

LM: Projeto Rondon...

RN: Então outra coisa...

ML: Não, agora e descentralização total todas as unidades médicos de saúde da família...

RN: É, então a idéia que houve naquela época...

LM: A política agora é de total descentralização... (**inaudível**)

RN: Estou lembrando o mal que faz não é? Então jovens a idéia estava certa jovens para tomarem contato com a realidade brasileira vai para lá não tinha uma supervisão adequada, então aqueles jovens que ainda não estava amadurecido começaram a fazer e a dar declarações que tinha lepra em tudo quanto é lugar em tudo quanto era canto entendeu? Então isso às vezes passam informação... estou dando um exemplo grosseiro que eu estou dando mas a forma de coleta de dados todos nós sabemos que ela... ela às vezes está bem próxima da verdade mas muitas vezes ela está próxima de... você quando joga dados para comparar aí é que a coisa fica difícil.

LM: Exatamente.

RN: Por exemplo eu fui... ensinaram-me, me ensinaram que o problema da lepra no nordeste principalmente quando você pegava ali... é nordeste não é? Piauí aquela coisa não existia, não existia lepra lá a realidade é outra quando você começa está entendendo?

LM: Entendi.

RN: Então você tem que ter um espírito crítico na avaliação de dados muito grande que eu não tenho ela aplica regra em estatística mas eu tenho uma intuição grosseira de quando eu vejo é como eu... quando eu pego um artigo de uma revista dessa para ver eu ler, eu leio o título, leio quem é, leio a bibliografia, antes de ler o artigo para ver se aquilo é confiável ou não porque eu não vou perder tempo em coisas que... não é? Que pela minha vivência ou coisa... que não me interessam então na avaliação de dados essa coisa toda... então voltando a sua pergunta você acha que esse panorama... acho mas eu acho que vai ser dentro de um...

LM: Um prazo muito longo.

RN: É um prazo dentro de um contexto e não pode ser só um grupo do Ministério da Saúde querendo resolver isso você sabe disso, você estabelece um plano para o Ministério da Saúde vai fazer isso..... vai fazer uma campanha, vai fazer isso e aquilo chega no orçamento eles certa maneira brecam aquilo tudo então há uma interrupção de um ano o quê que isso representa? É um negócio terrível.

LM: Hum é um retrocesso....

RN: E você pode levar isso para exemplos mais palpáveis um exemplo que ver? Tinha uma doutora que estava cuidando.... **Argeta Mazovequi Treó** esposa do Tuma, brasileira naturalizada estava trabalhando em lepra do rato, bacilo de **estefante** então tinha umas gaiolas.... ela cuidava daquilo como se fosse parente dela não vou dizer filho dela (**risos**)mas aquilo os ratos caindo o pelo... que tem umas semelhanças com a lepra do homem embora seja coisa diferente mas tem algumas semelhanças, então ela tinha 4 gaiolas com aqueles ratos, aquele pelo caído, aquele negócio todo que ela cuidava daquilo carinhosamente anos, anos muito bem. Contrataram um servente para o serviço e o camarada ele tinha que fazer limpeza no biotério sábado e domingo quando não tinha ninguém lá ele era um servente... quantas estrelas? 5 estrelas então o filho da* viu aquelas gaiolas com aqueles ratos todos doentes **(risos)** não sei o quê.... o quê que ele fez?

LM: Ah não acredito Dr. René!

RN: O que ele fez? Então há dois anos ela acompanhando aquele negócio todo..

LM: Aí meu Deus!

RN: Pegou creolina...

LM: Ham!

RN: Dissolveu em água, afogou os quatro ratos que estavam sendo acompanhados isso é um exemplo do país em que a gente está e que vem tem ratos do PMDB, do PSDB, do coisa...

LM: Tem, tem muito rato por aí... tem rato para caramba.

RN: Para afogar a gente (**risos**).

ML: Deixe-me falar uma coisa para o senhor eu sei que o senhor é partidário da terminologia hanseníase e o senhor é um exemplo de que se deve.... que é politicamente correto falar hanseníase mas quando o senhor fala o senhor coloca muito lepra.

RN: Não porque é...

ML: É por conta da história de antes... como é isso?

RN: Não, não, não é porque... eu coloco lepra porque naquela época se chamava lepra.

LM: E isso ficou não é?

RN: Não... é porque o Instituto era de Leprologia, a Associação Brasileira era de Leprologia.

ML: Mas o senhor acha que nome hanseníase veio para ficar.

RN: Não veio... no Brasil eu acho que foi útil eu acho que foi útil, num aspecto pelo menos mudou um pouco porque quando você fala ainda se fala....ainda se em lepra se fala em lepra em diversos momentos mas eu acho que no nosso país pelo menos foi útil que deu... você... ajudou.... aquilo que o... o Rotberg que é um homem extremamente inteligente e interessante ele lutou por essa bandeira, por esse hino, por essa canção por uma razão ele queria mudando o nome atrair os doentes mais para fazerem o tratamento era essa a finalidade maior dele e isso ele conseguiu porque quando se falava em lepra eu como garoto.

ML: Era um horror não é?

RN: Na minha... onde eu morava aquele camarada era leproso.

**Fita 5 – Lado B**

RN: No nosso país eu sei que em certos países é indiferente, aquela estatística que mostraram em certos países não tem aspecto pejorativo noutros têm, noutros tem e para contar...

LM: Tem um estigma não é doutor?

RN: É, um estigma. o... esse... esse iugoslavo que foi brasileiro naturalizado Milan Tuma ele era Iugoslavo, estudou na Espanha, estudou em...

LM: É Milan o senhor falou.

RN: Milan Atuma **Ersal e**le contou uma coisa muito interessante a Iugoslávia fica do outro do Mar Adriático e ele disse o seguinte o italiano uma vez conversando comigo, o italiano é extrovertido não é? Então eles esgotaram no dia a dia a capacidade ofensiva do palavrão, o palavrão perdeu a ofensiva você quer brigar com um camarada diz você é um filho da puta não que dizer nada.

ML: É natural é.

RN: Olha, foi perdendo todos os palavrões você é um isso... então ele disse na época que ele viveu lá o palavrão que provocava briga, luta corporal sabe qual era?

LM: Leproso.

RN: Chamar o cara de tuberculoso .

LM: Tuberculoso!?

RN: Ah tuberculoso se você chamasse um italiano de tuberculoso... ah minha querida podia dizer que a irmã dele era vagabunda, que a mãe era prostituta.

LM: Qualquer coisa menos isso.

RN: Mas... não ainda mais o Italiano a prostituta tem...

ML: Então tem muito a ver com a cultura o senhor quer dizer isso não é?

RN: Tem, tem, tem haver sim com isso.

ML: E aqui no Brasil...

RN: Eu acho que foi útil, foi útil agora a implantação mundial foi uma quimera, uma utopia nunca passaria eu acho ainda tem uma coisa Rotberg e Bechelli eram amigos escreveram um compêndio de leprologia ganharam prêmios todos dois grandes médicos, grandes hansenólogos eram amicíssimos.

ML: Foram colegas de turma.

RN: Colegas de turma o Rotberg lançou essa bandeira de mudar no mundo inteiro e o Bechelli estava na Organização Mundial de Saúde onde ele ficou 10 anos, o Bechelli

estava lá quando o Rotberg começa essa campanha no Brasil e querendo... movimentando o mundo inteiro não sei o quê então houve uma reunião contam a história que eu ouvi que era decisiva para ver se mudava o nome ou não.

ML: Na OMS.

LM: Ah tá!

RN: E o voto de Minerva de quem era?

ML: Bechelli.

RN: Do Bechelli e o Bechelli votou contra o Rotberg ficaram sem se falar durante muito tempo.

LM: Nossa! Ele votou... é mesmo!? Votou contra.

RN: Votou contra então quem escreveu...

ML: Não, o Bechelli pensava muito....muito como a OMS mesmo até hoje. Ele não... não era brasileiro nisso não.

RN: Mas você me disse uma coisa surpreendente.

ML: Ele não pensou no Brasil.

RN: Você acha que o Sinésio está em mudando alguma coisa.

ML: Não o Sinésio... o que eu falei foi o seguinte, o Sinésio, no fórum lá o Sinésio e o Maurício eles achavam assim que a situação do serviço está ruim, está mudando para ruim.

RN: Ah sim! Eu acho.

ML: Está achando que está ruim eu acho que não, acho que é um momento diferente não sei.

RN: Não sei.

ML: Acho assim a gente não está se encontrando o comitê, o Ministério não usa comitê mais... sei lá! Então é um momento assim de tirar o poder dos programas não é? Que isso é estratégico... que é a proposta de descentralização.

LM: É isso.

RN: Olha tenho ouvido... eu tenho ouvido críticas assim... eu não eu sinceramente... eu quando saio de uma coisa...

ML: Porque agora, agora é a municipalização.

RN: Você ouve críticas.

ML: É a municipalização.

RN: Ouve críticas sabe?

ML: Em alguns lugares é fantástico, outros não mas é o processo não é? É o processo.

RN: Muito bem.

LM: Bom por mim...

LM: Eu acho que agora ele está olhando no relógio... (**risos**)

LM: É. (**risos**)

RN: Não, eu estou olhando é o seguinte...

LM: Bom Dr. René, eu queria agradecer muito...

RN: O negócio é o seguinte...

ML: Não, o senhor tem que fazer um lanche porque o senhor...

LM: Não mas a gente acabou também...

RN: Não olha aqui... o relógio, meu relógio não é esse meu filho me emprestou esse aqui.

LM: Não, mas já são 2 e 20 da tarde.

ML: 2 e 15.

RN: Mas eu estive vendo aqui que não tem ponteiro não é? Não tem ponteiro de minuto não é?

LM: Tem 2 e 25.

RN: Tem!?

LM: Aqui.

RN: Não, de minutos não tem.

LM: Ah de segundos?

RN: De segundos não tem.

ML: Não.

RN: Eu hoje estava procurando o ponteiro eu disse não tem.

LM: Não, não tem.

RN: Engraçado isso não é?

LM: É, relógio novo bom Dr. René. a gente queria muito agradecer a sua disponibilidade aí...

RN: Nada.

ML: A gente mostra ao senhor depois quando for transcrever.

RN: Não eu gostaria sabe porquê? Porque...